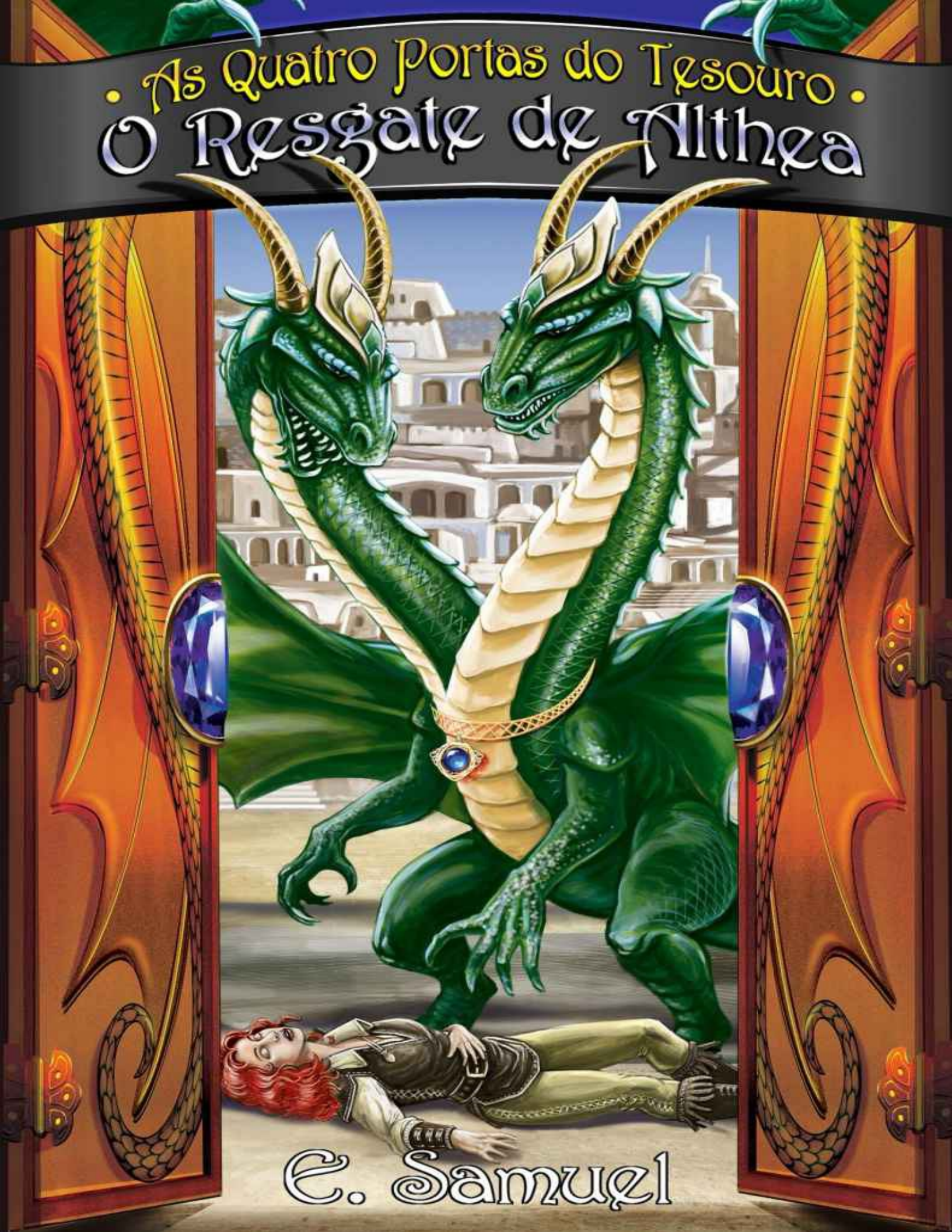
As Quatro Portas do Tesouro

O Resgate de Althea



E. Samuel

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

As Quatro Portas do Tesouro

- O Resgate de Althea -

E. Samuel

As Quatro Portas do Tesouro
O Resgate de Althea
Copyright © 2016 E. Samuel.
Todos os direitos reservados
ISBN 9781540559852

www.asquatroportasdotesouro.com

Proibida a reprodução dessa publicação, no todo ou em parte, através de quaisquer meios, sem a autorização prévia do autor.

Capa: Gary McCluskey
Revisão: Camila Silvestre

Para o Bruno, que sempre acreditou…

- 1 – Em pouco tempo chegaria lá e conseguiria salvá-la!
- 2 – Acorda criatura!
- 3 – Ela deve estar precisando de ajuda…
- 4 – Temos aqui a famosa cor de…
- 5 –Fácil pra você falar! Todo inteligentinho!
– 6 –Vocês podem ficar se quiserem… mas eu vou!
– 7 –Nós estamos perdendo algum elo…
- 8 –Terceira porta a partir da entrada…
- 9 –Gênio, eu desejo minha mãe, quero voltar pra casa!
- 10 –Gente…como a gente.
- 11 –Vamos procurar uma carninha aqui!
- 12 –Aliás, acho melhor acabar com eles de uma vez!
- 13 –…posso poupar suas vidas se a trouxerem de volta!
- 14 –Eu tenho uma dívida com vocês.
- 15 –Que diacho é afinal esse Caputren?
- 16 –É ela… é ela!
- 17 –Na verdade, eu tenho parte de uma ideia.
- 18 –Eu não acredito que fomos enganados desse jeito!
- 19 –Nós estragamos tudo!
- 20 –A gente meio que… matou ele?
- 21 –Então vamos pôr mãos à obra!
- 22 –Vou ordenar que matem Althea…
- 23 –É um plano meio inusitado…
- 24 –Olha aquilo!
- 25 –Pega o cristal!
- 26 –Você triunfou!

Em pouco tempo chegaria lá e conseguiria salvá-la!

D

aniel virou rapidamente a cabeça e viu que continuavam atrás dele. Corria o mais rápido que suas pernas conseguiam levá-lo. Só precisava seguir um pouco adiante, pois já via claramente a luz à sua frente. Só alguns metros e estaria lá.

Os gritos de ajuda ecoavam cada vez mais altos, deixando-o ainda mais nervoso. Em seu desespero, esbarrava nas árvores e tropeçava em pedras. Caiu novamente, dessa vez por causa de uma raiz levantada no chão.

A umidade do ar penetrando por suas roupas e o cheiro de folhas podres fazia suas narinas arderem. Seu coração batia apressado e sentia medo como nunca havia sentido antes.

Tentou levantar-se, mas seu pé estava preso. Ouvia passos apressados vindo atrás dele pela mata. Com a névoa, não conseguia distinguir o que eram, mas seja lá o que fossem, estavam cada vez mais próximos. Se não saísse dali imediatamente o alcançariam em segundos.

Puxou o pé com força, mas continuava preso. Tentou novamente, dessa vez cravando os dedos na raiz, sentindo a terra preta e úmida entrando sob suas unhas. A raiz desprendeu-se do chão e Daniel conseguiu se soltar. Levantou-se rapidamente e voltou a correr, ignorando o sangue que escorria pelo seu tornozelo.

De repente, Daniel ouviu um grito agudo e um pássaro passou voando rente à sua cabeça. Ele se jogou no chão para não ser atingido, enquanto o pássaro voava para longe, fazendo uma curva distante e voltando em sua direção. Levantou-se cambaleando e seguiu em frente, sentindo os dedos das mãos latejando e o tornozelo doendo. Ouvia o ritmo acelerado de sua respiração e as batidas fortes do seu coração, que pareciam soar em sua cabeça. O pássaro passou novamente por ele, dessa vez seguindo para lado oposto, e sumindo em meio às árvores.

A luz à sua frente brilhava cada vez mais forte! Em pouco tempo

chegaria lá e conseguiria salvá-la. Mais adiante, numa clareira, a névoa emoldurava o vulto de seu corpo contra a luz, seus cabelos voando ao vento como labaredas de fogo. Ela continuava gritando por socorro.

Os pés de Daniel afundavam no chão cada vez mais pegajoso. Ficava mais e mais difícil continuar correndo, até que precisou diminuir a velocidade e puxar as pernas, desenterrando-as a cada passo. Ela continuava gritando e Daniel, desesperado, olhava constantemente para trás, vendo que, seja lá o que fosse que estivesse atrás dele, estava se aproximando. Respirou fundo, sentido o ar frio da mata refrescar seus pulmões, e buscou toda a energia e coragem que tinha para continuar. A lama parecia querer segurá-lo, impedi-lo de chegar ao seu destino, mas Daniel seguiu em frente.

Entrou correndo pelo arco luminoso. Agora já conseguia vê-la claramente. Ela era muito mais bonita do que imaginava, muito mais bonita do que na foto que tinha visto. Seus olhos verdes pareciam brilhar em face a tanto desespero. Os cabelos avermelhados voavam, ondulando no ar. Aquela visão fez com que Daniel se acalmasse, como se de repente tudo ficasse em silêncio e uma sensação de paz se espalhasse pelo seu corpo. Por um momento, ele se esqueceu do perigo que o seguia. Ela o viu e esboçou um sorriso de alívio.

— Daniel! – ela exclamou, sua voz tão suave que soava como o canto de um anjo. – Você finalmente veio me salvar!

Ele se aproximou e estendeu a mão para apanhá-la. Assim que a tocou, seu corpo começou a se distorcer e ela se esvaiu como fumaça.

— Nãããããoooo! – ele gritou, tentando em vão segurá-la, vendo sua imagem escorrer por entre seus dedos.

Daniel deu um salto e caiu da cama de cara no chão.

Acordou atordoado, olhando ao redor. Estava em seu quarto. Levantou-se e se sentou na cama, segurando a cabeça entre as mãos. Sentiu uma gota de suor escorrendo pela lateral do seu rosto, até cair como um pingo solitário da ponta de seu nariz. Olhou ofegante para o relógio na mesa de cabeceira: três da manhã.

Tentou acalmar-se, passando a mão na testa, que ainda estava quente com a pancada. Foi até a cozinha beber um copo de água e voltou para a cama, mas não conseguiu mais dormir. Não era a primeira vez que um sonho como aquele lhe tirava o sono, mas estavam ficando cada vez mais intensos.

Acorda criatura!

N

o dia seguinte, Daniel chegou atrasado na escola, o que não era exatamente uma raridade.

Sua primeira aula era de matemática, com a professora Madalena, que adorava passar um sermão na galera. Ele hesitou em frente à porta, esperando o momento certo de entrar. Pela janelinha observava a professora falando com a classe. Assim que ela virou as costas, Daniel bateu levemente na porta antes de abrir, só mesmo para poder dizer que tinha batido caso ela reclamasse. Estava torcendo para que a professora não percebesse sua presença, e ele conseguisse entrar sem ser visto. Colocou a cabeça devagar pelo vão da porta, esgueirando-se em silêncio. Alguns alunos perceberam o movimento e logo a classe toda estava olhando para ele. Daniel levou o dedo indicador à boca, fazendo sinal para que ficassem quietos. Assim que conseguiu fechar lentamente a porta, a professora, que continuava de costas, escrevendo no quadro negro, virou-se e olhou para ele por cima dos óculos.

— Atrasado de novo, Daniel! – ela exclamou com uma careta.

Um burburinho correu pela classe enquanto a professora continuava parada, olhando para Daniel com cara feia.

Daniel, sem ter o que fazer, abaixou a cabeça e seguiu para seu lugar com cara de poucos amigos, murmurando alguma desculpa. Sabia que o sermão ia começar e hoje não estava com paciência para escutar. Seguiu rapidamente pelo corredor entre as carteiras e sentou no único lugar vazio.

A professora começou a falar para a classe toda, reclamando do atraso, dizendo que aquela seria a última vez que toleraria aquele comportamento por parte dele ou de qualquer outro aluno. Todos na sala olharam torto para Daniel, que continuou em silêncio, olhando para a ponta do tênis.

Júlio, sentado na carteira ao lado da de Daniel, esperou a professora voltar a escrever na lousa antes de perguntar baixinho:

— O que aconteceu com você? Parece que foi atropelado por um caminhão!

— Não foi nada! – Daniel respondeu, tirando o caderno da mochila e colocando-o bruscamente sobre sua carteira. – Só estou morrendo de sono, não dormi nada essa noite.

Júlio olhou aflito para Daniel.

— Você teve outro sonho? – ele cochichou.

— Sim – Daniel respondeu simplesmente.

Júlio permaneceu em silêncio. Observou Daniel por mais alguns segundos antes de se virar para prestar atenção na aula. Por mais que tentasse concentrar-se, a todo instante ele se virava, olhando preocupado para Daniel.

Pelo resto da manhã inteira, Daniel lutou para conseguir manter os olhos abertos. Mal conseguia acompanhar o que os professores diziam e suas anotações pareciam garranchos sem sentido algum. Assim que o sinal para o intervalo tocou, a turma toda saiu correndo para o pátio da escola. Marcelo veio do fundo da sala.

— Acorda, criatura! – ele disse, dando um tapa na cabeça de Daniel.

Daniel fez uma careta e se levantou.

Os três foram para o final do terreno da escola e sentaram-se embaixo da árvore onde sempre ficavam.

— Então! – Marcelo falou, dirigindo-se a Daniel. – O que você tem?

— Ele teve outro sonho! – Júlio respondeu pelo amigo.

— Outro? – Marcelo perguntou, curioso. – E como foi dessa vez?

— Confuso… – Daniel respondeu. – Só que dessa vez eu consegui chegar até ela.

— E aí? Você conseguiu salvá-la? – Júlio perguntou.

— Não – disse Daniel.

— Não? – perguntou Marcelo.

— Na hora em que eu encostei nela, ela desapareceu como fumaça e eu caí da cama! – Daniel disse, desapontado.

— Caiu da cama? – Marcelo começou a zombar, mas o olhar feio de Daniel fez com que ficasse quieto.

Os três permaneceram em silêncio.

— Mas pelo menos serviu pra me dar uma certeza… – Daniel acrescentou.

— De quê? – perguntou Júlio.

— Que era mesmo a Althea! Dessa vez eu vi perfeitamente e é a mesma mulher da foto. A única diferença é que ela tem olhos verdes e os cabelos avermelhados.

— Bom, a foto era em preto e branco, não daria mesmo pra ter visto isso! – Júlio comentou.

— Ela é muito bonita… – Daniel continuou, seu olhar meio distante. – Muito mais bonita do que na foto.

Daniel recostou-se no tronco da árvore e fechou os olhos. Os três permaneceram quietos por alguns minutos.

— O que você vai fazer agora? – Marcelo perguntou de repente.

Daniel não se moveu.

— Daniel! – Júlio chamou. – Daniel!

Marcelo abaixou-se para olhar o rosto de Daniel.

— Dormiu! – ele disse.

— Vamos deixar ele quieto, ele teve uma noite conturbada – ponderou Júlio.

— Vamos deixar ele dormir, mas vamos enfeitar ele um pouco! – Marcelo falou rindo, colocando pedaços de folhas e pequenas pedrinhas em cima de Daniel.

Daniel dormiu o tempo que restava até o final do intervalo. Quando o sinal tocou novamente, Júlio o chamou para que fossem para a sala de aula. Daniel levantou-se ainda tonto e sonolento.

— Mas que diacho! – ele exclamou, sacudindo o monte de coisas que Marcelo havia colocado em cima dele.

Marcelo ria como um tonto.

— Muito engraçado, Marcelo! – Daniel retrucou, mal-humorado.

— É, eu achei bem engraçado mesmo! – Marcelo respondeu, sacudindo as sobrancelhas.

Daniel balançou a cabeça.

— Hoje não tô podendo! – disse, desanimado. – Vou pra casa dormir. A gente se fala mais tarde!

Ele seguiu cambaleante até a sala de aula para buscar suas coisas, pegou sua bicicleta e voltou para casa. Assim que entrou, sua mãe veio ver quem havia aberto a porta.

— Daniel! – ela exclamou, espantada de vê-lo em casa tão cedo. – Aconteceu alguma coisa?

— Nada, mãe, não estou me sentindo muito bem, acho que vou dormir um pouco! – ele respondeu, jogando a mochila no chão.

— O que você tem? – ela perguntou, colocando a mão em sua testa.

— Nada, não consegui dormir bem essa noite e estou podre. Só

preciso de um cochilo! – ele disse, desvencilhando-se das mãos da mãe.

Daniel subiu rapidamente, antes que a mãe tivesse tempo de protestar. Ela continuou na base da escada, olhando por alguns segundos, antes de voltar para a cozinha, preocupada. Não era a primeira vez que isso acontecia e ela não sabia o que estava deixando o filho daquele jeito.

Daniel deitou-se em sua cama. Apesar de estar exausto, não conseguia deixar de pensar. Ter entrado na Mata do Anatema, tão temida por todos os moradores da cidade por suas histórias, não era algo que podia apagar facilmente de sua memória. Muito mais difícil seria ignorar o que haviam visto e vivido lá dentro: a caverna do tesouro com suas portas de ouro guardando diferentes mundos; o reino de Anzus, para onde haviam ido; a luta contra Colimo para recuperar o amuleto de Aloni, que era a única coisa capaz de desfazer o encantamento de Seth e outras aventuras que haviam vivido.

Daniel sabia que a caverna e os tesouros estavam em segurança, pois as pessoas da cidade ainda tinham medo de entrar na mata. Seth, que havia estado lá por tanto tempo sob um encantamento que o havia transformado em pedra, agora vivia feliz e tranquilo com sua filha, Dona Aída. Eles haviam dado suas palavras a Komus, ninguém falaria da existência da caverna e por isso não havia motivo para se preocuparem.

Mesmo assim, aqueles sonhos estranhos haviam trazido tudo aquilo de volta. Ele sabia que, embora tivessem colocado todas aquelas aventuras como lembranças em suas memórias, Althea ainda estava presa no mundo contido atrás de uma daquelas portas, onde ela havia entrado, em busca do amuleto para salvar Seth, e nunca retornado. Agora Daniel estava tendo aqueles sonhos, como que lembretes do que haviam deixado para trás e escolhido ignorar.

Daniel sabia que aquela mata era especial e que a partir do momento em que tinham tomado conhecimento do que havia lá dentro, eles também passaram a ser especiais, a fazer parte daquele mundo e, de uma certa forma, a ser responsáveis pelo que pudesse acontecer lá. Suas vidas nunca mais seriam as mesmas.

Envolto em seus pensamentos, sem perceber, Daniel acabou caindo no sono, mas dessa vez não teve nenhum sonho.

Ela deve estar precisando de ajuda…

A

lgumas horas mais tarde, Daniel acordou com o corpo todo dolorido, pois tinha dormido tão pesado que não havia nem mudado de posição. Levantou-se da cama se espreguiçando e desceu as escadas cambaleando. Sua mãe estava na sala lendo. Quando o viu descendo, olhou-o preocupada.

— Conseguiu dormir? – ela perguntou. – Descansou?

— Sim! – ele respondeu, espreguiçando-se novamente e esticando os braços acima da cabeça. – Agora estou novinho em folha! Ou pelo menos quase… – completou, levando a mão às costas.

— Você está com fome? Tem comida na geladeira.

— Pode deixar, mãe, que eu me viro! – ele respondeu, seguindo para a cozinha.

Daniel abriu a geladeira procurando alguma coisa para comer. Ficou ali, parado em frente à porta aberta, tentando se decidir. O ar fresco da geladeira contra seu rosto fez com que ele se lembrasse da floresta no seu sonho. Resolveu fazer um sanduíche e pegou rapidamente o que precisava, fechando a porta e sentando-se à mesa. Enquanto comia, voltou a pensar no sonho. Desde que voltara da mata do Anatema eles tinham começado a lhe incomodar. Foram ficando cada vez mais intensos, revelando um pouco mais do seu significado. Agora ele sabia exatamente o que eles queriam dizer. Por mais que quisesse ignorar e fingir que nada estava acontecendo, sabia que tinha que tomar uma atitude.

Quando estava terminando de comer, sua mãe entrou na cozinha.

— Esqueci de te falar! – Ela se aproximou do filho. – O Júlio ligou enquanto você estava dormindo. Disse que ele e o Marcelo iam estar na casa dele jogando videogame durante a tarde e pediu pra você ligar quando acordasse.

— Tá bom, obrigado, mãe – Daniel respondeu, um pouco distante.

A mãe encolheu os ombros e voltou para a sala.

Daniel pegou o telefone e ligou para a casa de Júlio. Demorou um pouco para alguém atender.

— Alô – disse uma vozinha.

— Alô, Pedrinho? É o Daniel, o Júlio tá aí?

— Tá – Pedrinho respondeu.

— Posso falar com ele?

— Pode.

Daniel ouviu o barulho do telefone caindo no chão e do menino gritando. Aguardou na linha, que permaneceu em silêncio. Passaram-se alguns minutos e nada do Júlio responder.

“Aposto que o Pedrinho largou o telefone e esqueceu de chamar o Júlio!” – ele pensou.

Desligou o telefone e ligou novamente, mas dessa vez recebeu o sinal de ocupado.

— Saco! – falou, batendo o telefone no gancho.

Daniel saiu da cozinha e já ia fechando a porta de entrada da casa, quando ouviu a voz da mãe.

— Onde você vai? – ela perguntou da sala.

— Vou até a casa do Júlio, não estou conseguindo falar com ele pelo telefone! – ele respondeu, segurando a porta aberta.

— Tá bom! – ela disse, abaixando a cabeça para continuar lendo. – Não volte tarde!

Daniel pedalou até a casa de Júlio. Assim que chegou, jogou sua bicicleta no chão na frente da casa, ao lado da de Marcelo, e foi em direção à porta. Bateu, esperou alguns segundos, e nada. Tocou a campainha umas duas vezes. Esperou mais um pouco e tocou de novo. Depois de alguns minutos, Júlio abriu a porta.

— Você tá surdo? – Daniel reclamou. – Liguei aqui, já toquei essa campainha um milhão de vezes e vocês não ouvem!

— É que estamos lá embaixo jogando e não dá pra ouvir direito! – Júlio respondeu, abrindo espaço para Daniel entrar. – Você disse que ligou aqui?

— Liguei. O Pedrinho atendeu e acho que não te chamou.

— Saco esse moleque! Ele sabe que não pode atender o telefone!

Entraram na casa e Daniel cumprimentou a mãe de Júlio, que estava descendo as escadas com uma toalha enrolada na cabeça.

— Mãe, o Pedrinho anda atendendo o telefone de novo! – Júlio disse enquanto desciam para a sala de jogos.

Lá embaixo, Marcelo pulava com o controle do vídeo game nas mãos.

Era um jogo novo que Júlio tinha ganhado de sua avó.

Daniel sentou-se no sofá, desanimado, olhando o amigo jogar. Assim que Marcelo terminou, ofereceu o controle para Daniel.

— Quer jogar? – ele perguntou.

— Não – Daniel respondeu.

— Tá doente? – Júlio perguntou, virando-se para Daniel.

— Não – respondeu Daniel. – Estou encafifado com esses sonhos.

Júlio e Marcelo ficaram em silêncio.

— Quer saber de uma coisa? – Daniel levantou-se. – Eu vou resolver isso agora!

— O que você vai fazer? – Marcelo perguntou.

— Colocar isso a limpo de uma vez por todas! – Daniel respondeu, já subindo as escadas.

Ele saiu rapidamente pela porta. Júlio e Marcelo mal tiveram tempo de pegar suas bicicletas para segui-lo.

— Onde vamos? – Júlio perguntou quando conseguiu alcançá-lo.

— Pra casa da D. Aída! – Daniel respondeu. – Eu quero pôr essa história desses sonhos a limpo de uma vez por todas.

Júlio olhou para Marcelo com cara de quem não tinha entendido nada. Marcelo encolheu os ombros e continuou pedalando.

Demoraram algum tempo até chegarem à casa de D. Aída, que agora tinha uma aparência totalmente diferente. O jardim não era mais um emaranhado de plantas secas, a cerca havia sido pintada e de maneira geral, a casa tinha uma aparência muito mais acolhedora.

Lá dentro, como de costume, foram recebidos com muito carinho e atenção. D. Aída logo se ofereceu para preparar alguma coisa para eles comerem enquanto conversavam com Seth.

— Há quanto tempo vocês não aparecem por aqui! – Seth disse, sentando-se no sofá.

Daniel aproximou-se um pouco mais e, olhando rapidamente para a cozinha, disse em voz baixa:

— Seth, eu vim aqui pra falar uma coisa muito importante e quero aproveitar enquanto D. Aída está ocupada.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa? – Seth perguntou, olhando para um e para outro.

— Não aconteceu nada… – disse Daniel. – …ainda.

— O que você quer dizer? – Júlio perguntou, preocupado. – Tem

alguma coisa pra acontecer?

— Eu não sei, mas algo me diz que sim! – Daniel respondeu gravemente.

— Desembucha logo, Daniel! – exclamou Marcelo.

Daniel ficou um segundo em silêncio, tentando pensar na melhor maneira de explicar.

— O negócio é o seguinte, Seth: algum tempo depois de voltarmos da Mata do Anatema, eu comecei a ter uns sonhos meio esquisitos. No começo não conseguia ver muita coisa, não entendia nada, mas eles foram se intensificando e ficando mais claros ao mesmo tempo. Ontem tive um sonho que acho que esclareceu de vez o que está acontecendo.

Seth olhou assustado para Daniel.

— Com o que você tem sonhado? – ele perguntou.

— Eu tenho sonhado com Althea. – Daniel foi direto ao assunto.

Seth empalideceu no mesmo segundo.

— Althea? – Sua voz parecia cheia de dor.

— Sim – Daniel assentiu com a cabeça. – Eu tenho certeza que é ela porque você me mostrou uma foto antiga uma vez.

Daniel fez uma pausa.

— Eu acho, Seth – ele continuou –, que ela está pedindo ajuda, que alguma coisa aconteceu com ela!

— Eu sei… – Seth respondeu em voz baixa.

— Você sabe? – Júlio perguntou, espantado.

— Como você sabe? – Daniel parecia confuso.

Seth respirou fundo, olhou para a cozinha para ver se D. Aída ainda estava longe, antes de continuar.

— Eu estava tendo uns sonhos também – ele explicou. – Não conseguia mais descansar. Então comecei a tomar uns remédios para dormir e os sonhos pararam. Eu achei que era só loucura da minha cabeça, mas parece que ela arranjou outra maneira de se comunicar…

Por alguns segundos todos permaneceram calados.

— E o que vamos fazer? – Marcelo quebrou o silêncio. – Ela deve estar precisando de ajuda!

Os três meninos entreolharam-se e depois olharam para Seth à espera de uma resposta.

— Já é mais do que tempo de eu assumir minhas responsabilidades! – Seth levantou-se do sofá. – Ela está lá por minha culpa e é minha obrigação

voltar para salvá-la.

— Nós vamos com você! – Marcelo falou mais do que depressa.

— Não! – Seth respondeu, firme. – Vocês ficam aqui, não quero mais ninguém metido em encrencas por minha causa.

— Mas nós queremos ajudar! – Júlio reclamou.

Seth olhou novamente para a cozinha, pensando um pouco.

— Vocês ajudam fazendo companhia para Aída enquanto eu estiver fora – ele disse. – Ela já está com muita idade e não pode ficar sozinha. Será que seus pais deixariam vocês passarem alguns dias aqui com ela?

Nesse momento, D. Aída entrou na sala trazendo uma cesta com bolinhos. Rapidamente, eles mudaram de assunto, mas a sombra daquela ideia pairava como uma nuvem negra sobre suas cabeças.

Temos aqui a famosa cor de…

N

o dia seguinte cedo, ao chegar à porta da escola, Daniel encontrou Júlio sentado num canto discreto lendo um livro.

— O que você está fazendo aí escondido? – ele perguntou quando se aproximou.

Júlio estava tão compenetrado na leitura que levou um baita susto. Fechou o livro rapidamente, colocando-o dentro da mochila, e olhou para Daniel meio sem graça.

— Estou me preparando pro seminário de sexta! – ele falou.

— Ah é? E que livro é esse que você está lendo?

— É um livro sobre mitologia, fala sobre as lendas e monstros mitológicos de várias culturas. Meu seminário vai ser sobre isso.

— Hum, sei… – Daniel respondeu, desconfiado. – Legal. O Marcelo já chegou?

— Não vi, acho que não! – Júlio olhou ao redor. – Pode ser que ele já tenha entrado e eu não tenha visto.

Seguiram para a sala de aula e lá encontraram Marcelo, atarefado preparando sua apresentação.

— Você que vai apresentar o seminário hoje? – Júlio perguntou, colocando sua mochila na carteira.

— É! – Marcelo respondeu, atrapalhado com um monte de papéis. – Parece que sim!

— E sobre o que você vai falar? – Daniel perguntou.

— Ha… Bom, pra falar a verdade – disse Marcelo baixinho –, eu só me liguei ontem que minha apresentação era hoje, então tive que improvisar…

— Ai, ai, ai! – Júlio suspirou, sentando-se. – Lá vem besteira!

O sinal tocou e o resto da turma entrou na sala de aula. Alguns segundos depois, o professor Xavier entrou e fechou a porta.

— Muito bem, classe! – ele disse, esfregando as mãos. – Mais uma vez, vamos dar continuidade ao nosso painel de seminários. Quem é que

apresenta hoje?

A sala permaneceu em silêncio. Marcelo se encolheu na carteira, na esperança de não ser notado. O professor colocou seus livros em cima da mesa e abriu sua agenda.

— Muito bem! – ele repetiu. – Vamos ver aqui quem é o sortudo que apresenta hoje… Hum… Marcelo! –Ele levantou a cabeça, procurando pela sala. – Ah, aí está! Preparado?

Marcelo sorriu um sorriso amarelo e acenou com a mão.

— Estamos esperando! – disse o professor. – Pode começar assim que estiver pronto.

Marcelo levantou-se devagar e juntou todo seu material. Andou até a frente da sala e colocou tudo em cima da mesa do professor, que foi sentar-se numa carteira no canto da sala.

— Ham! – Marcelo pigarreou antes de começar. – Ah… Bom dia. Hoje vamos falar sobre um assunto muito interessante.

Ele se virou para o quadro negro e afixou com fita adesiva uma folha branca onde havia um quadrado desenhado no meio.

Olhou para os lados e viu que todos estavam com os olhos fixos nele. Era bom ele conseguir se safar, ou estaria perdido. Já havia estado em situações como essa antes, mas normalmente tinha o Júlio para se apoiar. Dessa vez, justamente para evitar isso, o professor havia estabelecido que os seminários seriam individuais.

Marcelo começou a falar sobre a diversidade das cores. Enumerou vagarosamente todas as cores existentes e seus diferentes nomes. Para ilustrar, a cada uma que citava, mostrava um lápis na cor correspondente. Na folha que havia pendurado na lousa, ele ia pintando um quadrado com cada uma das cores e embaixo, no quadrado maior, ia sobrepondo uma cor à outra. Ele havia lido em um website que a mistura de fachos coloridos de luzes de todas as cores formava a cor branca e a ausência de luzes formava a cor preta. Ele achou que poderia provar a mesma coisa usando lápis de cor.

Ele sabia que sua apresentação precisava ter no mínimo vinte minutos e não tinha muito o que falar, então falava pausadamente e dava exemplos ridículos de lugares onde cada uma das cores podia ser encontrada. Ele sentia o suor escorrendo pela sua testa. Olhava ao redor da sala de aula e via os rostos perplexos de seus amigos. Júlio abaixou a cabeça batendo a testa na carteira em sinal de desespero. Marcelo não tinha coragem de olhar para o professor.

Continuou sua apresentação, ou melhor, enrolação, até chegar à última cor de sua caixa de lápis. Olhou para o papel na lousa e o quadro maior não estava muito com cara de que ia ficar branco e ele já havia falado para a classe que, da mistura de todas as cores, eles teriam uma surpresa ao ver que cor surgiria.

Ele apresentou a última cor e começou a pintar o quadrado maior.

— Como vocês podem ver, agora que eu coloco essa última cor, nós vamos obter… – Ele olhou atentamente para a folha e começou a suar frio.

Ele pegou o último lápis e pintou novamente por cima das outras cores.

Virou-se para a sala e todos olhavam com cara de tédio.

Marcelo respirou fundo e olhou mais uma vez para o quadro negro.

— Temos aqui a famosa cor de “burro quando foge”! – ele disse, triunfante.

Dizendo isso, recolheu rapidamente suas coisas, arrancou o papel da lousa e voltou apressado para sua carteira no fundo da sala. Sentou-se e se encolheu o máximo possível.

A sala permanecia no mais perfeito silêncio, todos boquiabertos com tamanha besteira. O professor Xavier levantou-se e foi até a frente da sala, ainda meio atordoado.

— Bom… é… alguém… – ele procurava palavras. – Alguém tem alguma pergunta?

A sala permaneceu em silêncio e o professor apenas sentou-se na sua cadeira, sacudindo a cabeça.

— Acho que depois dessa, todos nós merecemos um arzinho – ele disse. – A turma está dispensada, podem sair.

Todo mundo se levantou e Marcelo pulou da carteira rapidamente, tentando se enfiar no meio do bolo para sair sem ser notado.

— Marcelo! – o professor gritou antes que ele tivesse tempo de chegar à porta.

Marcelo parou e virou-se lentamente.

— Depois – continuou o professor Xavier – nós vamos conversar sobre esse seu seminá… essa sua apresentação.

— Sim, senhor… – Marcelo respondeu sem graça.

— Pode sair da minha frente agora! – disse o professor com um aceno de mão.

Marcelo saiu o mais rápido que suas pernas puderam levá-lo. Do lado

de fora da classe encontrou-se com Daniel e Júlio, que esperavam no corredor, rindo como loucos.

Júlio viu Marcelo se aproximando e cutucou Daniel, tentando se recompor. Daniel fez cara de sério e os dois aguardaram Marcelo, que chegou perto em silêncio. Assim que olharam na cara dele, não conseguiram aguentar e explodiram numa gargalhada.

— Cor de “burro quando foge”? – Daniel falou, quase babando de tanto rir.

— Você é mesmo uma besta, Marcelo! – disse Júlio.

— Ah! O que vocês queriam que eu fizesse? – Marcelo replicou. – Só ontem me lembrei dessa droga! Eu, particularmente, achei que foi uma apresentação muito interessante!

— É, foi sim! – Júlio concordou. – Muito interessante! O mais interessante vai ser saber o que o professor vai fazer com você depois dessa!

— Tô ferrado! – Marcelo sacudiu a cabeça.

— Tá mesmo! – Daniel concordou. – Vamos até a lanchonete comer alguma coisa?

— Opa! – exclamou Júlio, já seguindo pelo corredor. – Claro!

Marcelo ficou alguns segundos vendo os amigos se afastarem, depois deu de ombros e seguiu os dois. Ao chegar à porta da lanchonete e sentir o cheiro da comida, esqueceu-se imediatamente do seminário e não estava mais preocupado com sua nota, e sim com o que ia comer.

Fácil pra você falar! Todo inteligentinho!

A

lguns dias mais tarde, Marcelo foi chamado, durante o intervalo, até o escritório do professor Xavier. Passou lá uma boa meia hora e levou um tremendo sermão por causa da sua “colorida” apresentação. Saiu com o rabo entre as pernas e um trabalho sobre “As Grandes Guerras e Invasões” para fazer.

Marcelo arrastou-se pelos corredores até chegar à sala de aula. Sabia que estava atrasado, mas tinha uma nota do professor Xavier, então não estava muito preocupado. Entrou na sala quando a professora estava terminando de fazer a chamada. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, estendeu o braço e entregou a nota do professor Xavier a ela. Sem dizer uma palavra, seguiu para sua carteira e sentou-se, quieto.

Daniel e Júlio olharam para trás e tentaram sinalizar com a cabeça, perguntando se estava tudo bem. Marcelo fez uma cara torcida e acenou que sim.

No final da aula, depois que o sinal já havia tocado, os três saíram em direção ao seu costumeiro ponto de encontro, embaixo da árvore no fundo da escola.

— E aí, Marcelo – Daniel perguntou, quando já estavam se aproximando – como foi com o professor Xavier?

— Ele quase comeu meu fígado! – Marcelo respondeu, sentando-se à sombra.

— Ele vai te dar um zero? – Júlio perguntou preocupado.

— Ele ia! – Marcelo respondeu. – Mas eu dei uma chorada e ele acabou me deixando fazer um trabalho escrito pra entregar em uma semana.

— Legal! – disse Júlio.

— Legal nada! – retrucou Marcelo. – Eu não sei se vou conseguir fazer o que ele quer! Um trabalho sobre guerras e invasões. Eu não sei nem por onde começar! Estou perdido!

— Calma, Marcelo! – exclamou Júlio. – Você vai conseguir fazer, afinal nem é um tema assim tão difícil!

— Fácil pra você falar! Todo inteligentinho! – Marcelo retrucou. – Eu sou uma besta! Vou acabar repetindo de ano!

Júlio fez menção de responder, mas preferiu ficar em silêncio.

— Vocês já falaram com seus pais sobre a gente passar uns dias com a D. Aída? – Daniel perguntou, tentando mudar de assunto.

— Eu falei – Marcelo respondeu mal-humorado –, mas minha mãe disse que antes de me dar uma resposta, ia passar na casa da D. Aída pra falar com ela.

— E você? – Daniel virou-se para Júlio.

— Minha mãe falou com a mãe do Marcelo e disse que ia ligar pra sua mãe e me dava a resposta depois. Ela também quer esperar a mãe do Marcelo falar com a D. Aída.

— Nossa! – Daniel suspirou, meio tonto. – Como a vida seria mais fácil se nossas mães não fossem tão complicadas!

— É, mas eu acho que não vai ter problema, no final elas vão deixar a gente ir! – Marcelo falou, deitando-se na grama e colocando o braço em cima dos olhos.

— Júlio, quando você apresenta seu seminário? – Daniel perguntou.

— Amanhã! – Júlio respondeu. – Não vejo a hora de me livrar disso!

— É, acho bom, assim você desenfia a cara desses livros! – Marcelo murmurou.

— Eu vou desenfiar a minha e acho bom você enfiar a sua, senão não vai dar conta de fazer o trabalho pro Xavier! – Júlio exclamou, tomando o rumo de volta à sala de aula.

— Ugh! Tinha que me lembrar disso? – Marcelo reclamou, levantando-se.

— É, meu chapa! – Daniel deu um sorriso. – Acho bom você começar a se virar!

Na manhã seguinte, o professor Xavier entrou na sala assim que o sinal bateu e já foi logo perguntando quem faria a apresentação do dia. Todos olharam ao redor e não havia nem sinal de Júlio. Daniel e Marcelo entreolharam-se e encolheram os ombros.

— Se não me engano – disse o professor Xavier checando sua agenda –, hoje é o dia do Júlio apresentar… vamos ver… sim, isso mesmo. Júlio.

Ele levantou a cabeça olhando ao redor.

— Alguém sabe dele? – perguntou.

Um murmúrio percorreu a classe quando, de repente, a porta se abriu e Júlio entrou, vestindo uma toga branca, com ramos de samambaia presos nas laterais da cabeça. Ele segurava nas mãos uma cartolina comprida com desenhos de rolos nas pontas, como se fosse um pergaminho.

A sala toda ficou boquiaberta com a cena. Júlio andou até o centro do quadro negro, enquanto o professor se movia para a lateral da sala, e começou sua apresentação. Ele falou durante praticamente a aula toda, sem parar nem um segundo para respirar. Cobriu todo o possível e imaginável sobre mitologia grega, romana e ainda um pouco sobre o folclore brasileiro. No final, o professor teve que interromper e pedir para que ele concluísse porque o sinal estava para tocar.

Assim que Júlio terminou sua apresentação, o professor puxou uma salva de palmas.

— Isso sim é que é um seminário bem apresentado! – ele exclamou, olhando para Marcelo. – Meus parabéns! Você fez um excelente trabalho! – ele completou, virando-se para Júlio.

Júlio sorriu, satisfeito e orgulhoso. O sinal tocou e os alunos começaram a sair. Júlio ainda estava em pé na frente da sala, olhando todos saírem, quando Eliseu e Fábio passaram por ele e puxaram seus ramos de samambaia.

— E aí, quatro olhos! – Eliseu disse. – Tem algum monstro mitológico de óculos?

Júlio sentiu o sangue subir para seu rosto. Aqueles dois nunca desistiam!

Ficou buscando em sua cabeça uma boa resposta, mas quando conseguiu pensar em algo os dois já haviam saído pela porta.

— Idiotas! – resmungou consigo mesmo.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Marcelo ligou para Júlio desesperado. Queria perguntar algumas dicas sobre livros para sua pesquisa. Júlio passou toda a informação que pôde e aproveitou para avisar que sua mãe já havia permitido que ele ficasse alguns dias na casa de D. Aída. Marcelo desligou o telefone e foi falar com a mãe, que disse que ele poderia fazer companhia para D. Aída desde que fizesse o trabalho do professor Xavier e tirasse uma boa nota. Marcelo ligou para Daniel e contou a novidade. Daniel disse que

sua mãe também havia deixado.

— Vamos até a casa da D. Aída pra contar a novidade pro Seth! – sugeriu Daniel.

— Acho melhor você ir com o Júlio! – Marcelo respondeu, desanimado. – Eu tenho que fazer esse trabalho, senão vou me dar mal. Vai ser difícil entrar alguma coisa nessa minha cabeça dura!

— Bom, tudo bem – respondeu Daniel. – Vou ligar pro Júlio e ver se ele pode ir lá hoje mais tarde.

— Falou então, deixa eu ir que tenho que trabalhar! – Marcelo respondeu, despedindo-se e desligando o telefone.

Daniel ligou para Júlio e combinou de irem juntos contar a novidade a Seth.

No final da tarde encontraram-se na praça central da cidade e seguiram até a casa de D. Aída. Quando já estavam encostando suas bicicletas na cerca, ouviram um barulho e viram Eliseu e Fábio se aproximando. Já fazia algum tempo que os dois pareciam surgir magicamente em todos os lugares que eles estavam.

— O que vocês fazem aqui na casa da velha bruxa? – Eliseu perguntou.

— Não te interessa! – Daniel respondeu. – Além do mais, não tem bruxa nenhuma aqui!

— Hum! Tá defendendo a bruxa agora, Daniel? – Fábio perguntou, ainda sentado em sua bicicleta.

— Vai ver que eles têm um romance! – gritou Eliseu.

Fábio começou a fazer som de beijinhos e Eliseu virou-se de costas e, abraçando seu próprio corpo, passava as mãos pelas costas como se estivesse beijando alguém.

— Vamos embora! – Júlio falou, puxando Daniel. – Deixa esses dois idiotas aí.

Daniel e Júlio entraram na casa de D. Aída enquanto Eliseu e Fábio permaneceram parados na rua, ainda falando bobeiras.

— Nós temos que descobrir o que esses trouxas estão tramando! – Fábio falou, sério, depois que Daniel e Júlio haviam entrado.

Dentro da casa de D. Aída, Seth aguardava ansiosamente que ela saísse da sala para que eles pudessem conversar.

— E então? – ele perguntou assim que ela foi para a cozinha. – Conseguiram a permissão de seus pais?

— Sim – respondeu Júlio. – Mas só vamos poder ficar aqui com D. Aída depois que o Marcelo entregar um trabalho que ele tem que fazer. O prazo é de no máximo uma semana, ou seja, sem ser nesse final de semana, no outro, já estamos à disposição.

— Ótimo! – exclamou Seth. – Assim vou ter tempo de preparar tudo.

— O que você vai dizer à D. Aída? – Daniel perguntou baixinho, olhando sorrateiro para a cozinha.

— Ainda não decidi, mas podem ficar tranquilos que vou arranjar uma boa desculpa. Agora, mudando de assunto, o que aqueles meninos lá fora queriam com vocês?

— Ah! Nada! – Daniel respondeu. – Aqueles dois são uns encrenqueiros lá da escola. Não se preocupe com eles.

Durante o final de semana e a semana seguinte, Marcelo praticamente não deu as caras depois das aulas. Ficava o dia todo trancado em seu quarto escrevendo seu trabalho. Júlio também não saiu muito, sempre com a cara enfiada em algum livro misterioso, que toda vez que Daniel chegava perto, ele tratava logo de disfarçar e esconder. Daniel estava ansioso para que Seth partisse logo para a Mata, pois não via a hora de livrar-se daqueles pesadelos que o atormentavam.

Marcelo finalmente terminou seu trabalho e, depois de alguns dias, foi ansioso até a sala do professor para saber sua nota.

Depois de respirar fundo, bateu timidamente na porta.

— Pode entrar! – o professor respondeu lá de dentro.

Marcelo abriu a porta devagar e colocou a cabeça pela fresta.

— Oi, professor! – ele disse, meio sem graça. – Eu vim saber do resultado do meu trabalho…

— Entre e sente-se – o professor pediu, rodando sua cadeira até um arquivo ao lado de sua mesa.

De lá de dentro puxou uma pasta e, de dentro da pasta, o trabalho de Marcelo.

Marcelo olhou ansioso enquanto o professor depositava o maço de papel meio amassado e sujo à sua frente.

— Apesar de ter uma aparência de que realmente foi para a guerra –

disse o professor, tentando esticar as folhas com as mãos –, esse seu trabalho ficou excelente, Marcelo! Você está de parabéns!

Marcelo olhou para o papel à sua frente e mal conseguia ler a nota. Focou a vista e conseguiu ver um 9,5 escrito no canto superior direito da folha. Ele nunca havia tirado uma nota dessas por conta própria, apenas quando fazia trabalhos junto com Júlio.

Marcelo olhou espantado para o professor e tentou balbuciar alguma coisa, mas estava sem palavras.

— Tá vendo? – o professor falou. – Se você se empenhar pode fazer grandes coisas!

Marcelo sorriu e pegou o trabalho nas mãos como se fosse um bebê. Continuou ali sentado, como se sua bunda tivesse sido pregada à cadeira. O professor, vendo que aquilo ia levar o dia inteiro, foi logo dizendo:

— Muito bem, você já pegou seu trabalho, pode chispar da minha sala!

Vocês podem ficar se quiserem… mas eu vou!

N

o final de semana seguinte, depois de arrumarem tudo, ouvirem milhares de recomendações de seus pais e prometerem que iam ter juízo, os três partiram com suas mochilas nas costas em direção à casa de D. Aída.

— Vamos logo, Marcelo! – Daniel pediu, pedalando sua bicicleta. – O Seth já deve estar esperando a gente!

— Ele deve estar muito ansioso! – completou Júlio.

— O problema é que minha mochila está muito pesada! – Marcelo respondeu. – Acho que minha mãe pensou que eu ia de mudança para a casa da D. Aída.

— O que ela colocou aí dentro pra ficar tão pesada? – Daniel perguntou.

— Não sei! – Marcelo esforçou-se para pedalar mais rápido.

— Anda, Marcelo! – exclamou Júlio, pedalando um pouco mais à frente. – Vê se larga de ser molóide!

— Molóide é você! – Marcelo respondeu, irritado. – Queria ver se você ia aguentar carregar todo esse peso.

— Isso não interessa! Cada um com seus problemas! – Júlio riu. – Não tenho que me preocupar com isso, pois é a sua mochila que está pesada e não a minha. Ninguém manda ser um folgado e pedir pra mamãe arrumar sua mala!

— Não enche! – Marcelo respondeu, fazendo o possível para pedalar ainda mais rápido e passar na frente dos dois.

Já estavam quase chegando à casa de D. Aída quando Daniel avistou movimento mais à frente.

— Olhem só! – Ele apontou.

— O que é aquilo? – Marcelo perguntou, aproveitando a deixa para parar a bicicleta e tomar um pouco de ar.

Júlio e Daniel também pararam e desceram de suas bicicletas.

— É uma ambulância! – exclamou Daniel. – E está parada em frente à casa de D. Aída.

— O que será que aconteceu? – perguntou Júlio. – Será que foi alguma coisa com ela?

— Não sei! – Daniel subiu novamente em sua bicicleta. – Mas é melhor corrermos para saber!

Saíram em disparada em direção à casa. Assim que chegaram, largaram suas bicicletas na porta e entraram correndo. Marcelo foi o primeiro. Na sala, avistou D. Aída em pé ao lado de um enfermeiro que ajudava Seth a se deitar em uma maca.

— D. Aída! – Júlio correu em direção a ela. – O que está acontecendo?

— Calma, crianças! – D. Aída respondeu, abraçando os meninos. – Seth levou um tombo na escada da varanda e parece que quebrou a perna, mas não precisam se preocupar, pois não é nada grave.

— Seth! – Daniel virou-se em direção a ele. – Você está bem?

— Está doendo muito? – perguntou Júlio.

— Fiquem tranquilos! – Seth sorriu, ainda deitado na maca. – Foi só um susto, estou bem. Eu sabia que devia ter arrumado aquele degrau na entrada.

Daniel, Júlio e Marcelo aguardaram junto com D. Aída enquanto Seth foi levado até o hospital para tirar uma radiografia e tomar todas as providências necessárias.

Enquanto esperavam, Daniel chamou os amigos para irem até o quintal.

— Quero mostrar uma coisa pra vocês! – ele disse, pegando sua mochila e saindo.

Quando chegaram nos fundos da casa, Daniel abriu a mochila e tirou de lá de dentro um estilingue enorme.

— O que é isso? – Marcelo deu um passo para trás.

— Um estilingue, oras! – Daniel respondeu, procurando uma pedra no chão.

— Desse tamanho? – continuou Marcelo.

— Você pretende acertar o quê com isso? Elefante? – Júlio tirou o estilingue da mão de Daniel para ver melhor.

— Eu sei que ficou um pouquinho grande – Daniel falou, arrancando o estilingue da mão de Júlio –, mas não achei um galho menor que fosse tão

perfeito e balanceado como esse!

Os dois aproximaram-se para olhar.

— Querem testar? – Daniel perguntou.

Passaram o resto da tarde atirando pedras com o estilingue.

— Quanto tempo você passou treinando com essa coisa, Daniel? – Júlio perguntou, colocando outra latinha em cima do muro. – Você não erra uma!

Daniel sorriu, lançando uma pedra que quase acertou a mão de Júlio.

— Ô animal! – Júlio reclamou, dando um pulo.

Mais tarde, a ambulância chegou trazendo Seth de volta com a perna engessada da ponta do pé até quase a altura da raiz da coxa. Os enfermeiros o ajudaram a descer e a entrar na casa.

— Muito bem, Seth! – disse um dos homens. – Agora você precisa de bastante repouso para que sua perna se recupere rápido.

— Não se preocupe! – D. Aída dirigiu-se ao enfermeiro. – Nós vamos cuidar muito bem dele.

— Nós já vamos! – respondeu o enfermeiro. – Se precisarem de qualquer coisa é só ligar que voltamos.

— Muito obrigada por tudo! – respondeu D. Aída, acompanhando-os até a porta.

Voltando ao interior da casa, ela encontrou Seth e os meninos sentados na sala.

— Vocês aguardem um instantinho aqui, enquanto eu vou preparar algo para almoçarmos, pois com toda essa confusão, acabei não fazendo nada e já passa da hora de comer.

— Que azar! – disse Seth, acomodando-se melhor no sofá depois que D. Aída saiu. – Justo hoje levei este tombo! O pior é que vou ter que usar esse gesso por uns trinta dias.

— Como você caiu? – perguntou Marcelo.

— Hoje acordei muito cedo, ansioso para preparar minhas coisas e voltar à Mata – respondeu Seth. – Daí resolvi ir até o jardim buscar algumas ferramentas que havia deixado lá. Saí tão apressado, que me esqueci que o degrau da escada da varanda está quebrado. Quando pisei, ele virou e eu caí com tudo. Não conseguia me levantar e então pedi à Aída que chamasse a ambulância. Eles chegaram um pouco antes de vocês.

— Azar mesmo, né? – disse Júlio, olhando atentamente a perna de Seth. Ele hesitou por um segundo, sem saber se devia continuar. – Posso

escrever no seu gesso?

— Júlio! – replicou Daniel. – Se liga!

— O que é que tem? – perguntou Júlio.

— Tudo bem! – Seth respondeu, achando graça no pedido de Júlio. – Se vocês quiserem, podem escrever no meu gesso, não tem problema.

— Oba! – exclamou Júlio, procurando pela sala. – Alguém tem uma caneta?

— Eu devo ter uma caneta aqui! – Marcelo começou a procurar em sua mochila.

Ele retirou de lá de dentro várias roupas, um pijama de bolinha, uma pantufa de cachorro, três escovas de dente e várias outras quinquilharias.

— O que é isso? – Júlio perguntou, rindo, enquanto Marcelo desfazia sua mala.

— Pijama de bolinha! – gritou Daniel, apontando para o pijama de Marcelo. – Não acredito que você usa isso!

— E olha essas pantufas! – exclamou Júlio, pegando os chinelos e dançando em volta de Marcelo.

— Qual é! – Marcelo levantou-se e arrancou as pantufas das mãos de Júlio. – Vocês sabem como é a minha mãe.

— É melhor você colocar suas pantufas ou vai acabar pegando um resfriado! – Júlio zombou.

— É melhor você ficar quieto ou vai acabar “pegando” um olho roxo! – Marcelo respondeu.

Júlio resmungou alguma coisa e ficou quieto.

— Pelo menos você tem uma caneta? – perguntou Daniel.

— Não! – Marcelo respondeu. – O pior é que não tenho.

— Não acredito! – Júlio não resistiu. – Uma mala desse tamanho, com um monte de tranqueira e não tem uma caneta!

Marcelo olhou feio para Júlio e fez menção de ir em sua direção.

— Tudo bem! – Seth disse para terminar a confusão. – Ali em cima daquela mesinha de telefone deve ter algumas canetas.

Júlio foi até a mesa e encontrou algumas. Trouxe uma para ele e mais duas extras, que colocou no sofá ao lado da perna de Seth. Abaixou-se e foi logo desenhando no gesso. Daniel e Marcelo entreolharam-se e, dando de ombros, também se inclinaram para escrever. Já estavam há alguns minutos compenetrados, quando Daniel falou:

— E agora, Seth? Como você vai fazer? Você não pode ir à Mata do

Anatema com a perna deste jeito e Althea está precisando de ajuda.

— Não sei, Daniel! – Seth respondeu. – Estou muito preocupado, mas não tem nada que eu possa fazer agora. Vou ter que esperar até minha perna melhorar e aí vou buscá-la.

Ele suspirou profundamente.

— Infelizmente, vamos ter que adiar essa missão – ele continuou. – Vocês expliquem para seus pais o que aconteceu e combinamos para virem numa outra ocasião, depois que eu melhorar.

Ele olhou pela janela e sussurrou:

— Só espero que não seja tarde demais para Althea…

Nesse momento, D. Aída entrou pela porta trazendo uma bandeja com o almoço de Seth.

— Podem ir sentar lá na cozinha que já preparei o prato de vocês! – ela disse para os meninos.

— Obrigado, D. Aída! – Marcelo disse, dirigindo-se à cozinha, seguido de Daniel e Júlio.

Os três sentaram e começaram a comer devagar, desanimados com o que havia acontecido.

— Que droga, né? – falou Marcelo. – Bem agora isso tinha que acontecer?

Daniel permanecia calado, olhando para o prato de comida à sua frente. Seu pensamento estava longe, revendo mentalmente os sonhos que tivera. Podia ouvir claramente Althea chamando, pedindo socorro.

— Nós vamos ter que fazer alguma coisa! – ele disse de repente.

— Fazer o quê? – Júlio perguntou com a boca cheia.

— Nós temos que voltar à mata e tentar achar a Althea – Daniel sussurrou.

Marcelo e Júlio se entreolharam. Daniel estava muito sério e sabiam que, quando ele metia alguma coisa na cabeça, era difícil de ele desistir.

— Vocês podem ficar se quiserem – Daniel continuou em voz baixa –, mas eu vou! Preciso fazer alguma coisa antes que seja tarde demais!

Marcelo respirou fundo, Júlio coçou a cabeça.

— É claro que nós vamos com você! – Marcelo riu. – Você acha mesmo que vamos deixar você ter toda a diversão sozinho?

Daniel olhou para Júlio, que confirmou com a cabeça.

— Eu tô dentro! – ele disse. – Vocês precisam de alguém com cérebro pra liderar essa expedição!

Daniel sorriu e olhou para o prato de comida à sua frente.

— Acho bom então a gente comer bastante, porque sabe-se lá quando vamos ver comida boa como essa de novo!

Nós estamos perdendo algum elo…

M

arcelo jogou um último pedaço de galho em cima das bicicletas deitadas perto da beira da mata.

— Acho que tá bom! – ele disse, limpando as mãos. – Estão bem escondidas.

— Vamos embora, então! – Daniel disse, ansioso. – Quero resolver isso logo!

Antes de entrarem na mata, Júlio deu uma última olhada para trás.

— Seja o que Deus quiser! – ele disse.

Nada havia mudado ali, lembravam-se como se fosse ontem da primeira vez que tinham estado naquele lugar. O cheiro, o silêncio, tudo igual. Continuaram andando, os pés desvencilhando-se das plantas que, mais uma vez, pareciam tentar impedi-los de entrar. Júlio olhava para cima, procurando alguma coisa.

— O que você está olhando, Júlio? – Marcelo perguntou.

— Estou procurando o pássaro.

— Que pássaro, o Mordip? – Marcelo tornou a perguntar. – Ele não voa, por que você está olhando pra cima?

— Não o Mordip! Estou procurando aquele pássaro que derrubou a gente. Ele não vai me pegar despreparado dessa vez.

— Ah, Júlio! – falou Daniel. – Larga mão de ser tonto e vamos que temos que achar a caverna! Temos que voltar logo, antes que alguém se dê conta que não estamos na casa de D. Aída.

— Calma, Daniel! – exclamou Marcelo – O tempo aqui é lento, passa devagar, não temos que correr tanto!

Marcelo olhou seu relógio por alguns segundos.

— Estranho! – ele disse. – Meu relógio não está parado como da outra vez…

Daniel e Júlio aproximaram-se para olhar também.

— Ué! – disse Júlio. – Alguma coisa está errada! Eu me lembro perfeitamente que da outra vez o seu relógio parou logo quando entramos

aqui.

— É verdade! – concordou Marcelo.

— Nós estamos perdendo algum elo! – Júlio disse, pensativo.

— Vamos continuar andando, talvez quando a gente estiver mais longe da estrada o relógio pare – sugeriu Daniel.

Seguiram caminhando, Júlio ficou um pouco para trás, ainda cismado. De repente, ele parou.

— É isso! – ele disse.

— O que foi? – Marcelo se virou, assustado, olhando para todos os lados.

— Já sei o que aconteceu! – Júlio disse, triunfante.

— O que aconteceu onde? – perguntou Marcelo.

— O seu relógio, anta! – disse Júlio. – Porque ele não parou.

— E o que foi, espertinho? – perguntou Marcelo.

— O pássaro! – disse Júlio.

— Onde? – Daniel e Marcelo gritaram ao mesmo tempo, virando-se.

— Não! – Júlio falou. – Foi o pássaro!

— Olha aqui, Júlio – Marcelo disse, já perdendo a paciência –, eu acho melhor você explicar esse negócio direito ao invés de ficar fazendo gracinha.

— Eu estou tentando! – Júlio falou, irritado. – É o seguinte: da outra vez, nós entramos e logo fomos derrubados por aquele pássaro. Foi depois disso que o Marcelo percebeu que o relógio dele estava parado. Portanto, estou assumindo que o pássaro é o elo que liga a nossa realidade à realidade aqui dentro. Ou seja, nós ainda estamos no nosso mundo. Não vamos achar a caverna nunca, pois ela não está no nosso mundo!

Daniel se sentou num tronco tombado no chão.

— Beleza! – ele disse. – E agora, como vamos fazer para conseguir achar esse pássaro?

— Sobre isso… – Júlio encolheu os ombros. – Não faço a menor ideia…

— Temos duas opções – falou Marcelo. – Ou continuamos andando e procuramos o tal pássaro, ou voltamos agora antes que a gente se perca de verdade.

— Não podemos desistir agora! – falou Daniel. – Althea precisa da gente.

— Então vamos em frente! – Júlio puxou Daniel pelo braço.

Caminharam por algumas horas sem ver nem sinal do tal pássaro. Eles andavam olhando para cima, na esperança de vê-lo pousado em algum galho.

— Olhem aqui! – Daniel sussurrou. – Parece que tem alguma coisa ali.

— Onde? – Júlio aproximou-se.

— Ali, está vendo? – Daniel apontou.

— Não estou vendo nada! – respondeu Marcelo.

— Olha ali, na direção do meu dedo! – Daniel apontou novamente.

Os três se amontoaram para tentar olhar na mesma direção. Sem perceberem, foram se movendo até chegar à beira do barranco. Marcelo deu um passo para o lado e o barranco desmoronou embaixo de seus pés, fazendo com que os três saíssem rolando.

Quando chegaram lá embaixo, estavam tontos e sujos de terra.

— Vocês estão bem? – Júlio perguntou, tentando desentortar os óculos, que sempre levavam a pior nessas horas.

— Eu estou bem! – Daniel respondeu, levantando-se devagar.

Percebeu que estava com um pé só do seu sapato, o outro havia saído durante a queda.

— Saco! – ele disse. – Perdi meu tênis.

— Você está bem, Marcelo? – Júlio perguntou.

— Sim, estou bem! – Marcelo respondeu, limpando a roupa.

— Achei! – Daniel gritou.

— O pássaro? – Júlio se animou.

— Não! Meu tênis! – Daniel respondeu.

Daniel veio pulando num pé só com o tênis na mão. Encostou-se numa árvore para calçá-lo enquanto Marcelo chupava um pequeno corte no dedo. Assim que tirou a mão da boca, Marcelo olhou para o relógio.

— Meu relógio! – ele exclamou.

— O que foi? – perguntou Daniel. – Quebrou?

— Não! – Marcelo respondeu. – Está parado!

Os três entreolharam-se e logo soltaram gritos de alegria e comemoração.

— Conseguimos! – gritou Daniel. – Estamos do outro lado!

— Mas como será que aconteceu? – Júlio perguntou, curioso.

— Não sei! – Daniel respondeu. – Vai ver que o pássaro estava mesmo naquela árvore. Mas isso não importa agora, temos que achar a

caverna!

— É, esse vai ser outro problema! – Marcelo coçou a cabeça.

— Acho que pra isso – interrompeu Júlio – vamos precisar do Mordip. Foi ele que nos guiou da outra vez.

— E ele guiou o Seth também – lembrou Daniel.

— Então vamos achar esse bicho! – Marcelo começou a caminhar e fez sinal para que o seguissem.

Andaram para cima e para baixo, mas por mais que procurassem, não havia o menor sinal do Mordip em lugar nenhum.

— Mordip! – Daniel gritava de vez em quando.

— Olha – Júlio sentou-se no chão. – Eu não sei vocês, mas eu estou cansado. Dá pra gente parar um pouquinho?

Os dois sentaram-se ao lado de Júlio e Daniel tirou uma garrafa de sua mochila.

— Pelo menos dessa vez temos água! – ele disse, dando um gole e passando a garrafa para Júlio.

— Muito melhor do que isso! – Marcelo falou, procurando alguma coisa dentro de sua mochila. – Ha há! Aqui está! – Ele estendeu o braço com um pacote de bolachas nas mãos.

— Onde você arrumou isso? Sua mãe ficou com medo que você ficasse com fome da sua casa até a casa da D. Aída? – Júlio perguntou.

— Não, eu peguei lá na casa da D. Aída antes da gente sair. Quando pedi pra ir no banheiro, fui até a cozinha e peguei umas coisinhas! – Marcelo respondeu, piscando.

— Dá uma aí que eu tô com fome! – Daniel falou, estendendo o braço para pegar o pacote de bolachas.

Ficaram ali, sentados, comendo por alguns minutos. Estavam cansados e sem ânimo nem para falar. De repente, ouviram um barulho de galhos se quebrando. Alguma coisa estava se aproximando.

Marcelo foi o primeiro a ouvir.

— Tem alguém aqui! – Ele se levantou, apurando o ouvido.

Daniel e Júlio também se levantaram, deixando o pacote de bolachas no chão.

Seguiram em direção ao lugar de onde vinha o ruído. Andavam com cautela, tentando manter silêncio. De repente, de trás deles, veio um barulho:

— Dip, dip!

Quando se viraram, Mordip estava bem onde eles estavam antes,

comendo as bolachas do chão.

— Mordip! – exclamou Júlio.

A ave ficou parada, com uma bolacha no bico. Assim que Júlio deu um passo para frente, ela disparou como louca pelo meio da mata.

— Atrás dele! – gritou Marcelo.

— Ai não! Vai começar tudo de novo! E o infeliz ainda comeu nossas bolachas! – Júlio reclamou e saiu correndo junto com os outros.

Perseguiram Mordip por um bom tempo, até que ele fez uma curva rápida para a esquerda e sumiu no meio da mata.

— Mordip! – Daniel gritava, tentando encontrá-lo.

— Dip, dip!

— Ali! – Júlio correu, tentando pegá-lo.

O Mordip continuou correndo desvairadamente. Já estavam quase desistindo de persegui-lo quando ele se meteu por um arbusto e sumiu. Marcelo se abaixou e foi atrás dele, pelo mesmo caminho, e também sumiu.

— Marcelo! – Júlio abaixou-se, tentando avistá-lo.

Não havia nem sinal dele. Esperaram algum tempo e nada.

— E agora? – Daniel perguntou.

Nesse momento, Marcelo colocou a cabeça para fora do arbusto.

— Venham! – ele disse. – Encontrei!

— Marcelo! – exclamou Júlio. – Onde você estava?

— Eu estava tomando chá com bolinhos, Júlio! – Marcelo respondeu. – Vem logo! – ele continuou, sumindo novamente.

Terceira porta a partir da entrada…

J

úlio e Daniel abaixaram-se e rastejaram para dentro do arbusto. Um pouco mais à frente, avistaram uma pedra com uma rachadura. Marcelo entrou por ela e fez sinal para que o seguissem. Passaram pela abertura e espremeram-se por uma fenda comprida e estreita até chegarem à sala principal da caverna do tesouro. Não era a mesma entrada que tinham usado da outra vez, mas estavam na sala onde haviam encontrado Seth. Seu trono de pedra ainda estava lá, solene, como que esperando por alguém para ocupá-lo. Mordip estava escondido atrás dele, como sempre fazia quando se sentia ameaçado.

Marcelo pegou um outro pacote de bolachas de sua mochila e colocou algumas no chão.

— Toma aqui, Mordip! – ele disse. – Sua recompensa por ter nos ajudado!

Olharam ao redor sem acreditar que estavam realmente de volta. Apesar de algum tempo ter se passado, ali dentro nada parecia ter mudado. O brilho fraco das tochas que nunca se apagavam reluzindo nas pedras preciosas presas às paredes, o ouro em pó no chão formando um tapete cintilante sob seus pés, tudo estava intacto e da mesma maneira como haviam deixado.

— Uau! – exclamou Júlio. – Eu já havia me esquecido de como esse lugar é maravilhoso!

— É mesmo! – Daniel concordou, olhando ao redor, deslumbrado. – Eu ainda não consigo acreditar que isso existe de verdade…

Por alguns segundos os três permaneceram quietos, absorvendo a energia tão poderosa que emanava daquelas paredes.

— É, o papo tá muito bom, a vista é mesmo muito bonita, mas acho melhor as duas moças aí resolverem se mexer porque temos mais o que fazer! – Marcelo exclamou de repente, interrompendo o silêncio. – Vamos logo ao que interessa!

Daniel e Júlio seguiram Marcelo através do arco de pedra até a outra sala. Assim que passaram para o outro lado, já avistaram o brilho das portas

de ouro. No centro do salão, embaixo da elevação no teto, a pilha confusa de moedas de ouro, joias, pérolas e pedras preciosas espalhava-se como um polvo preguiçoso no mar. Júlio sentiu um calafrio percorrendo sua espinha. Marcelo olhou ao redor.

— Alguém se lembra qual, exatamente, foi a porta que a Althea entrou? – ele perguntou.

— Hum! Que droga! Ia perguntar isso pro Seth e esqueci! – Daniel bateu a mão na testa. – Eu não lembro qual foi!

— Com certeza tem alguma pista por aqui que ajude a gente a descobrir! – Marcelo falou, andando em frente às portas.

Ele deu alguns passos e parou em frente à uma delas. No centro havia um grande rubi cravejado.

— Essa foi a porta que entramos! – Ele passou a mão de leve em cima do rubi. Assim que sua mão tocou a porta, sentiu como se uma corrente elétrica percorresse seu corpo. Deu um pulo para trás, afastando-se rapidamente.

— O Seth falou qual tinha sido quando estávamos aqui com ele! – Daniel continuou, ignorando o que havia acontecido com Marcelo. – Vamos tentar nos lembrar.

— Eu me lembro! – Júlio disse, vitorioso. – Eu bem que falei que vocês iam precisar de alguém com cérebro nessa expedição!

— Vai, fala logo, Júlio! – pediu Marcelo, já recuperado do susto, mas ainda olhando de rabo de olho a porta à sua frente.

— O Seth disse que ela havia entrado na terceira porta a partir da entrada, do lado esquerdo, se não me engano. Ou seja, deve ter sido aquela ali! – Júlio apontou para uma porta com vários entalhes, com uma pedra azul no centro. O desenho era rodeado por outros diamantes menores, formando uma imagem que não conseguiam identificar.

Os três aproximaram-se da porta.

— Faz sentido – Júlio continuou. – Althea deve ter escolhido essa porta por causa dessa pedra grande no centro. Ela deve ter pensado que poderia ser o amuleto de Aloni. A única outra porta com uma pedra grande assim é a que nós entramos.

— E se contarmos a partir do outro lado da entrada, também é a terceira – comentou Marcelo pensativo.

— É mesmo! – concordou Júlio, olhando admirado para Marcelo. – Eu não tinha reparado nisso! Você é espertinho né, grandão?

Marcelo fez uma careta, mostrando a língua e revirando os olhos.

— Bom – disse Daniel, interrompendo os dois –, se é isso, o que estamos esperando?

Júlio e Marcelo pararam imediatamente com a bobeira ao sentirem um calafrio percorrendo suas espinhas. Havia chegado o momento tão esperado.

Dessa vez, Daniel foi na frente. Aproximou-se da porta lentamente, esticou o braço e encostou levemente a mão na maçaneta dourada. Girou-a devagar até ouvir um estalo e a porta se soltar. Uma fumaça espessa saiu de lá de dentro.

Embora já tivessem passado por uma situação semelhante antes, sentiam o coração batendo na garganta. Daniel abriu a porta completamente, respirou fundo e caminhou para dentro. Júlio e Marcelo seguiram logo atrás dele. Os três caminhavam em silêncio, com todos os sentidos alertas ao que pudesse acontecer. Deram mais alguns passos, transpondo completamente a porta. Ficaram ali, parados por alguns segundos, e nada aconteceu.

— E aí? – Marcelo olhou ao redor. – Já não era pra gente ter saído voando?

— Não sei – respondeu Daniel, confuso. – Alguma coisa deve estar errada.

Nesse momento, a porta fechou-se lentamente. No mesmo instante, um vento forte passou por eles e uma luz brilhou ao longe, seguida de uma explosão. Os três foram arremessados para trás e caíram sem sentidos no chão.

Gênio, eu desejo minha mãe, quero voltar pra casa!

M

arcelo foi o primeiro a recobrar a consciência. Abriu os olhos, confuso, e levou a mão à cabeça, que estava doendo. Sentiu um emaranhado molhado de cabelo e, quando abaixou a mão, viu que estava coberta de sangue. Assustado, olhou ao redor procurando Daniel e Júlio, que haviam caído um pouco mais à frente.

— Daniel! – Chamou.

Ele não se mexeu.

— Daniel! – Marcelo insistiu, dessa vez um pouco mais alto.

Daniel moveu-se ligeiramente e abriu os olhos. Tinha ouvido alguém chamar seu nome, mas ainda estava bastante atordoado pela explosão. Virou-se de lado e viu Marcelo sentado com a mão na cabeça. Assim que percebeu que havia sangue em suas mãos, levantou-se num pulo e correu em sua direção.

— Você está bem? O que aconteceu? – perguntou, preocupado.

— Sim! – Marcelo respondeu, ainda confuso. – Foi só um arranhão.

— Arranhão nada! – exclamou Daniel. – Sua cabeça está sangrando!

— É, eu vi! – Marcelo falou. – Eu estou bem, mas essa porcaria não para de sangrar!

Daniel procurou em sua mochila alguma coisa que pudesse usar para estancar o sangue e fazer um curativo. Pegou uma camiseta e amarrou em volta da cabeça de Marcelo.

— Pronto! – ele disse depois de terminar. – Acho que isso vai ser suficiente.

Nesse momento, Júlio gemeu do outro lado. Daniel e Marcelo correram em sua direção.

— Júlio! – Marcelo chamou, abaixando-se perto dele.

Júlio abriu os olhos lentamente. Olhou Marcelo por alguns segundos e disse:

— Gênio, eu desejo minha mãe, quero voltar pra casa!

Marcelo se levantou.

— Ele tá ótimo – disse.

Daniel abaixou-se ao lado do amigo.

— Júlio, você está bem? – ele perguntou. – Machucou alguma coisa?

— Eu acho que estou bem… – Júlio respondeu, levantando-se devagar. – Só estou vendo miragens.

— Engraçadinho! – Marcelo resmungou.

— O que você está fazendo de turbante, Marcelo? – Júlio perguntou depois de alguns segundos.

— Ele machucou a cabeça! – Daniel respondeu.

— Ah… Foi mal! – Júlio murmurou, sem graça. – Mas, afinal – ele continuou –, onde estamos?

Só naquele momento Daniel lembrou do que havia acontecido. Com a explosão haviam perdido a consciência por sabe-se lá quanto tempo, mas agora que haviam acordado, percebeu que não estavam mais na caverna.

Olhou ao redor, tentando reconhecer o lugar, mas sabia que nunca tinha estado ali. Estavam no final de um beco. As únicas coisas que conseguiam enxergar eram as paredes de pedra de várias alturas que formavam o beco. Não haviam portas nem janelas. Estava escuro e um cheiro de carne podre pairava no ar.

— Onde será que viemos parar dessa vez? – perguntou Marcelo.

— Não faço a menor ideia! – Júlio respondeu, olhando para os lados. – Mas seja lá onde for, esse lugar fede!

— Vamos seguir essa ruela e ver onde ela vai dar – sugeriu Daniel. – É a única maneira de sairmos daqui!

Andaram pelo beco estreito, tomando cuidado para não tropeçarem nas pedras no meio do caminho. Júlio e Marcelo seguravam o nariz, incomodados com o cheiro. Estava escuro, mas seus olhos já haviam se acostumado um pouco. Havia lixo jogado no chão para todos os lados. Pilhas de caixotes de madeira, dispostos ao longo das paredes, formavam ninhos para os ratos, que atravessavam de vez em quando pelo caminho. Depois de andarem alguns metros, avistaram uma luz vinda do final do comprido corredor.

— Deve ter alguma coisa ali! – Daniel apontou em direção à claridade.

Quando chegaram à entrada do beco, encostaram-se numa das paredes

laterais para espiar antes de saírem na luz, onde estariam expostos.

Marcelo olhou para os dois lados. Estavam no que parecia ser uma rua, com várias saídas e vielas. O calçamento era todo irregular, numa mistura de areia e pedras. Várias pessoas andavam para cima e para baixo, entravam e saíam de lugares. O cheiro de carne podre tinha diminuído um pouco, tornando-se tolerável.

— Tem um monte de gente andando na rua! – Marcelo cochichou, virando-se para trás.

Júlio esticou-se por cima de Marcelo e deu uma olhada.

— Gente? – ele perguntou.

— Por quê? – Marcelo perguntou.

— Me parece mais um monte de… – Júlio parou, tentando achar a melhor palavra.

— Um monte de quê, Júlio? – Daniel insistiu, tentando olhar por cima dos outros dois.

— Sei lá! – exclamou Júlio. – Criaturas! Acho que essa palavra define melhor o que estou vendo.

Marcelo voltou a olhar para a rua. Observando melhor, percebeu que o que havia inicialmente achado que eram pessoas comuns, eram na verdade criaturas dos mais variados tipos. Havia homens e mulheres com feições de felinos, outros com orelhas e narizes pontudos. Alguns pareciam pessoas como eles, das mais variadas alturas, alguns muito pequenos, outros gigantes.

— Ele tá certo! – Marcelo encostou a cabeça na parede. – Que diacho de mundo é esse?

Daniel espremeu-se entre os dois para poder olhar também. Nesse momento, um homem com cara de peixe aproximou-se pelo lado oposto e, vendo os três amontoados, gritou rispidamente:

— O que fazem fora do palácio?

Ele soltou um barulho estranho e puxou-os pela camisa.

— Vocês já deveriam estar de volta! – ele disse com raiva.

Pegos de surpresa e assustados, os três nem tiveram tempo de reagir enquanto o cara de peixe, rapidamente, passava um elo ao redor de seus pulsos e os prendia numa corrente comprida.

— Vamos, andem! – ele gritou, empurrando-os para o meio da rua.

Gente…como a gente.

O

cara de peixe, que fazia um som engraçado de borbulhas depois de cada frase, continuou dando empurrões e reclamando.

— Esses Doncs são mesmo uns folgados. – ele resmungou. – Se a gente não fica de olho…

Presos à corrente, os três cambaleavam pelo caminho através da cidade, tropeçando no calçamento irregular cada vez que eram empurrados.

Depois de alguns minutos andando, chegaram à uma construção enorme, com vários andares e compartimentos. As paredes eram claras, da mesma cor da areia que cobria o chão. As janelas não passavam de buracos em formatos irregulares distribuídos aleatoriamente. Na frente, no andar superior, havia um grande balcão. Parecia que aquele lugar havia sido construído aos poucos, um pedaço de cada vez. Dava a impressão de que se soprasse um vento mais forte, ia tudo desabar.

Daniel, Júlio e Marcelo olhavam avidamente ao redor, tentando assimilar o máximo que podiam. Durante todo o percurso tentaram gravar o caminho que haviam feito, mas eram tantas ruas, passagens e vielas que estavam mais perdidos do que nunca.

— Vamos, entrem! – berrou o cara de peixe soltando suas borbulhas. – O que estão esperando?

Júlio olhou para o lugar e cochichou apenas para Daniel e Marcelo ouvirem:

— Esse é o palácio dele?

— Bom, pelo menos esse mundo tem uma coisa em comum com o nosso – Marcelo disse baixinho. – Eles também são chegados num puxadinho!

— Silêncio! – gritou o cara de peixe.

Ele seguiu pela lateral do palácio até chegar a uma porta baixa de madeira. Destrancou-a com uma grande chave de metal e fez sinal com a cabeça para que entrassem. A porta se abria para um vestíbulo pequeno e mal iluminado. O cara de peixe os guiou por corredores e passagens até chegarem

a uma galeria que terminava numa escada estreita e sombria. O cara de peixe os empurrou escada abaixo. Os três desceram tropeçando e foram parar num pequeno patamar onde havia uma porta maciça e pesada. Na parede, uma única tocha iluminava o lugar. O cara de peixe desceu a escada com passos pesados e empurrou os meninos para o lado, abrindo espaço, enquanto retirava uma chave de dentro do bolso para soltar os elos metálicos que prendiam seus pulsos. Do outro bolso retirou uma chave maior e com ela abriu o cadeado que mantinha a porta trancada. Fez sinal com a cabeça para que entrassem e soltou o barulho de borbulhas.

— Não estão ouvindo? Entrem! – ele berrou, menos de um segundo depois.

Os três pularam para dentro com o susto.

Assim que passaram, o cara de peixe fechou a porta e a trancou ruidosamente com o cadeado.

Os três olharam para dentro do quarto, iluminado precariamente por apenas uma tocha pendurada na parede do fundo, e viram pessoas sentadas pelo chão, espalhadas pelos cantos. A maioria estava dormindo, ninguém parecia notar que eles tinham entrado. Foram lentamente até um lugar onde havia mais espaço e se sentaram. Ninguém nem se mexeu e os poucos que estavam acordados não pareciam espantados ou curiosos com a presença deles ali.

— O que será isso? – Marcelo perguntou baixinho.

Júlio olhava atentamente para as outras pessoas ao seu redor.

— Eles parecem pessoas normais! – disse, virando-se para os amigos. – Gente…como a gente.

— Mas por que estão aqui trancados? – Daniel perguntou, confuso.

— Não sei! – Júlio sussurrou. – O cara de peixe chamou a gente de Doncs, eles devem ser Doncs também. Vai ver que são serviçais.

— Pelo jeito que eles estão, e a maneira como o soltador de borbulhas tratou a gente – opinou Marcelo –, está mais pra serem escravos.

Daniel se levantou e aproximou-se um pouco de um grupo de homens que estavam sentados à sua esquerda. Não eram muito velhos, aparentavam no máximo vinte e poucos anos, como a maioria dos que estavam por ali. Suas roupas estavam rasgadas e sujas, seus rostos cobertos de poeira e sujeira. Um deles estava acordado, encostado na parede.

Daniel se aproximou e sentou-se no chão ao lado do rapaz.

— Oi, você sabe me dizer onde estamos? – ele perguntou em voz

baixa.

O rapaz virou-se para olhá-lo, mas continuou em silêncio. Seu olhar era de repreensão.

— O que são Doncs? – Daniel tentou mais uma vez, novamente sem nenhum êxito.

O rapaz limitou-se apenas a se virar para o outro lado e fingir que estava dormindo.

Daniel levantou-se novamente e voltou para o lugar onde estavam Júlio e Marcelo.

— Talvez devêssemos perguntar para aquele cara ali – ele disse, apontando para um menino sentado ao lado deles.

Marcelo se virou, aproximando-se um pouco.

— Oi, você fala a minha língua? – ele perguntou.

O menino apenas o olhou e não respondeu nada.

— Acho que eles não entendem o que a gente fala! – Marcelo disse, virando-se de volta.

Nesse instante, uma menina que parecia ser um pouco mais velha que eles, levantou-se e veio na direção de onde estavam sentados. Ela se aproximou e agachou ao lado de Daniel, em silêncio.

Daniel aguardou um pouco, achando que ela fosse dizer alguma coisa, mas ela permaneceu quieta.

— Eu acho que esse povo é meio mané! – ele disse, se virando para Júlio e Marcelo. – Parece que estão tão cansados que não conseguem nem pensar mais.

— Em partes, você até que tem razão! – a menina disse de repente. – Estamos mesmo muito cansados, mas manés não somos não, somos Doncs.

Daniel virou para a menina, espantado.

— Você fala a minha língua? – ele perguntou.

— Claro! – ela respondeu, olhando para frente. – Todos nós falamos.

— Por que ninguém responde, então, quando perguntamos? – ele insistiu.

— Porque aqui, falar é muito perigoso. O melhor é ficar quieto, para não correr o risco de perder a língua! – ela sussurrou, inclinando levemente o corpo para o lado.

— Quem é você? – Júlio perguntou baixinho, inclinando-se para frente.

— Me chamo Zoia – ela respondeu. – Quem são vocês?

— Meu nome é Júlio, esse aqui é o Marcelo e esse aí é o Daniel – ele disse, apontando para os amigos.

— Pois bem – ela continuou num sussurro –, acho bom vocês pararem de fazer perguntas se não quiserem se dar mal, e…

— O que são Doncs? – Júlio interrompeu.

Zoia ficou em silêncio por alguns segundos, olhando para Júlio sem acreditar que ele não havia entendido o que ela tinha acabado de falar.

— Nós somos Doncs. Vocês são Doncs, oras! – Ela revirou os olhos, irritada. – Como vocês não sabem disso?

Os três entreolharam-se e permaneceram em silêncio por alguns segundos, sem saber se deveriam revelar de onde vinham.

— Nós sofremos um acidente – disse Marcelo, colocando a mão na blusa manchada de sangue amarrada em sua cabeça. – Ainda estamos meio confusos…

— Bom, se vocês não se lembram, nós estamos no Estado de Alius, governado por Átira, a Chefe do Estado. – Zoia disse, desconfiada. – Aqui existem vários povos diferentes: nós somos Doncs, aquele que trouxe vocês até aqui, chama-se Sífiro e é um Mártino. Existem também os Gaulos, que são os gigantes, os Meniuns, que são aqueles com aparência de felinos, os Drageuns, como a nossa Chefe do Estado, e muitos outros.

— Ah sim, parece que eu estou me lembrando um pouco… – Júlio falou dramaticamente.

A menina olhou para ele de cima a baixo, sacudiu a cabeça e permaneceu em silêncio.

— E por que vocês, os Doncs, ficam presos aqui? – Marcelo perguntou.

Ela olhou ao redor com raiva nos olhos.

— Nós somos serviçais da Chefe do Estado! – ela disse entredentes. – Escravos! Fazemos todo o serviço do palácio, cuidamos das plantações, alguns também trabalham nas construções. Em troca, nos dão alguma comida e esse buraco para morar.

Daniel podia ver o brilho de revolta em seus olhos.

— Mas algum dia isso vai mudar… – Ela abaixou a cabeça tentando conter sua raiva.

Nesse momento a porta de entrada do quarto abriu com um estrondo e Sífiro, o cara de peixe, entrou.

— Atenção, Doncs estúpidos! – ele berrou, como era seu costume. –

Já amanheceu, hora de trabalhar!

— Mas a gente nem dormiu ainda! – reclamou Júlio.

— Cala a boca e anda logo antes que o “seu” borbulha ali resolva te dar um tapão na orelha! – Marcelo falou, puxando Júlio pelo braço.

As pessoas ao redor da sala começaram a levantar e entrar em fila na frente de Sífiro, que aguardava impacientemente, fazendo seus barulhos de borbulhas.

— Esse cara só sabe falar gritando? – Marcelo cochichou no ouvido de Júlio.

— Nem me fala! – sussurrou Daniel. – E eu que reclamava da professora de geografia!

Depois que a última pessoa entrou na fila, Sífiro virou-se e fez sinal com a mão para que o seguissem. Do lado de fora da porta, um gigante com as costas arcadas e a cabeça inclinada para baixo, roçando o teto, estava de guarda, esperando o último Donc passar para trancar o quarto.

Sífiro andava rapidamente pelos corredores do palácio, que mais pareciam os labirintos de um cortiço. Chegaram à uma sala maior, onde alguns outros caras de peixe aguardavam. Sífiro parou, virou-se e, andando no sentido contrário à fila, foi dizendo:

— Vocês cinco, ali! – E apontou para o primeiro Mártino. – Vocês três, ali! – E apontou para o segundo Mártino.

Sífiro continuou até terminar de distribuir todos os Doncs. Marcelo, Júlio e Daniel ficaram juntos, no grupo do terceiro Mártino, que fez sinal para que o acompanhassem.

Seguiram em fila até chegarem a uma sala grande, onde havia no centro uma mesa comprida de vidro, cercada de cadeiras de ferro. Devia haver lugar ali para pelo menos umas vinte pessoas. Em cima da mesa havia esponjas, panos e um arsenal de produtos de limpeza.

Júlio olhou ao redor e viu nas paredes quadros com símbolos que lembravam os brasões de família que ele havia visto na casa de seu avô uma vez, porém não eram pinturas, pareciam mais esculturas, já que os símbolos saltavam dos quadros para fora da parede. Haviam pequenas mesas espalhadas ao redor da sala, com vasos e estátuas em cima.

O Mártino postou-se na cabeceira da mesa e, antes de começar a falar, fez o tão famoso barulho de borbulhas.

— Hoje vocês vão limpar esta sala, Doncs. Espero encontrar tudo brilhando quando voltar! – ele disse rispidamente e retirou-se.

Daniel olhou ao redor e viu que todos os outros dirigiam-se à mesa para pegar alguma coisa e se espalhavam pela sala, limpando o que encontrassem pela frente. Alguns limpavam os móveis e vasos, outros limpavam o chão e as paredes. Daniel, depois de pegar um pedaço de pano grande, olhou ao redor da sala e foi até onde Zoia estava.

— É isso que fazemos? – ele perguntou discretamente, enquanto esfregava a superfície de uma mesa.

— Se tivermos sorte! – ela respondeu, sem parar de esfregar um vaso de metal no chão. – Acho melhor vocês tratarem de se ocupar antes que alguém chegue aqui e pegue vocês sem fazer nada.

Daniel voltou até onde Marcelo e Júlio estavam. Durante todo o caminho, esfregava com o farrapo tudo o que via pela frente.

— Parece que é melhor a gente começar a limpar… – ele disse aos amigos, rasgando um pedaço de pano para cada um.

— Minha mãe ia adorar ver isso! – Marcelo murmurou, pegando o pano e dirigindo-se à uma mesa num canto da sala.

Enquanto limpava, Júlio tentou puxar assunto com mais dois Doncs, mas não obteve nenhuma resposta. Ele se aproximou de Daniel, que estava limpando uma estátua.

— Ninguém abre a boca pra falar nada! – ele disse.

— Do que será que eles têm tanto medo? – Daniel perguntou, pensativo.

Vamos procurar uma carninha aqui!

D

epois de algumas horas esfregando e limpando, Marcelo ouviu a porta da sala abrindo e logo em seguida o Mártino passou por ela com passo apressado. No instante em que ele entrou, todos pararam imediatamente, correndo para o centro da sala, ao lado da grande mesa, colocando-se lado a lado em fila. Daniel, Marcelo e Júlio sem nem perceber seguiram os demais.

O Mártino olhou ao redor, emitindo o irritante som das borbulhas. Andou para cima e para baixo pela sala, olhando todos os detalhes. Enquanto isso, os Doncs permaneciam em silêncio e de cabeça baixa. O Mártino parou em frente a um dos quadros que saltava para fora da parede e começou a passar as mãos pelas saliências para ver se havia alguma sujeira que pudesse ter sido negligenciada.

— Só espero que ele não encrenque! – um Donc na fila disse baixinho para a moça que estava ao seu lado.

O Mártino imediatamente se virou com olhar furioso e apontou para o rapaz.

— Você! Por que está falando? – ele berrou.

O rapaz, assustado com o grito, esticou-se numa posição de sentido e tentou balbuciar alguma desculpa, mas o Mártino, que havia deixado sua inspeção para aproximar-se do infrator, não quis ouvir nada e gritou aos guardas que o levassem. Dois Gaulos entraram na sala e agarraram o rapaz, que de repente achou forças sabe-se lá de onde para se debater e gritar por socorro.

— Não! Por favor, não deixem que me levem! – ele gritava desesperado, tentando desvencilhar-se das mãos dos Gaulos. – Não deixem que me levem!

Daniel olhou ao redor esperando alguma reação, mas ninguém se mexeu. Ele notou Zoia apertando os punhos, com raiva, mas ela também se conteve e permaneceu parada com a cabeça baixa.

Os Gaulos levaram o rapaz e o Mártino fez sinal para que outro gigante acompanhasse os Doncs. Seguiram por corredores estreitos e mal

iluminados até um refeitório sujo, cheio de mesas compridas de madeira. No fundo, havia uma mesa com dois caldeirões de comida e pratos. Os Doncs, em fila, iam pegando seus pratos e se servindo. Quando chegou sua vez, Marcelo estava todo animado, morrendo de fome e doido para saber o que tinha para o almoço.

— Acho melhor você não se empolgar muito… – aconselhou Júlio, esticando o pescoço para ver os pratos das pessoas que já estavam comendo.

— Eu estou com tanta fome que eles podem estar servindo cabeça de porco recheada com chuchu que eu vou achar ótimo! – Marcelo exclamou, pegando um prato.

No primeiro caldeirão havia uma massa branca, que parecia arroz ultra empapado, e no segundo caldeirão alguma coisa ensopada num caldo espesso e avermelhado. Daniel foi o primeiro a se servir e depois afastou-se para que Júlio e Marcelo se servissem também. Júlio não colocou quase nada em seu prato e foi para o lado de Daniel, olhando meio desconfiado para a comida. Marcelo foi o último. Aproximou-se do primeiro caldeirão, assoviando.

— Hum! Um arrozinho! – ele disse animado.

Ele colocou um bloco no seu prato que quase arranca a ponta da colher. Depois, pegou a concha do segundo caldeirão e colocou um pouco do caldo.

— Vamos procurar uma carninha aqui! – ele falou, mergulhando a concha no fundo do caldeirão.

Quando ele trouxe a concha à tona, junto com ela veio uma cabeça, não de porco, mas de galinha, com olhos e tudo! Marcelo largou a concha e deu um salto para trás. Daniel e Júlio, que viram o que havia acontecido, olharam com nojo para seus pratos.

Olharam ao redor e viram Zoia numa mesa próxima, comendo com mais dois Doncs. Aproximaram-se e se sentaram nos bancos de madeira, colocando seus pratos em cima da mesa. Permaneceram parados alguns segundos, sem coragem de comer. Marcelo olhou ao redor e viu que todos os outros comiam como se aquela fosse a melhor refeição do mundo.

— A comida é boa assim todos os dias? – ele perguntou.

— Não, normalmente é bem pior, acho que hoje eles devem estar de bom humor! – Zoia respondeu, sem perceber a ironia.

Marcelo sorriu sem graça e remexeu a comida no prato. Os outros dois Doncs que estavam sentados na mesa se levantaram e foram sentar em

outro lugar, lançando um olhar de reprovação para Marcelo.

— O que foi? – Marcelo perguntou inocente. – Ofendi alguém? Foram eles que fizeram a comida?

— Não! – Zoia respondeu baixo, sem tirar os olhos do prato. – Você está falando demais. Os Doncs não devem falar!

— Por quê? – Daniel insistiu em perguntar.

— Os Mártinos não gostam de ouvir Doncs falando, eles acham que podemos estar tramando alguma coisa! – ela sussurrou, olhando para os lados. – É melhor ficarem quietos!

Terminaram a refeição sem nem sequer tocar na comida. Depois do almoço, todos foram levados a um pomar repleto de árvores baixas com galhos retorcidos. Passaram o resto do dia colhendo os frutos que pareciam cerejas, mas de uma vermelho muito mais intenso, como sangue. Marcelo quis provar uma, mas Zoia advertiu-o de que não deveria, pois aquelas frutas pertenciam à Chefe do Estado e apenas ela e os Drageuns podiam comê-las. Durante todo o tempo, Gaulos, os gigantes, faziam a ronda pelo pomar, para ter certeza de que nenhum Donc tentaria fugir.

— Eu acho que dessa vez nos demos mal! – Daniel sussurrou para Júlio, logo depois que um Gaulo passou por eles.

Júlio olhou para Daniel e já ia responder quando viu Zoia levando o dedo à boca em sinal de silêncio. Ele consentiu com a cabeça e continuou trabalhando.

No final do dia, depois de o sol se pôr, foram levados de volta ao quarto para passar a noite. Depois que todos entraram, o Mártino fechou a porta com o cadeado.

— Nós não vamos jantar? – Marcelo protestou indignado.

— Nós só temos uma refeição por dia! – Zoia respondeu secamente, sentando-se no chão. – Se você não comeu, é problema seu.

Marcelo se lembrou da cabeça da galinha e ficou pensando se não teria sido melhor ter encarado aquela comida do que estar faminto agora. Aliás, com a fome que estava, a cabeça da galinha estava até lhe parecendo bastante apetitosa!

— Zoia! – Daniel aproximou-se, sentando-se ao seu lado. – Onde está aquele Donc que foi levado hoje à tarde pelos gigantes?

Zoia abaixou a cabeça. Demorou alguns segundos refletindo sobre o que falar e acabou dizendo:

— É melhor vocês ficarem fora disso.

— Mas o que aconteceu com ele? – Júlio insistiu.

Zoia olhou fixamente para Júlio, como se estivesse avaliando seu rosto e pensando se deveria ou não falar.

— Ele foi levado à Chefe do Estado. – ela disse baixinho, aproximando-se um pouco mais. – O que significa que provavelmente perdeu a língua.

— Como assim? Quem é essa Chefe do Estado? – Júlio perguntou.

— Átira. É ela quem governa essas terras, mas tem estado muito atormentada desde que sua conselheira foi sequestrada e mantida em poder do Caputren – Zoia respondeu. – A Conselheira é muito importante para a Chefe do Estado e, sem ela, seu poder fica limitado. Átira agora se sente ameaçada e acha que todos conspiram contra ela. Sua soberania é mantida impondo medo nos povos mais fracos. Seus únicos aliados por escolha são os Meniuns e os próprios Drageuns. Todos os outros povos estão ao seu lado por medo e cada um tenta se manter vivo como pode. Assim, um povo acaba escravizando o outro. Ela não permite que os Doncs falem porque acha que isso pode levar a algum tipo de rebelião, quanto menos nos comunicarmos, melhor. Assim, cortar a língua daqueles que falam é uma maneira de mostrar quem é que manda.

— Essa Chefe do Estado só pode ser louca! – disse Marcelo assustado.

— Vocês não conhecem os Drageuns! – Zoia disse rapidamente. – Eles são criaturas extremamente perigosas.

Ela permaneceu em silêncio, para dar ênfase ao que havia dito. Alguns segundos depois, levantou-se e, limpando as mãos na blusa.

— Já falei demais! – ela disse. – É hora de dormirmos, amanhã temos um dia cheio pela frente.

Ela foi para o outro lado do salão e deitou-se no chão ao lado de alguns outros que já dormiam. Marcelo e Júlio também deitaram ali mesmo onde estavam. Daniel continuou sentado, pensativo.

“Onde será que Althea entra em toda essa história?” – ele pensou. – “Talvez ela nem esteja mais viva…”

Respirou fundo e também se deitou, tentando dormir.

Naquela noite, Daniel teve mais um sonho. Althea continuava a chamá-lo, pedindo ajuda. Ele podia vê-la perfeitamente. Acordou no meio da noite, assustado e suado. Tentou se acalmar e ouviu o estômago de Marcelo roncando. Não conseguiu mais voltar a dormir, não por causa do estômago de

Marcelo, mas porque estava preocupado. Ficou acordado até ouvir o barulho da porta do quarto abrindo. Um Mártino entrou e acordou todos os outros aos berros para levá-los ao trabalho.

Aliás, acho melhor acabar com eles de uma vez!

D

urante os próximos dias a rotina continuou a mesma. Eles eram acordados cedo por um Mártino, levados para trabalhar dentro do palácio na parte da manhã e à tarde trabalhavam nas plantações e pomares. O almoço era cada dia pior, mas com a fome acumulada acabaram comendo o que fosse servido. Marcelo lembrava da comida de sua avó e tinha vontade de chorar. Mas eles continuaram firmes, dia após dia. Por mais que tentassem, não conseguiram obter informações de ninguém. Todos tinham muito medo de falar, ainda mais se tratando do tipo de perguntas que eles estavam fazendo. Zoia era a única pessoa com quem conseguiam falar um pouco, mas ainda assim, ela não se mostrava disposta a contar em detalhes o que se passava por ali. O pouco que conseguiam descobrir era através do que acontecia no dia a dia e tiravam suas próprias conclusões.

Numa manhã, enquanto faziam a limpeza do salão principal do palácio, Daniel falava discretamente com Marcelo:

— O que vamos fazer? – ele perguntou, limpando um vaso de vidro com duas alças e vários ornamentos.

Marcelo sacudiu a cabeça e respirou fundo.

— Não faço a menor ideia! – ele respondeu discretamente, sem parar o que estava fazendo. – Não conseguimos descobrir nada até agora e não temos nenhuma hipótese de onde Althea possa estar!

— O pior é que sem uma pista, uma pequena informação que seja – continuou Daniel, recolocando o vaso com cuidado em cima da mesa –, fica realmente difícil tomar uma decisão.

Marcelo permaneceu pensativo por alguns segundos.

— Talvez a gente deva tentar fugir daqui! – ele disse, olhando para os lados.

Daniel virou-se rapidamente para ver se não havia ninguém por perto que pudesse ouvir o que estavam falando e, sem querer, esbarrou no vaso em

cima da mesa e o derrubou. Marcelo esticou o pé para tentar impedir que o vaso se espatifasse no chão, mas conseguiu apenas amortecer a queda, lançando-o para o outro lado, onde Júlio limpava uma cadeira.

— Júlio! – Daniel gritou.

Júlio, que estava completamente distraído na sua função, virou-se e só teve tempo de ver o vaso vindo voando em sua direção. Ele esticou os braços e fechou os olhos, mas sentiu apenas o ventinho do vaso passando a milímetros de seus dedos e indo parar no chão, espatifado em milhares de pedaços.

— Você é mesmo um mão furada, Júlio! – reclamou Marcelo, correndo para perto. – Olha o que você fez!

— Eu! A culpa é minha? Não fui eu que deixei o vaso cair! – Júlio respondeu, indignado.

— Mas você também podia ter pego o vaso, ao invés de dar uma bicuda nele, né Marcelo? – Daniel interveio.

— Mas foi você que deixou ele cair! – Marcelo retrucou.

Toda aquela confusão chamou a atenção dos Mártinos e Gaulos que estavam por perto. Sífiro entrou na sala, furioso, e gritou para que os três se juntassem imediatamente à sua frente.

— O que pensam que estão fazendo, Doncs idiotas? Armando algum plano contra o Estado? – ele berrou.

Sífiro estava tão nervoso que seu barulho de borbulhas parecia ainda mais alto e frequente.

Daniel tentou balbuciar uma desculpa, mas Sífiro não deu tempo para que ele falasse.

— Levem esses conspiradores daqui imediatamente! – ele gritou.

Três Gaulos aproximaram-se e os levaram da sala. Daniel ainda teve tempo de olhar desesperado para Zoia, pedindo ajuda. Zoia, embora visivelmente nervosa com a situação, não se moveu para ajudá-los, simplesmente abaixou o rosto e desviou o olhar de Daniel.

Os três foram arrastados pelos Gaulos pelos corredores do palácio até chegarem à uma sala enorme. O chão era coberto de pedras cor de chumbo, dispostas aleatoriamente, como um mosaico. As paredes eram feitas de um material que parecia areia. Aos fundos, havia um trono de vidro, com dois Gaulos, vestidos com armaduras, montando guarda um de cada lado. Atrás, na parede do fundo, havia janelas enormes intercaladas por tochas acesas, dando uma aparência mágica ao lugar.

O trono estava vazio. Sífiro empurrou os três para o meio da sala. Nesse momento, ouviram um barulho e viram que a Chefe do Estado entrava por uma passagem nos fundos. Ela vinha acompanhada de alguns serviçais, na sua maioria Meniuns. No momento em que a viu, Sífiro encolheu-se e abaixou a cabeça, com medo.

Daniel, que estava no chão, espiou brevemente para ver o que estava acontecendo. Viu a Chefe do Estado aproximando-se e, quando seus olhos encontraram os dela, por alguma razão, sentiu-se compelido a abaixar a cabeça e não teve coragem de olhá-la novamente.

Pelo que ele havia conseguido ver, Átira era uma pessoa normal, com exceção dos olhos, que por algum motivo pareciam estranhos, mas Daniel não sabia dizer o que havia de errado com eles.

A Chefe do Estado sentou-se no trono de vidro e permaneceu em silêncio por alguns segundos. Em seguida ela se dirigiu a Sífiro com um suspiro.

— O que esses Doncs fazem aqui? – ela perguntou.

Sífiro aproximou-se um pouco do trono.

— Majestade – ele disse com voz trêmula –, esses Doncs estavam tramando alguma coisa contra o Estado!

Átira olhou rapidamente para os lados, para seus serviçais. Ficou alguns segundos com a boca aberta como se fosse falar alguma coisa, mas não disse nada. Levantou-se do trono e deu alguns passos na direção de onde os meninos estavam.

— Vocês! Levantem-se! – ela disse.

Marcelo, Júlio e Daniel colocaram-se de pé devagar, permanecendo de cabeça baixa. Lentamente, Daniel arriscou levantar os olhos e notou que Átira era uma mulher muito bonita, tinha os cabelos negros, presos num emaranhado alto no topo da cabeça, a boca vermelha e carnuda. Os olhos eram lindos e ele conseguiu entender o que havia de estranho com eles: era a cor. Eram cinza, como ele jamais havia visto. Não entendia por que Zoia havia falado que a Chefe do Estado era uma Drageun. Ela parecia tão normal quanto ele.

— Já estou cansada de vocês, Doncs inúteis, tentando se rebelar! – ela gritou.

A comissão de serviçais ao seu redor murmurava, concordando com o que ela falava.

— E você! – ela se dirigiu a Sífiro. – Não é capaz de mantê-los nos

eixos?

Sífiro abaixou a cabeça, tremendo. Os meninos mantiveram-se quietos, sem se mexer. Havia uma hierarquia de espécies ali que eles não eram capazes de entender.

— Tenho muito o que fazer para ficar perdendo tempo com Doncs! – a Chefe do Estado disse, voltando a se sentar no trono. – Levem esses idiotas daqui e cortem suas línguas!

Ao ouvirem aquilo, Daniel, Júlio e Marcelo, que continuavam de cabeça baixa, esticaram-se imediatamente em desespero. Átira começou a rir e nesse momento Daniel entendeu por que ela não era uma Donc. Seus dentes eram como as presas de um animal. Enormes e pontiagudos, prontos para atacar ao menor sinal.

— Levem-nos daqui! – ela repetiu com um aceno de mão. – Aliás, acho melhor acabar com eles de uma vez, assim servem de exemplo para os outros.

Três Gaulos aproximaram-se para levá-los.

— Não! Por favor! – Daniel disse, num último grito de desespero. – Nós não somos Doncs! Viemos aqui para salvar uma pessoa!

A Chefe do Estado, que já ia saindo da sala, ao ouvir o que Daniel havia dito, parou e virou-se lentamente. Ela veio caminhando devagar até a frente do trono, com o olhar fixo em Daniel.

— Como assim não são Doncs? – ela perguntou, chegando o rosto tão perto do de Daniel que ele podia sentir seu hálito.

— Não somos Doncs! – Daniel repetiu com voz trêmula. – Viemos de outro mundo, a procura de uma pessoa, que está precisando de nossa ajuda! – ele completou, se inclinando para trás.

Átira ficou em silêncio, pensativa. Por um segundo, pareceu que uma nuvem de medo passou pelos seus olhos. Ela se virou para seus acompanhantes e pediu que todos saíssem da sala. Alguns guardas permaneceram em seus lugares e ela berrou para que eles saíssem também.

— Estão em busca de quem? – ela perguntou, depois que a sala ficou vazia.

— Estamos procurando por uma mulher chamada Althea, ela veio do nosso mundo e achamos que está em perigo. Nós viemos até aqui para tentar ajudá-la – explicou Júlio.

Átira andou lentamente até o trono, em silêncio. Ela acreditava que não eram simples Doncs, porque já havia visto seres como eles antes, sabia

que não devia subestimá-los. Havia aprendido isso com a própria Althea.

Quando ela se virou, tinha um sorriso no rosto e um olhar diferente.

— Então vocês vieram para salvar Althea! – ela disse, colocando as mãos unidas em frente aos lábios.

— Sim! – confirmou Júlio. – A senhora a conhece?

— Se eu a conheço? Claro que a conheço! – Átira disse em voz alta. – Althea é a minha Conselheira!

…posso poupar suas vidas se a trouxerem de volta!

Á

tira aproximou-se novamente. Marcelo, Júlio e Daniel permaneciam de pé em frente ao trono. Cada vez que ela chegava perto, os três se espremiam juntos e inclinavam seus corpos para trás, morrendo de medo.

— Althea foi levada daqui e está sendo guardada pelo Caputren – Átira informou, ignorando a reação dos três. – Já que vocês vieram aqui para salvá-la, acho que posso poupar suas vidas se a trouxerem de volta!

Ela sorriu, deixando aparecer as presas. Júlio sentiu um arrepio nas costas.

— Claro! Claro! – ele disse. – Nós podemos trazer ela de volta!

Daniel e Marcelo olharam para ele em sinal de reprovação. Júlio encolheu os ombros e apontou com os olhos para Átira, demonstrando que não podia fazer nada.

Átira bateu palmas e imediatamente Sífiro entrou no salão, acompanhado de alguns serviçais.

— Levem-nos daqui enquanto decido o que fazer! – Átira dirigiu-se a Sífiro. – E trate-os bem! – continuou, abrindo um sorriso sanguinário.

Sífiro fez sinal para que o seguissem e levou-os até uma sala apertada, com algumas cadeiras. Havia apenas uma janela pequena, que deixava um pouco de luz entrar. Assim que passaram pela porta, ele gritou para que sentassem e aguardassem. Ele olhou ao redor desconfiado, conferindo se estava tudo em ordem, soltou seu barulho de borbulhas e saiu, trancando a porta.

— Que diacho é aquilo? – Marcelo perguntou assim que Sífiro trancou a porta.

— Não sei! – respondeu Daniel. – Acho que ele faz esse barulho quando está nervoso, ou com raiva… ou sempre!

— Eu estou falando dos dentes da Átira, sua besta! – Marcelo exclamou, empurrando Daniel pelo ombro. – Que dentes são aqueles?

— Nem me fale! Achei que ela fosse comer a gente vivo! – falou Júlio.

— Bom, ela quase comeu mesmo! – disse Marcelo.

— Por que você foi concordar com ela que traríamos a Althea de volta se nós viemos aqui para levar ela embora, Júlio? – Daniel perguntou.

— Você acha que eu ia discordar daquela coisa? – Júlio respondeu, arregalando os olhos. – Além do mais, se Althea é a Conselheira, ela deve ter a maior moral com a dentuçona e vai acabar convencendo ela a nos deixar ir embora juntos! – concluiu, satisfeito.

— É… – Daniel falou, desconfiado. – Eu não teria tanta certeza.

— Bom, certeza ninguém tem! – falou Marcelo, sentando-se em uma das cadeiras. – Mas dado o tamanho dos dentes, acho que não havia outra opção a não ser concordar com seja lá o que fosse que ela falasse!

Júlio e Daniel também se sentaram e os três esperaram em silêncio. Algum tempo depois, a porta se abriu e Sífiro entrou.

— A Chefe do Estado requer sua presença novamente! – ele disse, solene.

Os três entreolharam-se, achando estranho ele não ter gritado, como sempre fazia. Eles o acompanharam de volta ao salão do trono, onde encontraram Átira esperando em pé.

Assim que entraram, ela pediu novamente para que todos saíssem.

— Muito bem! – Átira disse assim que o último guarda fechou a porta atrás de si. – Eu decidi que vocês irão resgatar Althea e, se a trouxerem de volta, poderão continuar vivos. Se falharem, é melhor darem um jeito de desaparecer, porque irei matá-los pessoalmente.

Ela sorriu e Júlio gelou.

— Para ajudá-los – ela continuou –, caso precisem de uma intérprete e para servir também de guia, Zoia irá com vocês.

Átira bateu palmas, uma porta se abriu e um Gaulo entrou puxando Zoia pelo braço. Ela se debatia, tentando se soltar. Ele jogou-a no chão, em frente ao trono. A menina levantou-se lentamente e olhou desafiadora para Átira.

— Zoia! – exclamou a Chefe do Estado. – Você vai ajudar esses três numa missão muito importante! Eles vão resgatar minha Conselheira!

Zoia olhou para eles como se não pudesse acreditar que iriam aceitar uma missão daquelas.

— Eu prefiro ficar! – ela disse secamente.

— Claro que você prefere! – Átira respondeu com ironia. – Mas aqui você não tem preferência nenhuma! Eu estou dizendo que você vai e pronto. Não estou perguntando se você quer ir! – ela ameaçou.

Zoia abaixou a cabeça, mas Daniel podia ver o ódio em seus olhos.

— Preparem-se, porque vocês partirão amanhã pela manhã! – Átira disse e retirou-se da sala.

Assim que ela saiu, Sífiro entrou no salão e os quatro foram levados até um quarto na parte superior do palácio.

Não tiveram que voltar a trabalhar o resto do dia. Mais tarde, um pouco antes de anoitecer, um Mártino entrou no quarto trazendo comida. Pela primeira vez durante todo aquele tempo, estavam tendo mais do que uma refeição no dia.

Marcelo aproximou-se da mesa onde o Mártino havia deixado os pratos e espiou para ver o que era. Nada diferente da gororoba que comiam sempre, mas pelo menos servia para matar a fome.

Zoia, que não parava de andar para cima e para baixo, pegou seu prato e foi sentar-se no chão, num canto do quarto.

— Por que você não senta aqui na mesa com a gente, Zoia? – Júlio sugeriu.

Zoia olhou para ele e respondeu secamente:

— Estou bem aqui mesmo.

Daniel percebeu o olhar de ódio que ela havia lhes lançado. Ele não conseguia entender qual era o problema.

— Zoia, eu sinto muito que a Átira tenha mandado você com a gente nessa missão – ele disse. – Imagino que esse Caputren deve ser muito perigoso e entendo que você prefira ficar aqui onde está em segurança. Gostaríamos que você soubesse que não pedimos que ela fizesse isso.

Zoia olhou para Daniel com desprezo.

— Você realmente acha que eu estou com medo? – ela perguntou com raiva. – Eu não tenho medo de nada, Daniel!

Ela se levantou e tentou abrir a porta, mas estava trancada.

— Mas qual é o problema, então? – Marcelo perguntou.

— O problema é que não entendo como vocês têm coragem de aceitar ajudar Átira a salvar a Conselheira! – Zoia respondeu e voltou a sentar-se onde estava antes. – Eu pensei que vocês fossem diferentes… – Ela se virou para a janela.

Daniel suspirou, sem saber o que dizer. A postura de Zoia deixava

bem claro que ela não queria mais saber de conversa. Seja lá como fosse, eles estavam ali para salvar Althea e é isso o que eles iam fazer, quer Zoia gostasse, quer não.

Naquela noite, Daniel deitou-se preocupado em como seria a jornada que teriam que enfrentar para resgatar Althea. Ele não fazia a menor ideia do quê ou quem era o tal Caputren e a única pessoa que poderia dar alguma informação seria Zoia, que não estava para muita conversa. Ele se sentia cansado e, pela primeira vez em muito tempo, conseguiu dormir sem ter que lidar com o stress de ter mais um daqueles sonhos com Althea.

De manhã logo cedo ouviram o barulho da porta sendo destrancada e Sífiro entrou no quarto.

— Hora de se aprontarem, Doncs! – ele disse, com um sorriso cínico nos lábios e depois fez seu barulho de borbulhas, que dessa vez parecia comemorativo. – A Chefe do Estado os espera na sala do trono em cinco minutos. Voltarei para buscá-los! – ele informou, jogando no chão três mochilas e uma capanga.

Júlio levantou-se enquanto Sífiro saía e fechava a porta.

— São as nossas mochilas! – ele exclamou, pegando rapidamente sua mochila e checando seu conteúdo. – Nada! – ele continuou. – Não colocaram nada de novo aqui, só o que eu já tinha mesmo.

Marcelo voou para pegar sua mochila e começou a revirar tudo o que havia lá dentro. No fim jogou a mochila no chão com raiva.

— Os desgraçados comeram minhas bolachas!

Eu tenho uma dívida com vocês.

D

epois de algumas poucas palavras com Átira e um mísero café da manhã, Daniel, Marcelo, Júlio e Zoia receberam um pouco de água e comida para a viagem e foram praticamente enxotados para fora do palácio. Antes de saírem, Átira os advertiu, com os dentes à mostra, que seria melhor não voltarem sem a Conselheira.

Zoia, revoltada de ter que acompanhá-los, tornava cada passo mais difícil. Eles estavam em suas mãos, pois era a única que conhecia a região e que poderia levá-los até onde o tal Caputren mantinha a Conselheira prisioneira.

— Zoia! – Júlio chamou. – O que, exatamente, é esse tal de Caputren?

Zoia olhou-o friamente e não respondeu.

— Ela ainda está com raiva da gente… – Marcelo disse baixinho para Júlio.

— Raiva do quê? – perguntou Júlio em voz alta.

— Como vamos derrotar uma coisa que nem sabemos o que é? – Daniel interrompeu.

— Não sei, mas acho que antes de pensar nisso, temos outro problema pra nos preocupar! – Júlio falou, olhando de esgueio para Zoia. – Como vamos ter certeza que ela vai nos guiar pelo caminho certo? Não podemos confiar nela!

Zoia ia na frente do grupo, andando rapidamente, sem se importar se os outros estavam ou não conseguindo acompanhá-la. Seguia pelas ruas como se estivesse dentro de sua própria casa. Entrava em becos e passagens por entre muros. Daniel, Júlio e Marcelo corriam para não a perder de vista.

— Eu não sei vocês – Marcelo disse baixinho –, mas eu tenho uma leve impressão que a Zoia está enrolando a gente. Que caminho é esse que ela tá fazendo que não chega a lugar nenhum?

— Também estou achando… – Daniel respondeu, desconfiado –, mas acho melhor a gente correr antes que ela suma!

Andaram por horas, num ziguezague frenético, até atingirem os

limites da cidade. Depararam-se com um campo aberto, praticamente um deserto. Não havia quase nenhuma vegetação, apenas algumas poucas árvores e arbustos espalhados aqui e ali. Montes de terra formavam pequenas montanhas que pareciam esculturas brotando do chão. O sol brilhava alto no céu e o calor era intenso. Andaram por mais algumas horas, parando apenas para beber um pouco de água.

— Já estamos perto? – Júlio arriscou perguntar, aproximando-se de Zoia.

Ela se limitou a olhá-lo com desdém e novamente não respondeu nada.

Chegaram num trecho de serra onde havia um caminho tortuoso pelo vale, entre duas montanhas razoavelmente altas. Zoia parou um pouco e olhou para cima. Levou a mão ao rosto para tampar o reflexo do sol em seus olhos.

— Por que paramos? – Daniel perguntou, também olhando para cima.

Zoia não respondeu.

— Ela não vai mais falar, não? – Perguntou Marcelo, virando-se para os amigos.

— Já vi que essa viagem vai ser longa! – Júlio resmungou, sentando-se num monte de terra perto de um barranco e tomando um gole de água.

— Nós temos que passar rápido por esse trecho! – Zoia disse subitamente.

Ela continuava olhando as montanhas, como se esperasse que a qualquer momento algo pudesse vir de lá.

Marcelo também olhava para cima, tentando ver o que ela tanto procurava.

— Por que temos que passar rápido por aqui? – Daniel perguntou.

Zoia respirou fundo, como se a resposta fosse óbvia.

— Esse é o território dos Gólits – ela disse.

— Ah sim! – Júlio levantou-se. – Os Gólits… o que são mesmo os Gólits?

Zoia revirou os olhos antes de responder.

— São um povo que vive nas montanhas. Eles atacam todos que invadem seu território.

— E nós, obviamente, temos que passar por aqui! – falou Marcelo.

— Será que não dá pra gente dar a volta, pegar outro caminho? – arriscou Júlio.

— Não! O único caminho para chegarmos onde vocês querem ir é por aqui. Se estiverem com medo podemos voltar! – Zoia desafiou e ficou parada de braços cruzados, aguardando uma resposta.

Como nenhum dos três respondeu, ela se virou e começou a andar. Marcelo e Daniel foram atrás dela enquanto Júlio ficou um pouco para trás.

— Ai, ai, ai! – ele disse. – Já vamos nos meter em encrenca!

Zoia ia na frente andando rapidamente. O caminho era acidentado e cheio de pedras. Ela pulava de uma pedra para a outra, passava por entre trechos estreitos, subia e descia de barrancos. Tentava ao máximo ficar na sombra, tanto para evitar o sol quente, como para não ser vista pelos Gólits.

Andaram por cerca de meia hora em silêncio, quando de repente Zoia disse em voz baixa:

— O território deles termina logo ali na frente, se conseguirmos chegar até lá, estaremos a salvo.

— Moleza! – falou Daniel.

Nem bem ele havia terminado de falar e ouviram um tremendo estrondo. Olharam para cima e viram que várias pedras vinham rolando montanha abaixo na direção deles. Logo atrás das pedras vinha uma legião de Gólits, que eram seres baixinhos, com feições humanas. Júlio deu um berro e todos saíram correndo.

— Para o final da encosta! – Daniel gritou.

Todos saíram em disparada, mas Zoia tropeçou e caiu. Quando começou a se levantar para correr, dois Gólits pularam de cima das pedras e a prenderam.

Zoia gritava, tentando desvencilhar-se. Júlio e Daniel já haviam alcançado os limites do território, mas Marcelo ouviu os gritos e voltou, escondendo-se atrás de uma pedra.

— O que aconteceu? – Júlio perguntou, tentando olhar por cima das pedras.

— Parece que eles pegaram a Zoia! – disse Daniel. – E talvez o Marcelo também, não estou conseguindo ver ele.

Daniel subiu em cima de uma pedra mais alta e avistou Marcelo.

— Não pegaram o Marcelo! – ele gritou para Júlio, que esperava embaixo, tentando inutilmente subir de volta para cima da pedra.

— Vamos ter que voltar! – afirmou Daniel. – Eles estão com a Zoia.

Enquanto isso, os Gólits passaram uma corda ao redor do corpo da menina, prendendo seus braços de forma que ela não podia se mexer.

Obrigaram-na a sentar-se no chão enquanto revistavam sua sacola.

Marcelo aproveitou que eles estavam distraídos para se aproximar por entre as pedras.

Zoia olhava assustada para os lados e tentava se soltar. Os Gólits andavam de um lado para o outro e riam de seu desespero.

— Essa tá no papo! – falou um deles, aproximando-se e segurando o rosto de Zoia.

— Me larga, seu nojento! – Ela virou o rosto com raiva.

Os outros riram. Marcelo aproveitou o incidente para mover-se novamente, dessa vez para uma rocha mais próxima.

Dois Gólits que haviam ido atrás de Daniel e Júlio, voltaram informando que eles estavam fora de alcance. A maioria deles, então, resolveu subir a montanha e voltar aos seus lugares de guarda. Apenas dois ficaram com Zoia, tentando fazer com que ela se levantasse e os seguisse, mas Zoia resistia como um burro empacado.

Marcelo aproveitou esse momento, pegou uma pedra grande que estava ao seu pé e preparou-se para atacar.

“Acho que um desses nanicos eu dou conta de derrubar!” – ele pensou.

Enquanto isso, Daniel voltava pelo meio das pedras e também se aproximava. Marcelo não percebeu que ele vinha vindo e saiu de trás do seu esconderijo, correndo em direção aos dois Gólits que estavam de costas, tentando arrastar Zoia. Num golpe rápido, Marcelo bateu com a pedra na cabeça do primeiro, que caiu desmaiado no chão. O segundo virou-se rapidamente e vendo-o, desembainhou uma pequena espada de metal. Marcelo afastou-se, ameaçado pela espada. Ele dava passos para trás e para os lados, e o Gólit o seguia lentamente.

Daniel vinha esgueirando-se por detrás das pedras. Em sua dança, Marcelo e o Gólit passaram por ele e, no momento exato, Daniel lançou-se para cima do pequeno homem, derrubando-o. Para sua surpresa, ele era extremamente forte, mas um segundo depois Marcelo também pulou para cima deles com uma pedra na mão e deu uma pancada certeira na cabeça do Gólit, que caiu desacordado em cima de Daniel.

— Ugh! Tira esse cara daqui! – pediu Daniel.

Marcelo ajudou Daniel a empurrar o Gólit para o lado e os dois foram soltar Zoia.

Marcelo usou a pequena espada para cortar as cordas que prendiam

Zoia, enquanto Daniel prendia em seu cinto a espada do outro Gólit que estava desmaiado no chão. Assim que Zoia levantou-se, ouviram um barulho tremendo e gritos. Quando olharam para cima, viram que o bando de Gólits, percebendo o que havia acontecido, vinha descendo a montanha.

— Vamos sair daqui! – Zoia gritou.

Os Gólits vinham correndo e rolando montanha abaixo.

— Corre que eles vêm vindo! – berrou Marcelo.

Ao chegarem à pedra que delimitava o território dos inimigos, Marcelo, Daniel e Zoia encontraram Júlio, que tinha acabado de conseguir subir na pedra.

— Vamos embora, Júlio! – Marcelo gritou, pulando no chão.

— Mas eu acabei de subir! – Júlio reclamou, abrindo os braços.

— Vamos que eles vêm vindo! – gritou Daniel.

Júlio olhou rapidamente para trás, vendo a multidão de Gólits que vinham em sua direção, e pulou da pedra para o chão. Correu juntamente com os outros até perderem o fôlego.

— Acho que já estamos longe o suficiente! – Zoia abaixou-se e apoiou as mãos nos joelhos para descansar.

— Será que eles não vêm atrás da gente? – Júlio perguntou, preocupado.

— Pode ficar tranquilo – Zoia disse, ainda recuperando o ar. – Aqui eles não pegam mais a gente.

— Essa foi por pouco! – exclamou Marcelo.

Daniel sentou-se no chão e bebeu um pouco de água, depois estendeu a garrafa para Zoia.

— Toma, bebe! – ele disse. – Sua sacola ficou com os Gólits.

Zoia, um pouco sem graça, esticou o braço e pegou a garrafa.

— Obrigada! – ela disse baixinho.

— Não se preocupe com isso! – Daniel respondeu, limpando o suor da testa. – Pode tomar à vontade.

Zoia tomou um gole e estendeu a garrafa de volta a Daniel.

— Obrigada por terem me salvado! – ela repetiu mais alto. – Agora eu tenho uma dívida com vocês!

Daniel olhou fixamente nos olhos dela e disse:

— Você não tem dívida nenhuma com ninguém! A única coisa que queremos é que você leve a gente até o lugar onde a Conselheira está.

Zoia abaixou a cabeça e Daniel percebeu que ela estava confusa.

Sentia raiva e ao mesmo tempo obrigação de ajudar.

— Vou levar vocês até lá porque me salvaram, mas já estou avisando que estão cometendo um grande erro! A única chance do nosso povo se libertar é se Átira não tiver mais a ajuda da Conselheira. Juntas, elas são muito poderosas.

— Não se preocupe, Zoia! – disse Júlio. – A Conselheira não vai voltar ao castelo, nós viemos aqui para levá-la embora com a gente.

— De toda forma – opinou Marcelo –, nosso objetivo é o mesmo: a Conselheira não vai mais estar junto de Átira.

Zoia parecia desconfiada e confusa. Depois de alguns segundos, ela recomeçou a andar.

— Vou levar vocês até a montanha do Caputren, mas fiquem sabendo que não vai ser fácil tirá-la de lá! – ela disse, acenando para que a seguissem.

Que diacho é afinal esse Caputren?

A

ndaram até o final do dia. Quando o sol se pôs, acharam um lugar seguro, entre algumas pedras, para passar a noite. Estavam tão cansados que nem o chão duro foi empecilho para dormirem.

Nessa noite, Daniel teve mais um sonho. Dessa vez, Althea parecia ainda mais alterada. Ele sentia a presença de alguma coisa maligna perseguindo-o, mas não sabia o que era. Ele fugia, cada vez mais desesperado.

Já era quase de manhã quando acordou, assustado. Em alguns minutos o sol começou a nascer. Daniel limpou o suor da testa, lembrando-se do pesadelo.

“Acho que devemos estar chegando perto!” – ele pensou. – “Por isso os pesadelos estão se intensificando. Deve significar que estamos no caminho certo.”

Daniel acordou os outros e voltaram à caminhada. Zoia ia na frente, mas agora não tinha mais a atitude desafiadora de antes. Andava mais devagar e esperava para que os outros a acompanhassem. Também não dava mais tantas voltas, tinha um objetivo, um lugar aonde queria chegar.

À medida que iam descendo, a vegetação começava a mudar, o chão já não era tão seco, havia um pouco de mato e arbustos. Havia também algumas poucas árvores com galhos compridos e um cheiro de podre no ar.

— Que lugar é esse? – Daniel perguntou.

— Que **cheiro** é esse? – Júlio levantou o braço para tampar o nariz.

— Nós estamos no estreito de Camin. É por aqui que vamos encontrar a entrada para o lugar onde a Conselheira deve estar – explicou Zoia.

— E esse cheiro? – insistiu Júlio.

— Esse cheiro – Zoia disse, olhando para baixo – vem dali!

Zoia apontou para um lago enorme que se formava entre a elevação onde estavam e a montanha do outro lado. Do ponto onde estavam, mal podiam ver o cume da montanha, de tão alta. Uma neblina espessa cobria o pico. Na base, apenas um penhasco formado de pedras, que terminava dentro

do lago.

— É aí que a Conselheira está? – perguntou Daniel.

— Ela deve estar dentro da montanha – Zoia explicou. – Guardada pelo Caputren.

— Que diacho é afinal esse Caputren? – Marcelo perguntou.

— Vocês vão ver quando chegarmos lá! – Zoia respondeu. – Por agora, acho melhor se preocuparem em como entrar na montanha.

— Existe alguma entrada? – perguntou Júlio.

— Sim! – Zoia afirmou com a cabeça. – De fato, existem duas: uma no cume da montanha, mas é praticamente impossível chegar até lá, a não ser que você consiga voar – ela deu um sorriso sínico –, e a outra, embaixo da água, na base da montanha.

— Embaixo da água? – perguntou Júlio, já pensando que não sabia nadar direito.

— Sim! – Zoia sorriu novamente. – E é por aí que vamos entrar!

— Ai, meu santo! – Júlio levou as mãos à cabeça.

— Você tem ideia da profundidade em que está a entrada? – perguntou Marcelo.

— Você acha que vamos conseguir mergulhar até ela? – interrompeu Daniel.

— Nós não vamos precisar nadar! – Zoia disse. – Não vamos nem precisar nos molhar!

— Como assim? – Daniel perguntou.

— Vocês vão ver quando chegar a hora! – Zoia disse simplesmente e continuou descendo a encosta em direção ao lago.

Quando chegaram lá embaixo pararam na beirada da água, admirados com a parede de pedra que se erguia do outro lado. A água era escura e cheirava mal. O lago era muito grande, estendendo-se para os dois lados até fundir-se com o horizonte. O trecho entre a beirada da água onde estavam e a parede de pedra não era tão longo.

— Como vamos passar? – Marcelo perguntou. – Parece bem fundo.

— Sem contar a catinga! – acrescentou Júlio.

Zoia virou-se para o lado.

— Nós vamos esperar o Sibirum esvaziar o lago – ela explicou.

— O quê? – disse Daniel incrédulo. – Esvaziar o lago?

— Sim! – Zoia respondeu. – Foi isso mesmo que eu disse.

Marcelo respirou fundo.

— Eu sei que vou me arrepender de perguntar isso – ele disse –, mas vou perguntar assim mesmo: o que é um Sibirum e como ele vai poder esvaziar um lago desse tamanho?

Zoia, que continuava olhando para o lado, virou-se lentamente para Marcelo.

— Simples! – ela disse. – Sibirum é um monstro que vive nesse lugar. Três vezes por dia ele suga a água do lago e depois volta a enchê-lo de novo alguns minutos mais tarde, soltando tudo de volta. No momento em que ele sugar a água, teremos alguns minutos para alcançar a entrada da montanha e correr pelo caminho até chegar acima do nível do lago.

Júlio estava pensativo.

— Eu já ouvi isso antes… – Júlio começou a dizer, tentando lembrar.

— Isso não importa agora, Júlio! – interrompeu Daniel. – Temos que pensar em como vamos chegar até a entrada antes que o bicho solte a água de volta.

— Não vai ser complicado! – Zoia falou. – Daqui a alguns minutos ele deve começar a sugar a água. Assim que esvaziar, a gente desce correndo em direção à entrada da caverna, que deve ser mais ou menos na direção de onde estamos agora.

— Mas e o tal Sibirum? – perguntou Marcelo. – Ele não vai se incomodar com a gente?

— Caríbdis! – gritou Júlio.

— Olha a boca, Júlio! – exclamou Marcelo. – Não tá vendo que tem menina por perto?

— Eu sabia que já tinha ouvido essa história antes! – Júlio ignorou Marcelo. – Esse monstro, esse Sibirum, é igual ao Caríbdis da mitologia Grega. Eu estudei sobre ele pro meu seminário! Se esse Sibirum for igual ao Caríbdis, ele vai querer comer a gente!

Zoia coçou a cabeça.

— Pois é, esse é o único “pequeno” detalhe – ela disse, meio sem graça. – O Sibirum retira a água do lago justamente para tentar encontrar comida, qualquer coisa que mate sua fome. Portanto, quando vir a gente atravessando, provavelmente vai vir na nossa direção e, se não formos rápidos o suficiente, vamos virar comida de monstro.

— Ah! Que ótimo! – falou Marcelo. – Era só essa mesmo que faltava. Vamos virar petisco de monstro mitológico. Ô Júlio, nesses seus estudos todos você não aprendeu nada a respeito de como se faz pra combater esse

bicho, não?

— Infelizmente, não. – Júlio respondeu, sério.

— Nós temos que ser rápidos! – Zoia falou. – O Sibirum é um monstro relativamente grande e lento, vai levar um tempo até chegar na gente, se tivermos sorte dele estar longe quando começar a sugar a água. Temos apenas que tomar cuidado com seus tentáculos, que são longos.

— Podíamos procurar uns galhos fortes que a gente possa usar como lanças! – Júlio sugeriu.

— Podemos também usar isso – falou Marcelo, mostrando a pequena espada que ele havia pegado do Gólit no vale.

— Onde você arranjou isso? – perguntou Júlio.

— Roubei do Gólit lá atrás – Marcelo respondeu, sacudindo as sobrancelhas. – Tem outra com o Daniel. O único problema é que pesa feito um burro morto!

Júlio aproximou-se, pegando a espada nas mãos. Era pequena e curta, do tamanho perfeito mesmo para um anão. Era realmente muito pesada para o seu tamanho.

— Isso deve ser feito de chumbo! – Júlio disse, devolvendo a espada a Marcelo.

— Deve servir – disse Zoia. – Os tentáculos do Sibirum são muito sensíveis e, caso ele consiga pegar algum de nós, podemos usar a espada pra fazer ele soltar.

Nesse momento ouviram um barulho ensurdecedor, como se um ralo gigante tivesse sido aberto. A água do lago começou a rodar lentamente em direção ao canto oeste. Em alguns segundos um redemoinho se formou e um corpo enorme, de aparência gelatinosa, começou a aparecer sob a água.

— Ele parece uma lula gigante! – falou Marcelo com nojo.

— Uma mistura de lula, com polvo, com sapo, sei lá! – disse Daniel. – Que troço esquisito!

O Sibirum continuava sugando. No momento em que a água começou a baixar das beiradas do lago, Zoia gritou:

— Agora!

Ela desceu a encosta e começou a atravessar para o outro lado. Marcelo, Júlio e Daniel vinham correndo atrás dela, em direção a uma abertura que começava a aparecer na base da montanha de rocha do outro lado.

— Você disse que a gente não ia ter que se molhar! – Júlio reclamou,

afundando as pernas até os joelhos na água.

— Cala a boca e corre! – Zoia gritou, olhando rapidamente para a direção onde estava o monstro. – Ele vem vindo!

O Sibirum movia-se lentamente na direção deles, esticando seus tentáculos, que tinham vários metros de comprimento, para tentar pegá-los. Um deles foi na direção de Marcelo, que pegou a espada e deu-lhe uma espetada.

— Toma! Sua lula gigante! – ele gritou, soltando-se.

Júlio era o último e tentava desviar-se de todo jeito de um tentáculo que tentava lhe apanhar. Sem que ele percebesse, um outro veio pela lateral e o pegou, enrolando-se em seu corpo.

— Ah!! Socorro! – Júlio gritou.

Zoia e Marcelo já haviam chegado à entrada. Daniel estava um pouco para trás, quando ouviu Júlio gritar. Ele se virou e voltou correndo para onde Júlio estava. No caminho, driblou alguns tentáculos que tentavam pegá-lo, espetou outros e acabou chegando até o que segurava Júlio.

O monstro sacudia Júlio no ar. Daniel aproximou-se e, num golpe certeiro, cortou o tentáculo fora. Júlio caiu no chão e se soltou. O Sibirum se debatia em dor, enquanto Daniel e Júlio corriam até a entrada da montanha.

— É melhor a gente correr! – Zoia disse assim que chegaram. – Ele não vai segurar a água por muito mais tempo agora que está ferido.

Ela correu por uma subida de pedras que levava a um patamar maior, num nível acima. Em alguns segundos a montanha começou a se encher de água, e eles continuaram subindo, até chegarem a um ponto onde a água não podia mais alcançá-los.

— Agora estamos seguros! – disse Zoia, sem fôlego. – Pelo menos por enquanto.

— Vocês viram o picadinho que eu fiz daquela lula? – Daniel riu.

— Obrigado, Daniel! – Júlio disse, ainda tentando recuperar o ar.

— Você não precisava ter cortado o tentáculo dele fora, Daniel! – exclamou Zoia. – Agora vamos ter problemas para sair daqui.

— Por quê? – Marcelo perguntou.

— Porque o Sibirum agora vai nos esperar voltar, vai querer se vingar pela perda do tentáculo.

— Lula rancorosa! – Marcelo falou zombando.

Zoia sacudiu a cabeça.

— A gente vê isso depois. Nem sabemos se vamos conseguir voltar…

É ela… é ela!

D

entro da montanha praticamente não havia luz. Os poucos raios que entravam por frestas na rocha não eram suficientes para iluminar o caminho.

— Para onde vamos agora, Zoia? – Júlio perguntou.

— Não faço a menor ideia – Zoia disse, olhando para os lados.

— Como não faz a menor ideia? – Marcelo repetiu. – Era pra você saber onde estamos indo e levar a gente até a Conselheira!

— Bom… – ela respondeu. – Eu trouxe vocês até aqui. A Conselheira está presa dentro dessa montanha. Eu fiz a minha parte! Daqui pra frente estou tão perdida quanto vocês.

— Essa é boa! – reclamou Daniel.

— Eu nunca estive aqui antes! – Zoia protestou. – Eu sei que ela está aqui, porque é aqui que o Caputren vive.

Daniel olhou ao redor. De onde estavam só tinham a opção de continuar em frente por um corredor fino, quase que uma rachadura na parede, ou voltar por onde tinham vindo.

— Vamos seguir por aqui! – Daniel disse, apontando a rachadura. – Vamos ver onde vai dar.

Daniel liderou o grupo dessa vez, seguido de Zoia e Júlio. Marcelo vinha no final da fila.

O caminho era acidentado e cheio de pedras soltas. A falta de luz também não ajudava, pois tinham a impressão de que a qualquer momento poderiam cair num buraco. A fila seguia devagar e o progresso era pouco.

— Se pelo menos tivéssemos alguma luz! – reclamou Júlio.

Depois de algum tempo, seus olhos habituaram-se com a escuridão e começaram a conseguir distinguir os contornos das paredes e rochas. Mesmo assim, ainda era difícil andar e demoravam muito para avançar.

— Zoia, você tem alguma ideia de onde esse Caputren deve estar? – Daniel perguntou.

— O que dizem é que o meio da montanha é oco e que o Caputren fica lá como um guardião. Se a Conselheira realmente está aqui, ela deve

estar muito bem guardada e para chegar até ela, teremos que passar por ele.

— E você sabe como fazer isso? – Marcelo perguntou lá de trás.

— Derrotar o Caputren? – Zoia perguntou. – Nunca ouvi falar que alguém tenha conseguido fazer isso. Os soldados que Átira mandou para tentar resgatar a Conselheira nunca voltaram…

— Beleza! – Marcelo resmungou.

— Você sabe como ele é ou o quê, exatamente, é esse tal de Caputren? – Daniel perguntou.

— Nunca vi, mas dizem que é um monstro horrível de três cabeças, que solta fogo pela boca.

— Ah, que fofo! – Marcelo resmungou novamente.

À medida que iam caminhando, a passagem na rocha ia se alargando. Depois de algum tempo, começaram a ver alguns clarões iluminarem mais à frente.

— Alguém ainda tem água? – Júlio perguntou, checando sua mochila. – A minha acabou.

Marcelo pegou sua garrafa e jogou para ele.

— É impressão minha ou tá ficando cada vez mais quente aqui? – Daniel perguntou.

— É o fogo do Caputren! – Zoia explicou. – Dizem que ele solta fogo pela abertura superior da montanha. É sinal que estamos chegando perto.

— Então vamos continuar – sugeriu Júlio, engolindo seco. – Essa caverna do Caputren deve ser bem aconchegante e quentinha! Mal posso esperar… – Ele concluiu com uma careta.

Depois de mais alguns minutos andando, o corredor por onde vinham se abriu em uma área enorme, como uma arquibancada suspensa ao redor de um ginásio. No centro havia um buraco e lá de baixo vinha um rugido ensurdecedor. Eles se aproximaram lentamente da muralha de pedra e espiaram lá embaixo. No meio de uma arena toda cercada de rochas estava a criatura mais medonha que já tinham visto. O corpo e uma das cabeças era de leão, o rabo era uma serpente e a terceira cabeça era de um bode, que olhava sempre para trás.

— Quimera! – Júlio disse estupefato.

— Vocês se conhecem? – Marcelo perguntou.

Nem bem ele tinha terminado de falar, o monstro lá embaixo soltou uma rajada de fogo para cima, em direção à abertura no alto da montanha. As labaredas passaram como um foguete e eles só tiveram tempo de se jogarem

para trás. Ainda assim, o fogo conseguiu lamber a pele de Daniel.

— Você está bem? – Zoia correu até ele.

— Estou – Daniel respondeu, segurando o braço que tinha sido atingido.

— Acho melhor cuidarmos disso! – ela continuou.

Marcelo trouxe sua garrafa de água e jogaram um pouco em cima do ferimento. Depois, ele tirou a calça de seu pijama de bolinhas de dentro da mochila e amarrou em volta do braço de Daniel.

— Pronto, isso deve resolver por enquanto! – ele disse.

O monstro lá embaixo continuava a rugir de tempos em tempos. Quando estava em silêncio ouvia-se o chiado da cobra.

Marcelo aproximou-se novamente da parede e olhou para baixo. O Caputren estava deitado no meio da arena e ainda não tinha percebido a presença deles ali. Ao seu redor havia uma área aberta e, depois disso, apenas as pedras que se empilhavam aos poucos e subiam, formando a parede onde Marcelo estava encostado. Um pouco mais atrás de onde o monstro estava, Marcelo notou algo parecido com uma cela, uma gaiola gigante. Lá dentro havia uma pessoa deitada num dos cantos, próxima às grades.

— Achei! – ele sussurrou, voltando-se para os outros. – Ela está ali!

Daniel correu até onde Marcelo estava e olhou para baixo. Marcelo apontou a direção e lá, deitada, ele pode ver a mulher de cabelos vermelhos dos seus sonhos.

— É ela! – Daniel disse. – É ela!

— Mas ela está presa dentro daquela cela, temos que descobrir onde está a chave! – falou Marcelo.

Os dois voltaram para onde estavam Zoia e Júlio.

— É ela mesmo? – Júlio perguntou, sem coragem de se aproximar da parede.

— Sim, é ela! – respondeu Daniel.

— Precisamos achar a chave! – disse Marcelo.

— Se conseguirmos descobrir onde está a chave, talvez a gente consiga soltar a Conselheira sem ter que realmente passar pelo Caputren! – sugeriu Júlio, esperançoso.

— Deve estar com o Caputren. Ele deve estar guardando a chave, e não a Conselheira – Zoia disse, acabando com as expectativas de Júlio.

Marcelo voltou em silêncio à beirada da parede de pedras e continuou observando a criatura lá em baixo.

O Caputren levantou-se e andou ao redor da arena, como que para esticar as pernas. Marcelo notou algo brilhando em seu pescoço. Era uma chave pendurada numa corrente de ouro. O Caputren voltou a se deitar em frente à cela e Marcelo retornou para onde os outros estavam.

— Achei a chave… – ele disse.

— Ótimo! – Daniel levantou-se, animado. – Vamos pegá-la! Onde está?

— No pescoço do Caputren! – Marcelo respondeu, chateado.

Todos se sentaram, desanimados.

— Claro! – protestou Daniel. – Com a nossa sorte, não podia ser diferente.

— Isso significa que vamos ter mesmo que encarar o tal Caputren! – falou Marcelo.

— Mas como? – perguntou Zoia.

— Na verdade – falou Daniel – eu acho que ele está bem vulnerável. Daqui de cima temos uma mira perfeita pra acertar ele, basta a gente conseguir algum tipo de arma ou alguma coisa grande o suficiente.

— Não é tão simples assim! – interrompeu Zoia, sacudindo a cabeça. – Dizem que o Caputren tem um couro tão grosso que é praticamente impossível feri-lo. Nem mesmo uma flecha consegue perfurar sua pele.

Júlio, que estava o tempo todo sentado e quieto, levantou-se e pegou a pequena espada de chumbo que Marcelo havia roubado do Gólit.

— Eu tenho uma ideia! – ele disse, triunfante.

Na verdade, eu tenho parte de uma ideia.

T

odos se viraram para Júlio.

— Você tem uma ideia? – repetiu Daniel. – E está esperando o quê? Desembucha logo!

— Bom – disse Júlio meio sem graça. – Na verdade, eu tenho **parte** de uma ideia.

— Como assim, parte, Júlio? – reclamou Marcelo. – Fala logo!

— Eu sei o que fazer para derrotar o Caputren, mas não sei **como** vamos fazer… – Júlio tentou explicar.

— Ai, ai, ai! – suspirou Marcelo. – Lá vem!

— Deixa ele falar, Marcelo! – Daniel reclamou.

— É melhor vocês falarem baixo ou o Caputren vai perceber que estamos aqui e aí vamos virar churrasquinho! – Zoia interrompeu.

— O negócio é o seguinte – Júlio continuou – esse Caputren é, na verdade, muito parecido com a Quimera.

— Quem é essa Quimera que você fica falando toda hora? Sua namorada? – perguntou Marcelo.

Júlio torceu o nariz.

— A Quimera – ele continuou – é um outro monstro mitológico que eu estudei pro meu seminário, e esse Caputren é muito parecido com ela. Sendo assim, o que pensei é que o mesmo método que foi usado pra matar a Quimera, talvez funcione também com o Caputren.

— Júlio, você sabe que esse negócio de mitologia é um monte de lengalenga, né? Isso nunca existiu de verdade! – retrucou Marcelo.

— Se você tem alguma ideia melhor, de alguma coisa que tenha existido de verdade, eu sou todo ouvidos! – Júlio exclamou, levantando as sobrancelhas.

Marcelo ficou quieto.

— E como foi que mataram essa tal Quimera? – Zoia interrompeu.

— Belerofonte, um herói Grego, voou por cima da Quimera com o cavalo alado, Pégaso, e atirou uma flecha de chumbo na boca dela. Quando ela cuspiu fogo, a flecha derreteu e o chumbo entrou para dentro da garganta dela, fazendo com que ela morresse engasgada! – explicou Júlio.

— Hum! – Marcelo fez uma cara pensativa e coçou o queixo. – Então vai ser muito fácil! A gente só precisa de um arco e flecha e um cavalo voador! Eu com certeza devo ter isso na minha mochila!

— Pois é! – concordou Júlio. – Foi por isso mesmo que eu falei que sabia o que fazer, mas não sabia como.

— Muito bem colocado! – Marcelo falou, passando os braços em volta dos ombros de Júlio e dando uma sacudida.

— Nós temos a espada do Gólit – Júlio continuou – que eu acho que deve ser feita de chumbo, mas o problema é como fazer a espada ir parar na boca do Caputren.

Ficaram em silêncio por alguns segundos quando, de repente, Daniel se lembrou de uma coisa.

— Já sei! – ele exclamou, retirando a mochila do ombro. – Eu acho que tenho a arma perfeita aqui!

— Você tem alguma arma aí? – Zoia perguntou, confusa.

— Mais ou menos – Daniel respondeu, tirando seu estilingue de dentro da mochila. – Eu até já tinha esquecido que ele estava aqui!

Júlio pegou o estilingue, examinando-o com atenção.

— Pode ser que funcione, mas vai ser difícil. – ele disse, devolvendo o estilingue para Daniel.

— Nós temos duas espadas – falou Marcelo. – Portanto, duas chances.

— Temos que acertar dentro da boca do Caputren, porque por fora a pele é muito resistente – lembrou Júlio.

Marcelo pegou o estilingue da mão de Júlio e tentou encaixar a espada no elástico. Segurou firme e puxou para sentir se funcionaria.

— O problema é que a espada pesa muito e fica difícil manter ela reta pra conseguir atirar! – ele disse.

Ouviram um rosnado mais forte e Daniel foi até a beirada da parede, olhar o que estava acontecendo lá embaixo. O Caputren rondava próximo de onde eles estavam, como se estivesse sentindo a presença deles ali. Suas três cabeças estavam apontadas para cima, cheirando o ar. No momento em que Daniel esgueirou-se por cima da parede de pedras para olhar para baixo, a

cabeça de leão deu um rugido ainda mais forte e o Caputren tentou escalar a parede, soltando uma rajada de fogo. Daniel pulou rapidamente para trás e voltou ao encontro de seus amigos.

— Acho que ele já descobriu a gente aqui – ele disse quando se aproximou.

— Vamos ter que agir rápido! – disse Zoia.

— Quem vai atirar? – perguntou Daniel.

— Eu tenho mais força pra segurar o peso da espada – disse Marcelo –, mas a pontaria do Daniel é muito melhor do que a minha.

— Então, Daniel – falou Júlio. – Acho que vai ser você!

Daniel olhou para trás, a fumaça ainda saía das pedras chamuscadas. Ele pegou o estilingue e uma das espadas.

— Acho que está um pouco longe demais pra eu conseguir acertar o Caputren lá embaixo! – ele disse. – Ou eu vou ter que descer, ou ele vai ter que subir…

Ele se aproximou novamente da beirada e olhou com cuidado para baixo. O monstro continuava rondando o mesmo trecho, cada vez mais irritado.

Daniel acomodou-se na beirada da parede, tentando achar um ponto onde tivesse estabilidade para conseguir controlar melhor a mira. Arrumou a flecha no estilingue e puxou o elástico o mais que pode. Com o peso, a flecha escapou da sua mão e quase caiu lá embaixo. Ele conseguiu pegá-la no último segundo. Enquanto isso, o Caputren, cada vez mais irritado, começava a subir pelas pedras empilhadas. A subida era íngreme e ele muitas vezes rolava de volta para baixo. Mais uma vez ele lançou uma rajada de fogo e Daniel teve que se esconder atrás das pedras.

Daniel voltou a se acomodar perto da parede e armou o estilingue de novo. O Caputren havia subido alguns metros e dessa vez estava mais seguro. Algumas pedras rolaram para baixo quando ele tentou avançar ainda mais. Daniel fez mira e soltou o elástico do estilingue. A espada voou com força em direção ao Caputren, mas bateu em seu nariz e caiu no chão.

— Errei! – gritou Daniel. – E agora ele tá subindo a toda! Me dá a outra espada! Rápido!

Marcelo, que segurava a outra espada, correu até Daniel e a entregou a ele. O Caputren lançou novamente um fogaréu sobre eles e os dois tiveram que pular para não serem atingidos. Daniel armou o estilingue e aproximou-se mais uma vez da beirada da parede. O Caputren estava a apenas alguns

metros dele. Por uma fração de segundo, os olhos de Daniel encontraram-se com os olhos da criatura, que pareciam cheios de ódio. Daniel esticou o elástico do estilingue ao mesmo tempo em que o Caputren respirava fundo para soltar outra rajada de fogo. Daniel mirou e soltou a espada, que voou como um raio e se cravou bem no céu da boca do monstro, que deu um pulo para trás ao sentir o baque.

— Acertei! – Daniel comemorou.

O Caputren, pego de surpresa pelo golpe, sacudiu a cabeça tentando livrar-se da espada, mas ela estava bem presa. A criatura olhou para cima e avistou Daniel na beira da parede. Os olhos do Caputren estreitaram-se de ódio e ele avançou para cima de Daniel.

— Ele vem vindo! – Daniel gritou, saindo em disparada. – Corram!

Todos correram em direção ao túnel por onde haviam vindo. O Caputren, assim que alcançou a beirada da parede, parou. A cabeça de serpente se contorcia por cima do resto do corpo, ameaçadora. A cabeça de leão ergueu-se para o alto e rugiu, soltando uma rajada de fogo. Nesse momento, a espada que estava presa à sua boca derreteu com o calor e o chumbo escorreu lentamente por sua garganta. Em alguns segundos, o animal caiu no chão, se debatendo em desespero. Ele se contorcia e rolava pelo chão, sem conseguir respirar.

De dentro do túnel os amigos assistiam à cena paralisados.

— Será que ele não vai conseguir respirar só com as outras cabeças? – perguntou Marcelo.

— Espero que não! – respondeu Júlio.

Mais alguns segundos e o Caputren parou de se debater. Seu corpo ficou estendido no chão, imóvel.

Marcelo aproximou-se da saída do túnel.

— Parece que funcionou! – ele disse depois de dar uma olhada no bicho.

Ele chegou um pouco mais perto e, quando já estava quase tocando o Caputren, a cabeça de cobra levantou-se e deu um bote em sua direção. Marcelo deu um grito e, num pulo, conseguiu se desviar. Correu de volta para o túnel enquanto a cabeça de cobra lentamente caía novamente no chão. Depois de um último suspiro, a criatura voltou a ficar imóvel.

— Cacilda! – falou Marcelo, olhando o monstro.

Daniel aproximou-se de Marcelo.

— Acho que agora ele está morto – ele observou.

Marcelo pegou algumas pedras do chão e jogou no bicho. Nada.

— Vamos pegar a chave! – disse Júlio.

— Vamos lá! – respondeu Marcelo, seguindo em direção ao monstro estendido no chão.

Daniel seguiu Marcelo e os dois aproximaram-se com cuidado do corpo do Caputren. Quando chegaram perto, Marcelo colocou a mão no nariz.

— Que catinga! – ele disse. – Você tá precisando de um banho, Daniel!

— Cala a boca, Marcelo, e me ajuda aqui a levantar a cabeça desse troço!

— A qual cabeça, exatamente, você se refere? – Marcelo perguntou com um sorrisinho.

Marcelo ajudou Daniel a erguer a cabeça de leão e conseguiram pegar a chave, que estava presa ao pescoço da criatura.

Os dois levantaram-se correndo, deixando a cabeça do animal cair com um estrondo no chão.

— Vamos descer! – Daniel gritou, chamando Júlio e Zoia.

Procuraram um dos lados da arena onde a descida não fosse tão íngreme. Desceram pelo meio das pedras, escorregando e caindo todo o tempo. Ao chegar lá embaixo, Daniel correu na frente dos outros em direção à cela onde a Conselheira estava deitada no chão. Zoia vinha apressada atrás dele.

— Espere, Daniel! – ela gritou. – Pense no que você vai fazer!

Daniel olhou rapidamente para trás e continuou correndo até chegar perto da porta da cela.

— Althea! – ele gritou, abrindo o cadeado com a chave.

Zoia, que vinha correndo atrás, parou subitamente.

— Althea? – ela repetiu, confusa.

A mulher deitada no chão começou a se levantar. Daniel terminou de abrir completamente a porta e entrou.

— Althea! – ele chamou novamente, estendendo a mão para ajudá-la.

A mulher, que já havia se sentado no chão, levantou-se sem pegar na mão de Daniel. Quando ela levantou a cabeça e olhou em seus olhos, Daniel parou, assustado. Os olhos acinzentados que o fitavam não eram os olhos de Althea, e sim os olhos de uma Drageun.

— V-você não é Althea! – ele balbuciou, desorientado.

— Claro que não! – a Conselheira disse e abriu um sorriso mostrando seus dentes afiados. – Obrigada por me libertar! – Ela se levantou, empurrando Daniel, que bateu a cabeça na grade de ferro e caiu desmaiado.

Zoia tentou impedi-la de passar, mas a Conselheira mordeu seu braço e soltou-se. Marcelo e Júlio, que vinham chegando logo atrás, olharam estupefatos e sem entender o que estava acontecendo quando ela passou correndo por eles.

Júlio viu que Daniel estava dentro da cela, desacordado, e correu para ajudá-lo. Marcelo correu até Zoia, que estava caída no chão, com o braço sangrando. Júlio entrou na cela e sacudiu Daniel.

— Nós fomos enganados! – ele nem bem acordou e já foi dizendo. – A tal Conselheira não era Althea! Era uma Drageun.

— Eu sei! Vamos atrás dela! – Júlio respondeu, ajudando Daniel a se levantar.

Os dois correram até Marcelo e Zoia.

— Você está bem, Zoia? – Daniel perguntou.

— Aquela maldita mordeu meu braço! – ela gritou, se levantando. – Vamos atrás dela!

Eu não acredito que fomos enganados desse jeito!

S

aíram correndo, mas a Conselheira já ia muito à frente, seguindo pelo mesmo caminho por onde eles tinham vindo. Subiram pela parede de pedras e correram o mais rápido que podiam pelo túnel. Ao chegarem na passagem para dentro do lago, viram que estava seca.

— O Sibirum deve ter sugado a água! – gritou Zoia.

— Vamos entrar! – disse Marcelo.

No momento em que chegaram ao leito do lago, viram que a Conselheira já estava quase chegando do outro lado, quando um dos tentáculos do Sibirum a agarrou. Correram em sua direção, mas tiveram que parar diante do que presenciaram.

A Conselheira, num golpe rápido com a boca, atacou o tentáculo do Sibirum e o cortou em pedaços. O animal tentou se defender com outro tentáculo e ela o arrancou com uma única abocanhada. O monstro a largou no chão e recuou, machucado. A Conselheira olhou para trás, passando o braço pelo rosto para limpar o sangue de sua boca, e correu em direção à margem.

— Vocês viram o que ela fez com o Sibirum? – Júlio perguntou, paralisado.

Nesse momento, o animal soltou um urro agudo de dor e a água começou a encher novamente o lago.

— Vamos! – gritou Daniel. – Corre!

Saíram em disparada enquanto o lago enchia rapidamente.

— Não vamos conseguir chegar! – Júlio gritou desesperado.

Tiveram que nadar até a margem enquanto a Conselheira desaparecia de vista.

— Ela escapou! – disse Daniel, ajudando Zoia a sair da água.

Zoia deitou-se no chão, exausta. Júlio saiu da água cambaleando e deitou-se ao seu lado. Marcelo e Daniel sentaram-se próximos aos dois, ainda recuperando o fôlego.

— Eu não acredito que fomos enganados desse jeito! – disse Daniel.

— Afinal, quem era aquela mulher? – Júlio perguntou.

— A Conselheira, oras! – Zoia respondeu, confusa. – Não era ela que vocês estavam procurando?

— Não! – exclamou Daniel. – Nós estamos procurando por Althea. Átira nos disse que Althea era a Conselheira, por isso viemos tentar resgatá-la.

Zoia sentou-se, passando as mãos pelo rosto e empurrando os cabelos grudados em sua testa para trás.

— Vocês vão ter que explicar essa história direito. Se nós tivéssemos conversado antes, essa confusão não teria acontecido! – ela disse, sentindo-se um pouco culpada.

— O que aconteceu foi o seguinte – Júlio tomou ar. – Nós viemos de um outro mundo pra tentar achar a Althea, que é esposa de um amigo nosso, que vinha buscar ela porque o Daniel estava tendo uns sonhos que ela estava em perigo, mas ele quebrou a perna e não pode vir, então nós entramos na mata e achamos a porta, mas fomos presos e fomos parar no palácio… – ele disparou, enquanto os outros três olhavam pra ele, incrédulos.

— Júlio! – interrompeu Marcelo.

Ele continuou falando desenfreado.

— Júlio! – Marcelo insistiu novamente, dessa vez gritando.

Ele parou e ficou olhando para os outros sem entender o que estava acontecendo.

— Acho que essa sua história está **meio** confusa, meu chapa! – Marcelo falou, dando uns tapinhas nas costas de Júlio.

— Desculpe, acho que estou meio estressado! – ele disse se encolhendo.

— Mas afinal – perguntou Zoia –, o que aconteceu?

— Foi o que te falei – respondeu Daniel –, nós falamos para a Átira que estávamos procurando por Althea e ela disse pra gente que Althea era a Conselheira, praticamente nos intimando a vir resgatá-la, caso contrário, matava a gente.

— E você sabe que a Átira pode ser bem “incisiva”! – Marcelo interrompeu, piscando um olho.

— Nossa intenção – continuou Daniel – era soltar a Conselheira e ir embora, sem nem voltar pro castelo, mas parece que ela é que passou a perna na gente.

— O que eu quero saber – perguntou Marcelo – é quem era aquela mulher, a tal Conselheira?

— Ela se chama Sofira e é irmã de Átira – respondeu Zoia. – Elas são as duas últimas Drageuns que existem nessa região. Ela tinha sido sequestrada e presa um pouco antes de Átira prender Althea, a líder do povo rebelde.

— Ah? – fez Daniel. – Peraí, a Althea é líder de um povo?

— Rebelde? – completou Júlio.

— Olha só, isso está muito confuso! – Zoia falou, acomodando-se melhor. – Vou explicar tudo desde o começo.

Nós estragamos tudo!

“Q

uando Althea chegou aqui, ela era uma Donc como outra qualquer, capturada vagando pelas ruas da cidade e trazida ao palácio para trabalhar como escrava.

Desde o início, alguma coisa era diferente nela. Havia uma curiosidade, uma pressa que eu não sei explicar. Naquela época, embora o Estado já fosse governado por Átira, como uma ditadura onde ela mandava e o resto do mundo obedecia, as coisas não eram tão ruins como estão hoje. Cada povo vivia a vida que podia e, de uma certa forma, aceitavam conformados serem explorados pelo Estado. Os Doncs ainda falavam e havia um mínimo de comunicação entre os povos. Não havia tanto medo como há hoje.

Althea fez amizade com Lodu, um Donc muito idoso, que vivia no palácio naquela época e era serviçal direto da Conselheira. Ele sabia de muitos segredos e coisas que haviam acontecido no decorrer dos anos e, com isso, Althea passou também a ter muito conhecimento sobre o Estado e sua governante.

Átira é, e sempre foi, uma tirana que mantém o poder através do medo que impõe. Não há, e nunca houve, nenhum tipo de democracia. Vocês viram com o Sibirum o que uma Drageun é capaz de fazer. Além de serem extremamente fortes e violentas por si só, isso não chega nem aos pés do que as duas juntas são capazes. Portanto, todo mundo sempre teve muito medo delas.

Depois que Althea teve mais conhecimento sobre como as coisas funcionavam aqui em Alius, ficou revoltada e começou a ter umas ideias meio revolucionárias. Aos poucos pôs-se a falar aqui e ali sobre os direitos dos Doncs e dos povos em geral. No início ninguém dava bola, mas aos poucos ela foi encontrando pessoas dispostas a ouvir e, com o passar do tempo, foi formando uma legião de seguidores. Tudo isso era feito de forma muito discreta, para não levantar suspeita com Átira.

Ao mesmo tempo, Althea passou a ser considerada uma excelente

serviçal e acabou sendo levada para trabalhar exclusivamente dentro do palácio, tendo acesso a praticamente tudo. Alguns anos se passaram e Lodu, o serviçal da Conselheira, morreu e Althea assumiu o seu posto. A cada dia ela ganhava mais a confiança da Conselheira e ao mesmo tempo aumentava ainda mais a legião de revolucionários que a seguiam. Com a ajuda de Althea e alguns guardas favoráveis à sua causa, muitos Doncs e Gaulos fugiram do palácio e foram para o deserto, onde formaram o que é hoje o acampamento rebelde. Mas muitos permaneceram dentro do palácio, como células dormentes esperando o momento certo de atacar.

Althea sabia que a única forma de acabar com a situação em que todos vivíamos era destruir as Drageuns. Ela sabia também do poder que as duas tinham quando unidas e resolveu que a melhor maneira seria acabar com uma delas, evitando assim que pudessem se juntar. Althea elaborou um plano para raptar a Conselheira que, embora muito perigosa, é um pouco menos selvagem do que Átira".

— Menos selvagem? – interrompeu Júlio, com os olhos arregalados. – Ela não me pareceu muito dócil quando arrancou o tentáculo do Sibirum com uma dentada…

— Eu sei, mas você não tem ideia do que Átira teria feito! – Zoia respondeu.

— Provavelmente teria feito um sushi do Sibirum! – exclamou Marcelo. – O que não seria uma má ideia… – ele refletiu –, pois assim teríamos uma refeição decente!

Todos olharam para Marcelo e reviraram os olhos.

— O que foi? – Ele abriu os braços. – Vai dizer que um sushi não caía bem agora?

Zoia sacudiu a cabeça e continuou narrando sua história:

"Então Althea planejou um ataque ao palácio, que na verdade seria apenas uma distração para que ela conseguisse, com a ajuda de alguns outros rebeldes, capturar a Conselheira e levá-la embora. As células dormentes que estavam dentro do palácio deixaram outros rebeldes entrarem e se esconderem antes de iniciarem o ataque. Imediatamente armou-se uma tremenda confusão. Althea sabia que os rebeldes não teriam nenhuma chance contra o exército de Átira e que tinha que agir rápido.

Assim que a confusão começou, ela entrou no quarto da Conselheira, dizendo que o palácio estava sob ataque, que Átira havia sido pega e que os rebeldes estavam vindo agora buscá-la. A Conselheira confiava muito em

Althea e em momento nenhum achou que ela pudesse fazer parte de tudo aquilo. A Conselheira quis sair para defender a irmã, mas Althea conseguiu convencê-la que o melhor a fazer seria se esconder e pegar o inimigo de surpresa. Althea sugeriu que a Conselheira entrasse num baú de ferro que ficava próximo à entrada do quarto e surpreendesse os rebeldes quando eles entrassem para pegá-la. Sem suspeitar de nada, a Conselheira gostou da ideia e entrou no baú. Assim que fechou a tampa, rapidamente, Althea trancou-o com um cadeado. Em seguida, ela chamou os outros rebeldes, que estavam esperando seu sinal, e juntos começaram a carregar o baú, com a Conselheira dentro, para fora do palácio.

A essa altura o exército de Átira já havia praticamente dominado todos os rebeldes e no momento em que Althea estava quase conseguindo fugir com a Conselheira, Átira percebeu o que estava acontecendo e mandou seus homens pegá-los. Althea e mais alguns rebeldes ficaram para trás para tentar interceptar o ataque, enquanto os outros fugiam com a Conselheira. Foi nesse momento que Althea foi capturada por Átira, que a mantém refém até hoje.”

— E por que Átira simplesmente não matou Althea quando ela a capturou e depois enviou seus soldados para resgatar a Conselheira? – perguntou Marcelo.

— Átira descobriu que Lodu havia dado à Althea a única arma capaz de deter o poder das Drageuns juntas, um cristal especial que havia sumido do poder da Conselheira. Átira não sabe onde Althea escondeu o cristal e, portanto, precisa dela viva até conseguir descobrir – respondeu Zoia. – Quanto à Conselheira – ela continuou –, Átira enviou soldados para tentar libertá-la, mas eles não conseguiram passar pelo Caputren.

— Então quer dizer que os rebeldes e Átira estavam num impasse? – perguntou Daniel.

— Exatamente! – Zoia respondeu.

— Só que agora nós acabamos de colaborar com Átira soltando a Conselheira, que era o trunfo e a segurança dos rebeldes! – exclamou Júlio em desespero. – Nós estragamos tudo!

— Ainda não! – interrompeu Marcelo. – Althea ainda tem o tal cristal e Átira precisa dele, portanto, por enquanto Althea ainda está a salvo.

— Por enquanto… – disse Daniel, apreensivo.

— Mas se Althea tinha essa tal arma que pode destruir as Drageuns – perguntou Júlio –, por que não a usou de uma vez e acabou com o problema?

— Não é tão simples! – respondeu Zoia. – Para o cristal funcionar, as Drageuns precisam estar juntas, sob o encantamento de um colar com uma pedra mágica, que elas possuem.

Daniel, Júlio e Marcelo se entreolharam.

— Elas não usam esse recurso a não ser em casos extremos! – continuou Zoia. – Eu mesma nunca vi isso acontecer. Portanto, Althea nunca teve a oportunidade de usar o cristal contra as Drageuns.

— Como você sabe tanto sobre essas coisas? – Marcelo perguntou, desconfiado.

— Porque – disse Zoia – eu faço parte do grupo rebelde e estava infiltrada no castelo, tentando descobrir onde Átira mantém Althea presa, quando vocês chegaram e criaram essa confusão.

— E você conseguiu descobrir onde ela está? – perguntou Júlio.

— Sim! – Zoia confirmou com a cabeça. – Mas não tive tempo de avisar os rebeldes, porque Átira me mandou nessa missão imbecil com vocês!

— E o que fazemos agora? – Daniel olhou para os amigos.

— Nós podemos voltar ao castelo e tentar libertar a Althea – sugeriu Marcelo –, já que a Zoia sabe onde ela está.

— Nós não vamos conseguir passar pela Átira e seu exército sozinhos… – ponderou Júlio.

— O melhor que temos a fazer é nos juntarmos aos rebeldes no acampamento – Zoia disse firmemente. – Lá decidiremos o que fazer.

A gente meio que… matou ele?

N

a manhã seguinte, Zoia liderou o grupo por várias horas de caminhada sob o sol quente e um calor insuportável. Finalmente chegaram ao acampamento, que ficava no meio de um vale, cercado por montanhas. Havia várias tendas de pano e no centro, uma tenda maior, com algumas mesas rústicas de madeira e bancos feitos de troncos de árvores.

Diferentes povos estavam reunidos ali, na sua grande maioria Doncs. Todos estavam ocupados trabalhando. Uma Donc, sentada na entrada de uma das tendas, enchia tripas de carneiro com uma massa de carne. Do outro lado, um outro amolava um machado. Ninguém pareceu se importar com a chegada deles.

— Esse é o acampamento! – Zoia falou, tentando esboçar um sorriso. – Venham por aqui.

Ela seguiu até a entrada de uma tenda um pouco maior do que as outras. Empurrou para o lado a cortina que servia de porta e entrou, fazendo sinal para que a seguissem.

Lá dentro havia uma mesa com uma cadeira e algumas esteiras no chão. Um homem olhava atentamente alguns mapas espalhados em cima da mesa. Quando Zoia entrou, ele levantou a cabeça.

— Zoia! – exclamou espantado ao vê-la. – O que faz aqui? – vendo que ela não estava sozinha, continuou – Quem são esses?

— Olá, Ábino! – Zoia aproximou-se. – Tenho notícias importantes. Estes são Daniel, Marcelo e Júlio – ela disse, apontando para cada um. – Eles vieram do mesmo lugar que Althea.

Ao ouvir aquilo, Ábino fez uma cara de espanto.

— Vocês vêm do mundo de Althea? – ele dirigiu-se aos meninos.

— Sim, senhor! – Júlio confirmou. – De fato, viemos procurar por ela, recebemos um comunicado de que ela estaria em perigo.

Ábino olhou para Zoia, desconfiado.

— Pode confiar neles! – ela disse. – O que eles dizem é verdade.

— Muito bem – continuou Ábino –, quais são as notícias que você

tem, Zoia? Conseguiu descobrir onde eles escondem Althea?

— Sim! – ela respondeu. – Mas…

— Ótimo! – Ábino interrompeu antes que Zoia pudesse continuar. – Então vamos poder traçar um plano para libertá-la e finalmente poderemos nos livrar da Conselheira de uma vez por todas! Onde ela está presa?

— Então – continuou Zoia, meio sem graça. – Antes de falarmos da Althea, eu tenho uma coisa importante pra comunicar sobre a Conselheira. Eu acho que nós vamos ter problemas com ela…

— Não se preocupe, Zoia, a Conselheira está muito bem guardada! – Ábino sorriu. – Ninguém vai conseguir chegar até ela.

Zoia ficou um minuto em silêncio, depois respirou fundo.

— Pois é – ela continuou –, nós chegamos até ela…

— O quê? – perguntou Ábino sem entender. – Como assim?

— Nós libertamos a Conselheira – Daniel interrompeu, tomando a frente.

Ábino olhava de um para o outro parecendo não entender o significado das palavras que ouvia.

– Como? – ele repetiu.

— Bom – respondeu Júlio. – É uma longa história, mas resumindo, Átira soube que estávamos aqui procurando por Althea e fez com que pensássemos que ela é quem estava no lugar da Conselheira. Ela obrigou Zoia a servir de guia pra gente e…

— Mas por que você levou eles até onde ela estava? – Ábino interrompeu, olhando para Zoia.

Zoia abaixou a cabeça.

— Eles salvaram minha vida, eu fiquei em dívida com os três e a única maneira de retribuir era mostrar onde ela estava – ela disse. – Nunca imaginei que eles fossem conseguir passar pelo Caputren!

— Mas como? – Ábino estava perplexo. – O que vocês fizeram com o Caputren? Como conseguiram passar?

— Nós… é, bom – gaguejou Júlio. – A gente teve que… tipo, a gente teve que…

— A gente meio que matou ele? – sugeriu Marcelo, com um sorriso amarelo.

— Mataram o Caputren? Isso é impossível! – Ábino parecia cada vez mais incrédulo. – Como?

Zoia contou como tudo havia acontecido desde o começo e Ábino

ouviu tudo de boca aberta.

— Agora estamos aqui porque não sabemos o que fazer – ela disse quando chegou ao final. – A Conselheira a essa altura já chegou de volta ao palácio e todo o esforço do nosso povo até agora vai ter sido em vão. Althea corre mais perigo do que nunca, pois Átira pode decidir matá-la a qualquer momento.

Marcelo, Júlio e Daniel entreolharam-se.

— Vou reunir o conselho imediatamente e vamos ter que decidir como agir – Ábino respirou fundo. – Não há tempo a perder.

Enquanto isso, os quatro dirigiram-se até a tenda do refeitório para achar algo para comer, pois estavam famintos. Zoia pegou alguma coisa e disse que ia procurar Ábino, pois ainda não havia dito a ele onde Althea estava.

Marcelo, Daniel e Júlio sentaram-se para comer.

— Que encrenca! – exclamou Júlio, dando uma mordida em uma coxa de peru.

— Parece que a gente tem realmente o dom! – Marcelo respondeu de boca cheia. – Se a gente pudesse contar isso tudo, ninguém acreditaria!

— Basicamente – completou Daniel – a gente conseguiu acabar com anos de trabalho dos rebeldes…

— E da Althea! – completou Júlio.

Daniel parou alguns segundos, pensativo, segurando um pedaço de pão a meio caminho entre o prato e a boca.

— Pela história que a Zoia contou, acho que ninguém aqui sabe por que Althea veio para esse mundo, ninguém sabe que ela estava em busca do Amuleto de Aloni.

— Acho que não – concordou Marcelo.

— E a própria Althea não sabe que já encontramos o amuleto e que ela veio pra cá em vão… – completou Júlio.

— Será que Althea liderou toda essa revolução porque realmente acredita nessa causa – perguntou Daniel – ou simplesmente porque precisava achar uma maneira de se libertar para encontrar o amuleto e acabar com o encanto de Seth?

— Talvez ela ache que o tal colar das Drageuns seja o amuleto! – Júlio sugeriu.

Algumas horas mais tarde, Ábino e mais nove membros do conselho

se reuniram no centro do acampamento. Todos se sentaram no chão, formando um grande círculo. As demais pessoas se acomodaram ao redor, ouvindo o que estava sendo dito. Ábino explicou tudo o que havia acontecido e perguntou qual seria a melhor decisão a se tomar. Depois de horas de discussão, todos concordaram que não havia outra saída senão confrontar Átira. O maior problema seria como fariam isso.

— Nossa líder está em poder de nosso mais temido inimigo! – disse um dos líderes. – Infelizmente, não temos outra opção senão sacrificar nosso povo, mais uma vez, numa batalha muito difícil. Não temos experiência em combates, nossas armas são poucas, mas nosso único trunfo foi perdido. Portanto, nos cabe agora enfrentar esse desafio para tentar livrar nossa líder das mãos malignas de Átira.

Um murmurinho correu no meio das pessoas ao redor do círculo do conselho.

— Nós vamos ser massacrados! – um Donc gritou.

Muitos concordaram e o tumulto ficou ainda maior.

— Calma! Silêncio! – gritou o líder do conselho. – Quando nos juntamos à causa rebelde, o fizemos cientes dos riscos, cientes de que cedo ou tarde teríamos que partir para um combate cara a cara. Essa hora chegou.

— Mas como vamos atacar Átira? – perguntou um dos Gaulos.

— Vamos ter que organizar nosso próprio exército e montar uma estratégia – Ábino respondeu. – Ainda não sabemos como, mas vamos trabalhar juntos para bolarmos um plano.

— Aqueles que estiverem de acordo levantem a mão! – pediu o líder.

Ábino olhou em volta e levantou sua mão, seguido de Zoia. Alguns segundos se passaram e um Donc levantou a mão, depois alguns Gaulos, em seguida mais três Doncs, depois mais cinco e assim, sucessivamente, todos acabaram levantando suas mãos.

— Vamos libertar nossa líder! – gritou Ábino. – Vamos libertar Althea!

Então vamos pôr mãos à obra!

N

o dia seguinte, depois de tomarem um banho e vestirem roupas limpas, que Ábino providenciou, Marcelo, Daniel e Júlio encontraram-se com Zoia na tenda central.

— Então Zoia – disse Daniel –, você acha que os rebeldes vão ter alguma chance contra o exército de Átira?

— Não sei, Daniel – ela respondeu, sacudindo a cabeça. – Não somos muitos, nunca estivemos num confronto desse tipo. Vai ser bem difícil!

Júlio, que acabava de passar uma xícara de café para Marcelo, olhou ao redor, parecendo ter uma ideia.

— Eu acho que talvez a gente possa ajudar! – ele disse.

— Como? – Daniel perguntou. – Obviamente nós estaremos junto com vocês no combate, mas não acho que vamos ser de grande ajuda.

— Nós temos uma coisa que vocês não têm! – continuou Júlio.

— O quê? – Zoia perguntou.

— Nós temos conhecimento de guerras, armas e até estratégias! – Júlio respondeu.

— Temos? – Daniel perguntou espantado.

— Olha só – Júlio explicou. – Nós todos já estudamos várias guerras na escola, conhecemos armas do mundo moderno, acho que podemos usar isso para melhorar as nossas chances contra Átira. Além do mais – ele continuou –, o Marcelo fez um trabalho enorme sobre guerras e combates, ele pode traçar um plano de ataque pra gente!

— Eu? – Marcelo engasgou com o café que tinha acabado de beber.

— Sim! Você! – respondeu Júlio.

— Não, Júlio! – Marcelo disse, limpando o café de sua camisa. – Eu não posso fazer isso! Vou estar lá pra lutar, mas esse negócio de estratégia não é comigo. Lembra, não sou eu o cérebro dessa equipe…

Daniel pensou por um instante.

— É, eu acho que pode mesmo funcionar… – ele acabou dizendo.

— Claro que vai funcionar! – Júlio se empolgou.

— Vamos falar com Ábino! – sugeriu Zoia. – Ele pode nos ajudar.

— Vem, Marcelo! – chamou Daniel.

Os três saíram e deixaram Marcelo de boca aberta e xícara na mão, sem tempo de dar nenhuma resposta.

Foram até Ábino e explicaram o que estavam pensando.

— Acho que toda a ajuda que pudermos receber nessa hora vai ser muito bem-vinda! – ele disse.

— Acho que podemos começar entendendo exatamente quem compõe o exército de Átira – Júlio falou, pegando um papel na mesa de Ábino e uma pena para fazer anotações.

— Basicamente – disse Zoia – o exército inimigo é composto de Gaulos e Meniuns. Isso, claro, sem contar a própria Chefe do Estado, Átira, e a Conselheira, que são as mais perigosas, mas que só vão entrar no conflito se não houver outro jeito.

— Muito bem – falou Júlio, anotando no pedaço de papel. – Gaulos e Meniuns.

— E vocês sabem qual seria um ponto fraco dos Gaulos, ou dos Meniuns? – Daniel perguntou.

— Não – respondeu Zoia. – Os Gaulos são extremamente grandes e fortes e os Meniuns são muito ágeis e violentos. Pontos fracos, eu não sei de nenhum.

— Não têm pontos fracos – Júlio anotou no papel.

— Eles têm que ter um ponto fraco! – Marcelo interrompeu, entrando na tenda. – Todo mundo tem um! – ele continuou. – Talvez a gente devesse pensar um pouco fora do padrão e do contexto. Usar nossas experiências no nosso mundo e trazer ideias daí.

— Como o quê, por exemplo? – Júlio perguntou.

— Como o fato dos Meniuns serem muito parecidos com gatos, por exemplo – respondeu Marcelo. – Gatos têm medo de água, talvez os Meniuns também tenham.

— Zoia, você sabe se os Meniuns têm medo de água? – Júlio perguntou.

Zoia pensou por um instante.

— Eu não sei se medo é a melhor palavra, mas, definitivamente, eles não gostam de água. – ela respondeu. – Uma vez vi um Menium ter um faniquito porque um copo de água virou em cima dele.

— Então temos aí a nossa fraqueza! – falou Marcelo, triunfante.

— E os Gaulos? – Daniel perguntou.

— Golias – falou Júlio.

— Gaulos – repetiu Daniel.

— Não! – disse Júlio. – Podemos usar a ideia de Davi e Golias. Lembram? Davi derrotou o gigante Golias com uma pedra.

— Boa ideia! – exclamou Daniel. – Podemos usar o mesmo princípio, talvez funcione.

— Eu imagino que eles devem estar esperando um confronto direto, talvez a gente consiga ganhar usando o elemento surpresa, com um ataque diferente, que eles nunca vão estar esperando! – sugeriu Marcelo.

— Então vamos pôr mãos à obra, e começar a bolar nossa estratégia! – falou Júlio. – Aliás, a sua estratégia, Marcelo!

Passaram o resto do dia pensando em qual seria a melhor opção de ataque, depois saíram pelo acampamento juntando todo o material que achavam pelo caminho que pudesse ser usado como armamento ou munição.

Marcelo fez um desenho de uma catapulta e mostrou para alguns Gaulos que trabalhavam com madeira. As Doncs que teciam a lã das ovelhas ficaram responsáveis por tecer redes e os da ferraria foram instruídos a forjar várias setas de chumbo. Nem mesmo a senhora da cozinha escapou, sendo escalada para preparar centenas de unidades de tripas de carneiro separadas em trechos de pouco mais de um palmo e presas com um nó no fundo.

No final do dia, os três reuniram-se num canto do acampamento, debaixo de uma árvore.

— Vocês acham que vai dar certo? – Júlio perguntou, sentando-se numa montanha de terra.

— Ainda temos alguns detalhes pra resolver – respondeu Marcelo, pensativo. – E precisamos de mais armas…

Antes que Marcelo pudesse concluir o que estava falando, Júlio deu um pulo e um grito.

— O que foi? – Daniel exclamou, assustado.

— Alguma coisa picou minha bunda! – Júlio gritou, pulando no mesmo lugar.

Daniel e Marcelo aproximaram-se da montanha de terra e viram uma formiga entrando por um buraquinho.

Daniel deu um chute na montanha de terra, que se quebrou em pedaços e mostrou um ninho enorme de formigas dentro.

— Desgraçadas! – reclamou Júlio. – Minha bunda tá doendo pra

caramba!

Marcelo permaneceu em silêncio, observando as formigas.

— O que foi, Marcelo? – Daniel perguntou.

— Nada! – ele respondeu. – Essas formigas me deram uma ideia!

Nos próximos dias todos no acampamento trabalharam sem parar, até que tudo ficou pronto. O plano estava traçado e cada um sabia, exatamente, o que tinha que fazer.

No quinto dia, logo cedo, ao saírem de sua tenda, Marcelo, Júlio e Daniel ouviram o som de um tambor. Olharam para a direção de onde vinha o som e viram um Gaulo no alto de uma das montanhas que cercava o acampamento. Ele estava vestido com peles de animais e colares de ossos. Os cabelos estavam amarrados em duas compridas tranças e o rosto pintado. Ele batia ritmicamente no tambor, como um apelo, ou um aviso. Alguns minutos depois, quando o líder do conselho se dirigiu ao centro do acampamento, ele parou. O líder levou à boca um chifre de carneiro e tocou um chamado longo e triste. Os rebeldes foram pouco a pouco se alinhando atrás dele, vestidos também com peles e ossos, os rostos pintados e os cabelos amarrados, todos preparados para a guerra.

Três mulheres aproximaram-se e colocaram vestes de pele e colares feitos de dentes de animais em Marcelo, Júlio e Daniel. As mulheres mais velhas iam ficar no acampamento, juntamente com os homens mais velhos, tomando conta das crianças. As mulheres mais novas estavam vestidas e preparadas para o combate.

Marcelo colocou-se à frente do grupo, junto com o líder, enquanto Daniel e Júlio se juntaram ao resto dos combatentes.

O exército dos rebeldes se organizou em três grandes grupos. Os primeiros eram os arremessadores, munidos de atiradeiras que haviam sido construídas com galhos de árvores e tiras de um material elástico preparado com a seiva de uma árvore da região. A inspiração para essa arma havia sido as bestas da época medieval e o estilingue de Daniel, que por ali eram instrumentos desconhecidos. No grupo do centro vinham as catapultas menores, armadas com um grande suporte de madeira ligado a uma haste flexível, que se prendia à base cada vez que ela era armada. Eram necessários dois Gaulos puxando uma corda para trazer a haste de volta ao lugar depois que ela era acionada. No terceiro grupo vinham as catapultas maiores, construídas da mesma maneira, mas mais potentes, capazes de lançar sua

munição com mais força. Eram necessários três Gaulos fortes para trazer a haste de volta depois de terem sido acionadas.

Marcelo havia sido o autor principal da estratégia que seria usada para o ataque. Se tudo corresse bem, em breve encontrariam Althea.

O líder tocou o chifre de carneiro mais uma vez e o grupo começou a andar lentamente em direção ao castelo de Átira. O caminho era longo e acidentado. As catapultas eram pesadas e tinham que ser empurradas por várias pessoas. O grupo que ia na frente mantinha-se atento a qualquer armadilha ou ataque surpresa.

No dia anterior, um Donc havia sido enviado à cidade para espalhar a notícia do ataque. Agora, a sorte estava lançada e esperavam que ela estivesse do lado deles.

Vou ordenar que matem Althea…

E

nquanto isso, no palácio, Átira celebrava a volta da Conselheira e, consequentemente, a plenitude de seu poder. Agora, mais do que nunca, ela podia controlar o povo e conseguir tudo o que queria. Junto com a Conselheira, seu poder era ilimitado. A única coisa que restava a fazer era descobrir onde Althea mantinha o cristal capaz de derrotá-las, a única arma que podia ameaçá-la.

A Conselheira, que já havia contado como os meninos haviam derrotado o Caputren, prevenia Átira sobre o perigo de subestimarem os humanos, quando Sífiro entrou na sala do trono trazendo a notícia que andava correndo o Estado.

— Desculpe a interrupção – ele disse, curvando-se em frente ao trono –, mas corre pela cidade o boato que os rebeldes estão vindo atacar o palácio!

Átira levantou-se e começou a andar de um lado para o outro.

— Você confirmou esses boatos? – ela perguntou.

— Mandamos um mensageiro, que acaba de voltar com notícias! – ele respondeu, batendo palmas.

Um Menium baixinho e miúdo entrou na sala e parou em frente à Átira fazendo uma grande reverência.

— A que distância eles estão? – perguntou a Conselheira.

— Devem chegar na entrada da cidade ao amanhecer – respondeu o mensageiro. – Eles vêm devagar e trazem algum tipo de armamento desconhecido. Peças enormes de madeira, não sei para que servem.

Átira sentou-se novamente no trono.

— Preparem o exército! – ela ordenou. – Vamos interceptá-los antes que cheguem à cidade. Não permitam que entrem, quero que sejam destruídos ali mesmo em campo aberto – ela concluiu, mostrando os dentes pontiagudos.

— Sim, excelência! – O Menium curvou-se.

Depois que o mensageiro saiu, a Chefe do Estado levantou-se novamente.

— Esses rebeldes não têm a menor chance contra nosso exército. – ela disse. – Temos um número maior de soldados e vamos massacrá-los!

A Conselheira permaneceu em silêncio, apreensiva. Átira andou mais um pouco em frente ao trono e pediu para que chamassem novamente o mensageiro.

— Vou ordenar que matem Althea! – ela informou à Conselheira.

— Átira! – A Conselheira aproximou-se. – Mas e o cristal? Como vamos recuperá-lo? Só ela sabe onde ele está e não podemos arriscar que caia em mãos erradas, sem ele em nosso poder ficamos extremamente vulneráveis!

Átira parou um momento para refletir.

— Além do mais – continuou a Conselheira –, eu vi o que aqueles humanos fizeram com o Caputren. Eles são muito espertos e têm conhecimentos muito além do que imaginamos. Althea pode vir a ser nosso escudo se alguma coisa falhar.

A Chefe do Estado virou-se quando o mensageiro entrou novamente na sala.

— Mandou me chamar, excelência? – ele perguntou.

— Não! – Átira respondeu asperamente. – Vá fazer o que mandei!

O mensageiro curvou-se, confuso, e saiu novamente.

— Acho que é hora de nos prepararmos! – a Conselheira falou, colocando o braço no ombro de Átira.

— Você acha que pode chegar a esse ponto? – a Chefe do Estado perguntou.

— Temos que estar prontas, caso haja necessidade – a Conselheira respondeu, séria.

Átira seguiu pelos corredores do palácio até seus aposentos. A Conselheira ia atrás dela, como uma sombra.

Assim que entrou no quarto, Átira foi direto até um móvel de marfim, com gavetas de madeira e puxadores dourados. A Conselheira trancou a porta atrás de si e aguardou enquanto a Chefe do Estado retirava uma caixa de dentro de uma das gavetas. Era feita de ébano, com um dragão de duas cabeças entalhado na tampa. Átira levou a caixa até a cama e a colocou em cima do colchão de palha. Ela retirou do pescoço um cordão de couro, onde uma chave estava pendurada. Colocou a chave numa pequena fechadura na lateral da caixa e olhou para a Conselheira, que se aproximou, retirando também uma chave do pescoço, colocando-a do outro lado da caixa. As duas

viraram as chaves ao mesmo tempo e a tampa se abriu. Lá de dentro, a Chefe do Estado retirou um colar feito com uma fita grossa e comprida, pedras preciosas encravadas e símbolos bordados com fios de ouro por toda sua extensão. A fita formava um “v” e na ponta havia uma grande pedra azul emoldurada por um emaranhado de fios prateados.

— Aqui está! – Átira disse à Conselheira, levantando o colar.

A Conselheira segurou-o com uma das mãos.

— É bom o mantermos ao nosso alcance – ela disse.

— Não se preocupe! – a Chefe do Estado respondeu. – De hoje em diante, até que tudo esteja acabado, ele vai estar comigo.

Átira enrolou o colar duas vezes em volta do pescoço e o escondeu por dentro de seu manto.

Naquele mesmo dia, mais tarde, o Mártino, chefe das tropas do Estado, foi até a sala do trono para avisar que seus homens já estavam preparados e que começariam naquele momento a marcha para confrontarem o exército rebelde.

— Esperamos encontrá-los logo ao amanhecer, um pouco além da saída da cidade. Queremos interceptá-los em campo aberto, assim não terão onde se esconder.

— Não falhem! – Átira disse secamente.

O Mártino curvou-se e saiu da sala.

A Chefe do Estado parecia preocupada. A Conselheira aproximou-se dela, colocando a mão em seu ombro.

— Não se preocupe – ela disse –, mesmo que eles consigam passar por esses idiotas, nunca passarão por nós duas.

Átira levou a mão ao peito, sentindo o colar por debaixo de suas roupas. Ela sorriu e suas presas brilharam, mas seus olhos continuaram nublados.

É um plano meio inusitado…

E

nquanto isso, o exército dos rebeldes continuava em sua marcha em direção à cidade. Era mais um dia quente e o sol ardia na pele. Todos seguiam em silêncio, apreensivos com o que o futuro pudesse lhes reservar.

Já no final da tarde, um pouco antes do sol se pôr, pararam para comer e montar o acampamento. Era importante que os homens estivessem descansados para o combate, caso tivessem que confrontar os soldados de Átira corpo a corpo.

— Temos que sair daqui antes do sol nascer! – disse o líder, sentado junto com os demais ao redor da fogueira. – É melhor mantermos alguns homens acordados durante a noite, como vigias.

— Sim! – Ábino concordou. – Faremos isso.

Ele mandou alguns homens montarem guarda e pediu que todos os outros tentassem descansar.

Daniel, Marcelo e Júlio deitaram-se numa tenda armada perto da fogueira. Estavam tão ansiosos que não conseguiam dormir.

— Será que o nosso plano vai funcionar? – perguntou Marcelo.

— Tem que funcionar, Marcelo! – respondeu Daniel.

— É um plano meio inusitado… – comentou Júlio, revirando-se no chão –, mas eu acho que tem chances de dar certo.

— Eu não gostaria de ver os rebeldes tendo que enfrentar o exército de Átira… – Marcelo disse, com o pensamento distante.

— É por isso que seu plano tem que funcionar! – reafirmou Daniel.

— Vamos tentar dormir! – Júlio sugeriu, colocando o braço na frente dos olhos. – Amanhã vamos ter um dia e tanto!

Os três permaneceram em silêncio. Ninguém teve coragem de dizer o que estava assombrando a cabeça de todos: amanhã poderia ser o último dia de suas vidas.

Nenhum deles conseguiu dormir muito, apenas cochilaram. Antes que a luz do sol nascendo brilhasse no céu, Ábino entrou na tenda.

— É hora de irmos! – ele chamou.

Júlio deu um pulo, assustado. Ficou olhando para Ábino sem entender o que estava acontecendo. Depois de alguns segundos se lembrou de onde estava e o que estavam fazendo ali.

— Já estamos indo! – ele respondeu, colocando os óculos no rosto.

Assim que Ábino saiu, Marcelo se levantou. Júlio sacudiu Daniel.

— Tinha acabado de conseguir dormir… – ele resmungou.

— Tá na hora! – Júlio respondeu.

Saíram da tenda e foram se encontrar com o resto dos rebeldes, que já estavam prontos. Ábino estendeu um pedaço de pão para cada um.

— Desculpem, mas é tudo o que temos – ele disse, um pouco sem graça.

O grupo começou a andar enquanto Daniel, Júlio e Marcelo mordiscavam seus pedaços de pão.

Já estavam bem próximos da entrada da cidade quando avistaram poeira levantando no horizonte.

— Deve ser o exército de Átira se aproximando! – o líder disse com um certo nervosismo na voz. – Já souberam que estamos chegando. Até agora nosso plano está funcionando. – Ele se virou para trás e gritou. – Prepare os homens, chegou a hora!

Ábino virou-se e saiu pelo meio do grupo dando ordens e lembrando cada um de seu papel durante o ataque.

Um profundo silêncio pairou no ar. Marcelo olhou para Júlio e Daniel. Ele sabia que aquele era o momento mais importante e que tinham tudo a perder se cometessem um erro.

— Vocês já sabem o que fazer! – ele disse.

Os dois assentiram com a cabeça e viraram-se para tomarem seus lugares. Daniel foi até a carroça que vinha à frente e pegou uma bolsa de pele de javali, colocando-a atravessada no corpo. Retirou uma segunda bolsa de pele e também a pendurou atravessada, mas do outro lado. Seguiu ao seu posto, à frente do primeiro grupo, munido com sua atiradeira e as duas bolsas. Os demais soldados desse grupo fizeram a mesma coisa e colocaram-se a postos. Um pouco mais atrás, Júlio postou-se à frente do segundo grupo, com as catapultas menores. Marcelo ia à frente do terceiro grupo, com as catapultas maiores. Ele se virou para trás e sorriu ao ver os primeiros raios de sol nascendo no horizonte bem às suas costas.

Alguns minutos mais de caminhada e começaram a distinguir o exército de Átira ao longe. Daniel olhou para trás e fez um gesto positivo

para Marcelo. Pelo que podia ver, eles vinham na formação que esperavam.

O exército de Átira vinha em aparato de guerra, com os Gaulos à frente, vestidos com armaduras e capacetes perfurados. Seguravam enormes clavas nas mãos. Logo atrás, vinham os Meniuns armados com lanças.

Daniel preparou sua atiradeira e gritou para seu grupo:

— Atenção, rebeldes! Ao meu comando!

Daniel retirou com todo cuidado uma bola de barro da bolsa da esquerda. Todos do primeiro grupo fizeram a mesma coisa, armando suas atiradeiras.

O sol nascendo às suas costas dificultava a visão do exército inimigo, favorecendo, assim, o exército Rebelde. Daniel esticou o elástico o mais que pode e esperou que os soldados de Átira estivessem à distância certa.

— Agora! – ele gritou.

Ao mesmo tempo, todos soltaram os elásticos e as bolas de barro voaram através do campo, indo atingir o exército de Átira do outro lado. Algumas foram parar no chão, outras atingiram os gigantes em suas armaduras, mas algumas atingiram o alvo exato: bem no meio da cara dos Gaulos. Com o impacto, o barro de desfez, liberando uma grande quantidade de formigas. O pó do barro entrou nos olhos dos Gaulos, as formigas atacaram seus rostos e subiram por suas cabeças. Em desespero, eles se debatiam e arrancavam os capacetes.

Enquanto isso, Daniel e seu grupo continuavam a atirar outras bolas de barro, atingindo cada vez mais Gaulos.

— Grupo de ataque final! – gritou Daniel.

Dois terços do primeiro grupo passaram, neste instante, a atirar pedras, mirando a cabeça dos Gaulos que haviam retirado seus capacetes.

Quando eram atingidos, os Gaulos perdiam o controle e caíam desmaiados no chão.

Um terço do grupo de Daniel continuou atirando as bolas de barro, para atingir aqueles que ainda estavam com a cabeça protegida.

Depois de alguns minutos, a cena que se via era uma série de Gaulos estirados no chão, sem sentidos. Alguns Meniuns que vinham atrás já estavam um pouco sem coragem, pois nem esperavam que os rebeldes conseguissem passar pelos Gaulos.

Daniel atirou sua última pedra, atingindo o último Gaulo que ainda estava de pé.

— Grupo dois! – ele gritou.

Todos os homens do grupo um saíram para as laterais, dando a volta e indo para trás, no final do terceiro bloco de ataque.

Júlio vinha com seu grupo, empurrando as catapultas.

— Preparar grupo três! – ele gritou.

Marcelo fez sinal para que seus homens se colocassem a postos.

— Carregar! Ao meu comando! – Júlio gritou.

Ele esperou até que os Meniuns estivessem à distância certa.

— Atacar! – gritou com toda a força de seus pulmões.

O segundo grupo desarmou suas catapultas, que arremessaram tripas de bode cheias de água. As tripas voaram pelo ar e atingiram os Meniuns que vinham correndo em direção aos rebeldes. Assim que acertavam o alvo, as tripas estouravam, liberando toda a água e fazendo com que os Meniuns estrebuchassem em desespero.

— Atacar! – Marcelo comandou do terceiro grupo.

Os homens acionaram suas catapultas munidas com redes tecidas pelas velhas do acampamento e adornadas com setas de chumbo nas bordas. Assim que as redes atingiam os Meniuns e os imobilizavam, o primeiro grupo, sob comando de Daniel, corria com pedras e fixava os pinos de chumbo no chão.

Enquanto isso, Júlio e Marcelo continuavam mandando tripas de bode e redes. Alguns Meniuns que ainda não tinham sido atingidos tentavam reagir, mas eram logo atingidos por uma tripa de água.

Assim, pouco a pouco, os Meniuns também foram combatidos e o exército dos rebeldes tomava cada vez mais vulto sobre a cidade.

Olha aquilo!

O

s rebeldes entraram na cidade e seguiram marchando em direção ao castelo. As catapultas tiveram que ser deixadas no campo, já que seria impossível empurrá-las pelas ruas estreitas. Cada soldado carregava duas bolsas de couro com torrões de barro e tripas cheias de água, além de espadas e lanças que haviam pego dos homens do exército de Átira.

Durante o caminho encontraram algumas tropas de guarda. Até Mártinos estavam a postos para lutar, se bem que, estes pareciam mais esconder-se do que qualquer outra coisa.

Daniel, Marcelo, Júlio e Zoia seguiam na frente, juntamente com Ábino e o Líder. Logo em seguida vinham os soldados rebeldes. Alguns eram detidos pelo caminho ao terem que parar para lutar contra os guardas de Átira. Já estavam bem próximos do castelo quando avistaram uma última tropa inimiga. Já não havia muitos homens disponíveis para o combate, mas todos se prepararam para enfrentar os soldados que vinham descendo em sua direção. Alguns segundos antes de a tropa chegar onde eles estavam, Ábino gritou para os meninos:

— Vamos! Sigam em frente!

— Não vamos deixar vocês aqui! – Marcelo gritou de volta.

— Nós temos que seguir o plano! – Ábino respondeu. – Nós cuidamos deles, vocês vão atrás de Althea.

Daniel puxou Marcelo pelo braço.

— Ele tem razão! – ele disse. – Vamos!

Os quatro correram em direção ao palácio. Na sacada principal, na frente do palácio, estavam Átira e a Conselheira. Elas vinham observando tudo o que estava acontecendo. Lá de cima viram Marcelo, Daniel, Júlio e Zoia passarem pelos guardas e se aproximarem. Daniel parou ao vê-las. Júlio, Marcelo e Zoia pararam um pouco atrás dele.

— E agora? – Júlio perguntou, dirigindo-se à Zoia. – Para onde vamos?

Antes que Zoia pudesse responder, Átira e a Conselheira soltaram

uma gargalhada. Aproximaram-se uma da outra e Átira tirou o colar de dentro de sua veste.

— Por ali! – Zoia gritou, apontando uma passagem na lateral do palácio. – Temos que atravessar o pomar e chegar na floresta!

Átira levou a mão dentro de sua veste e retirou de lá o colar. Levantou os braços e passou-o por sua cabeça e a da Conselheira. No momento em que o colar descansou sobre os ombros das duas, começou a emitir uma luz prateada e uma fumaça acinzentada desprendeu-se do chão, fazendo com que as duas se levantassem no ar.

Marcelo parou ao ver o que estava acontecendo.

— Olha aquilo! – ele apontou para cima.

Átira e a Conselheira flutuavam no ar um pouco acima da sacada do palácio. Raios de luz continuavam a brilhar ao redor delas.

— O que está acontecendo? – Júlio perguntou.

Bem ali, em frente aos seus olhos, os corpos de Átira e da Conselheira começaram a se fundir e se transformar. Conforme iam abaixando lentamente para o chão, seus corpos mudavam. Escamas vermelhas cresciam em sua pele e seu tamanho dobrava a cada segundo.

— Elas estão virando um… – balbuciou Júlio.

Daniel e Marcelo estavam estarrecidos olhando o animal que estava à sua frente.

— Um dragão! – gritou Zoia.

— E com duas cabeças! – Daniel estava aterrorizado.

— O que a gente faz agora? – Júlio se desesperou. – Isso também tava no seu sonho, Daniel?

— Não! – Daniel disse. – Agora a gente corre!

Eles correram como suas pernas nunca haviam corrido antes. Enquanto isso, o Dragão terminava sua transformação e erguia suas cabeças no ar, soltando um uivo estarrecedor. Seguiram pela lateral do castelo até chegarem ao pomar. Continuaram correndo até a entrada da floresta, nos fundos do castelo.

Marcelo olhou rapidamente para trás e viu o Dragão vindo ao longe com suas passadas lentas e pesadas. Cada passo fazia o chão estremecer.

— Elas estão vindo! – ele gritou.

— Vamos virar churrasquinho! – Júlio disse, olhando rapidamente para trás.

Entraram na floresta e começaram a correr por entre as árvores.

— Esse lugar é muito parecido com o lugar do meu sonho! – Daniel falou, já sem fôlego.

Eles seguiram em frente, sentindo sob seus pés o tremor dos passos do Dragão se aproximando. Mais alguns metros e atingiram um pântano. Seus pés afundavam no barro e suas passadas eram cada vez mais lentas.

Daniel sentiu de volta a sensação de desespero que tinha durante seus sonhos com Althea, com a única diferença que agora era realidade.

Pararam por alguns segundos, olhando para todos os lados e tentando decidir para onde ir.

— Por aqui! – Zoia apontou para o outro lado do pântano, onde havia a entrada de uma caverna em meio às pedras de uma pequena colina. – É ali!

— Você tem certeza? – Júlio perguntou. – Elas estão muito perto.

— Sim, vamos! – Zoia gritou, apressando o passo em meio ao lodo.

Quando chegaram ao outro lado do pântano, Daniel subiu pelas pedras e entrou na caverna. Lá dentro viu Althea amarrada à uma estaca no chão, dentro de uma cela.

Ao vê-los, ela se levantou. Naquele momento Daniel parou e não conseguiu se mexer por alguns segundos. O brilho dos olhos dela e o vermelho de seus cabelos pareciam transmitir uma paz tão grande que, por um instante, ele se esqueceu do monstro que os seguia e do porquê de estarem ali naquele momento.

— Quem são vocês? – ela perguntou.

— Nós viemos te salvar, Althea! – Marcelo respondeu, passando por Daniel em direção à cela.

— Somos amigos de Seth! – Júlio acrescentou.

— Seth? – Ela se espantou.

— Não temos tempo de explicar, tem um dragão atrás da gente! – disse Marcelo, batendo com uma pedra no cadeado que prendia a porta da cela.

— Dragão? – Althea alterou sua expressão. – O Drageun está atrás de vocês? O que aconteceu?

— Os rebeldes atacaram o Estado, Althea! – Zoia respondeu enquanto Marcelo entrava na cela e desamarrava suas mãos. – Muita coisa mudou desde que você foi capturada!

— Como o Drageun está atrás de vocês? – Althea insistiu. – A Conselheira escapou?

— Bom… – interveio Daniel –, isso é uma longa história, mas

digamos que nós demos uma ajudinha a ela!

Althea olhava de um para o outro, confusa.

— Veja bem – Júlio explicou, desesperado. – A gente tem uma certa tendência a se meter em encrenca e dessa vez foi um Dragão, não com uma, porque isso seria simples, mas com duas cabeças, e ele não me parece lá muito amigável, sabe? Portanto, não temos tempo agora de desenvolver o tema, temos que correr!

— Correr? De jeito nenhum! – Althea respondeu, exaltada. – Nós temos que aproveitar essa oportunidade! – ela gritou, correndo para a frente da caverna.

— Com todo respeito, Althea, mas você tá louca? – Marcelo tentou segurá-la. – Temos que fugir o mais rápido possível! Esse bicho vai acabar com a gente!

— Não! – Althea se livrou. – Essa é a nossa chance de acabar com ele! Só quando estão transformadas em dragão é que podemos destruir Átira e a Conselheira.

— Ai, ai! – Júlio suspirou, colocando a mão na cabeça. – Lá vem mais uma… Daniel, ela deve ser parente sua!

— Acabar com ele! Como? – Daniel ignorou Júlio.

Althea colocou a mão dentro de sua veste e tirou de seu pescoço um cordão com várias contas de madeira e no centro uma casca de semente de cedro presa a ele.

— O que é isso? – Marcelo perguntou.

— Isso – Althea respondeu, quebrando a casca da semente – é a nossa arma contra o Drageun!

De dentro da casca, Althea retirou um cristal fino e pontiagudo.

— O poder do Drageun vem do colar que Átira e a Conselheira usam ao mesmo tempo no pescoço. Se destruirmos o colar no pescoço delas, o Drageun será destruído e as duas juntamente com ele. Essa é a única arma capaz de destruir o colar e essa é a nossa chance!

— Onde você arranjou isso? – Júlio perguntou.

Althea virou-se para ele, seus olhos brilhando.

— Como você mesmo disse, meu rapaz, agora não temos tempo para explicações. – Ela sorriu.

Althea olhou para fora da caverna e viu o dragão atravessando o pântano, aproximando-se.

— Temos que arranjar uma maneira de atirar o cristal de forma que

acerte o colar! – ela exclamou.

— Deixa comigo! – falou Daniel, pegando o cristal da mão de Althea. – Dá aqui que eu acerto bem no meio do bicho! Ninguém aqui tem a pontaria melhor do que a minha!

Pega o cristal!

D

aniel correu para fora da caverna e desceu pelas pedras com o cristal numa mão e a atiradeira na outra. Mirando por baixo ele teria uma chance maior de acertar o colar sem que o cristal fosse interceptado por uma das cabeças do Drageun. Ele posicionou a atiradeira e esticou o elástico. Suas mãos tremiam enquanto ele tentava fazer a mira.

— Vai, Daniel! Atira logo! – Marcelo gritou atrás dele. – Elas estão chegando!

— Elas têm que estar mais perto, dessa distância eu posso errar! – ele respondeu.

O dragão se aproximava com passos pesados. A alguns metros de Daniel, ele abaixou uma de suas cabeças para atacá-lo, soltando labaredas. Daniel deu um pulo para trás e o cristal saiu voando de suas mãos, indo parar em cima de um arbusto, no topo das pedras, a meio caminho entre ele e Marcelo. Daniel virou-se para subir e tentar recuperar o cristal, quando a outra cabeça do Drageun soltou um rugido e outra labareda, dessa vez branca, congelando todo o pântano e as pedras até a caverna.

Marcelo, que estava no topo da colina, perto da entrada, tentou correr para pegar o cristal que havia caído um pouco mais abaixo de onde ele estava, mas ficou com os pés presos no gelo.

Daniel tentava inutilmente subir, escorregando sem parar no gelo.

— Marcelo! – ele gritou – Pega o cristal!

— Não consigo! – Marcelo respondeu, tentando desvencilhar-se.

O dragão continuava se aproximando.

Nesse momento, Júlio saiu de dentro da caverna e se jogou de bunda no chão, escorregando pelo gelo colina abaixo. Num golpe rápido, ele pegou o cristal que estava no meio do caminho e continuou descendo em direção a Daniel, que tinha acabado de conseguir parar em pé.

Júlio vinha descendo sem controle.

— Tô sem freio! – ele gritou.

O Drageun soltou um rugido ensurdecedor e Daniel virou-se em sua

direção. Nesse momento, Júlio, que continuava descendo, deu uma rasteira em Daniel, que caiu em cima dele. Os dois, um em cima do outro, continuaram descendo em direção ao Drageun.

— Pega o cristal! – Júlio gritou, estendendo a mão para Daniel.

Daniel conseguiu pegar o cristal da mão de Júlio e colocou-o precariamente na atiradeira, enquanto eles escorregavam para debaixo do dragão.

Alguns segundos antes de entrarem embaixo do Drageun, Daniel soltou o elástico de sua atiradeira e o cristal voou pelo ar, atingindo certeiro no centro da pedra principal do colar, que se rachou ao meio.

Nesse momento, o Drageun levantou suas cabeças em sinal de agonia e dor. O dragão começou a se debater e raios de luz saíam de dentro dele. Uma grande explosão de luz jogou Daniel e Júlio para longe. Quando se levantaram, viram apenas os corpos de Átira e da Conselheira estendidos no gelo.

— Vocês conseguiram! – Althea gritou, aproximando-se.

Daniel, ainda atordoado, levantou-se e olhou para os corpos.

— Tem certeza que elas estão mortas?

— Sim! – Althea respondeu, correndo em direção às Drageuns. – Podem ficar tranquilos, acabou o tempo de violência nesse mundo!

No momento em que Althea abaixava-se ao lado dos corpos de Átira e Sofira, o que havia sobrado das tropas do Estado atravessava o pântano congelado. Ao aproximarem-se e verem Átira e a Conselheira estendidas no chão, os Gaulos e os Mártinos hesitaram com suas armas nas mãos.

— Vamos, seus covardes! – gritou o Menium que comandava os soldados. – Peguem eles! Vejam o que eles fizeram com a Chefe do Estado e a Conselheira!

Nesse momento, Althea, que havia acabado de pegar o colar das Drageuns e colocá-lo discretamente no bolso, levantou-se, virando-se em direção à tropa, que continuava parada, hesitante.

— Acabou! – ela exclamou. – Não precisamos mais lutar! Acabou a opressão! Chegou a hora de sermos todos livres e vivermos em paz!

Os Gaulos e os Mártinos entreolharam-se e um burburinho começou a correr entre os soldados.

— Elas estão mortas! – uns diziam.

— Não temos mais que seguir ordens de ninguém! – falavam outros.

— Estamos livres! – alguém gritou do meio dos soldados.

Os Gaulos foram os primeiros a largarem suas armas. Os Mártinos ficaram parados, sem saber o que fazer. O comandante Menium tentou instigar a tropa a atacar, mas os Gaulos aproximaram-se dele, ameaçadores.

— Chega de guerra e violência! – interrompeu Althea com um grito. – Daqui para frente o Estado de Alius será uma sociedade justa e democrata!

Os Gaulos que amedrontavam o comandante pararam, mas sua atitude desafiadora não se dissipou. Os Meniuns encolheram-se e acabaram abaixando suas armas. Vendo que o poder estava mudando de mãos, imediatamente os Mártinos tomaram sua decisão e largaram suas armas também.

— Estamos livres! – alguém bradou novamente do meio das tropas.

Em alguns segundos todos estavam gritando e comemorando.

Mais tarde, depois de ter soltado Marcelo do gelo e voltado para o palácio, os três participaram das cerimônias de comemoração da união dos povos. Todos estavam muito felizes e esperançosos com o recomeço do Estado de Alius.

Althea declinou sua posição de líder dizendo já ter cumprido sua missão e que ali não era o seu lugar. Ela então nomeou Ábino como o novo Chefe de Estado.

Ainda havia muito o que resolver e discutir, mas ela sabia que agora o Estado estava em mãos capazes e no caminho certo.

Depois que Althea terminou seu discurso, os meninos e Zoia aproximaram-se.

— Vocês disseram que são amigos de Seth – ela disse quando eles chegaram perto.

— Sim! – respondeu Júlio. – Nós viemos procurar por você, pois Seth, infelizmente, não pode vir.

— Eu sei! – Althea respondeu, com tristeza no olhar.

Daniel e Marcelo entreolharam-se.

— Vocês podem me levar de volta? Precisamos ir o mais rápido possível! – ela pediu.

— Sim! – respondeu Daniel. – Mas vamos precisar voltar ao ponto onde chegamos. Sei que foi no meio da cidade, mas não conseguiria achar o caminho.

— Sífiro foi quem encontrou vocês – disse Zoia. – Ele pode levá-los até lá…

Você triunfou!

O grupo caminhava lentamente em fila indiana pelas ruas e corredores da cidade. Sífiro ia à frente liderando o caminho e soltando seu barulho de borbulhas a cada esquina.

— Esse cara é meio irritante! – Marcelo cochichou para Daniel.

— Se fosse só irritante tava bom! – Daniel cochichou de volta. – O problema é que ele também é falso, vira-casaca! Eu não confio nem um pouco nele!

Alguns segundos depois, Sífiro virou num beco escuro e os três reconheceram o lugar de onde tinham vindo.

— É aqui! – exclamou Júlio.

— Sim, com certeza! – Marcelo abanou a mão na frente do nariz. – A catinga é inconfundível!

Sífiro parou hesitante na beira do beco e Althea tomou a frente do grupo.

— Obrigada, Sífiro – ela disse –, nós seguiremos sozinhos daqui pra frente!

Sífiro soltou umas borbulhas meio indignadas, virou as costas e foi embora. Zoia, que vinha mais atrás, aproximou-se de Althea para se despedir.

— Você tem mesmo que ir? – ela perguntou.

— Sim, Zoia, meu lugar não é aqui – Althea respondeu firmemente.

Zoia abraçou Althea longamente. Quando se soltaram, ela olhou para os meninos, acenando com a mão enquanto esboçava um sorriso, e seguiu seu caminho de volta ao palácio.

Althea e os meninos permaneceram alguns segundos parados, olhando Zoia se afastar.

— Bom! – disse Júlio, interrompendo o silêncio. – Vamos por aqui que devemos achar o ponto onde chegamos!

Os quatro andaram até o final do beco e começaram a procurar algo que pudesse ser o portal que os levaria de volta à caverna.

— Seria muito mais fácil se eles colocassem portas desse lado

também! – Marcelo exclamou, procurando pelos cantos. – Facilitaria tanto a vida da gente!

— Não tem nada aqui! – Daniel ergueu os braços no ar.

— Tem que estar em algum lugar! – insistiu Júlio.

— Tem um buraco na parede aqui! – gritou Althea, apontando para um pedaço onde a parede havia sido parcialmente demolida.

Daniel se aproximou, abaixando-se, e olhou pelo buraco.

— Dá do outro lado do muro, não tem nada! Não pode ser aqui.

— Vai ver que viemos de algum lugar do lado de lá e fomos cuspidos pelo buraco! – Júlio tentou uma explicação.

— Vamos passar pra lá e ver se achamos alguma coisa – disse Daniel, abaixando-se e entrando pelo buraco.

Marcelo, Júlio e Althea o seguiram. Quando chegaram do outro lado, olharam em volta e não viram nada. Por um segundo acharam que não conseguiriam voltar, mas, de repente, o chão sob seus pés começou a rodar, como se estivesse entrando por um ralo, e eles começaram a cair. Uma luz forte os cercou e por alguns segundos eles perderam a consciência.

Ao acordarem, estavam de volta na caverna do tesouro e a porta por onde tinham vindo fechava-se lentamente atrás deles.

Althea acordou confusa e, em poucos segundos, percebendo onde estava, levantou-se correndo e foi para a sala do trono.

— O que ela tem? – perguntou Júlio, ainda zonzo.

Nem bem haviam se levantado e ouviram o grito de Althea na outra sala.

— Nããããoooo!

Os três correram e encontraram Althea vindo em direção a eles com o colar das Drageuns nas mãos.

— O que vocês fizeram? – ela gritou, pulando em cima de Marcelo, que era o primeiro. – Onde ele está?

Marcelo caiu no chão. Daniel e Júlio tentavam tirar Althea de cima dele.

— Calma, Althea! – gritava Júlio. – Do que você está falando?

Daniel e Júlio conseguiram controlá-la com alguma dificuldade enquanto Marcelo se levantava.

— Vocês disseram que eram amigos dele! – Althea exclamou, com lágrimas nos olhos.

Nesse minuto, Júlio percebeu a confusão.

— Ela está falando do Seth! – ele disse.

— O Seth está bem! – Daniel exclamou, dirigindo-se a ela.

— Vocês estão mentindo! Ele sofreu um encantamento e só poderia sair daqui com o Amuleto de Aloni! – ela disse, levantando o colar das Drageuns nas mãos.

— Althea! – Marcelo segurou-a pelos ombros e olhou bem em seus olhos. – Nos libertamos o Seth. Esse colar não é o amuleto de Aloni.

Althea deixou os braços caírem ao lado de seu corpo.

— Mas então por que ele não foi me buscar? – ela perguntou, confusa.

— Porque ele quebrou a perna no dia em que ia fazer isso! – exclamou Marcelo.

Althea olhou o colar em suas mãos sem saber o que fazer.

— Então todo o meu sacrifício foi por nada… – ela desabafou. – Eu fracassei!

— Não! – replicou Júlio. – O seu sacrifício libertou todo um povo! O que você fez salvou milhares de vidas! Você deveria estar orgulhosa de si mesma, não só por ter tido a coragem de ir em busca do amuleto para salvar Seth, mas também por ter lutado por uma causa muito maior!

— Você triunfou! – acrescentou Marcelo.

Althea ficou imóvel e em silêncio por alguns segundos. Daniel passou a mão ao redor de seus ombros e Marcelo fez o mesmo do outro lado.

— Vamos pra casa! – exclamou Daniel. – Tenho certeza que Seth está louco pra te ver!

— E o Marcelo está precisando de um bom banho! – acrescentou Júlio.

Althea hesitou ainda por alguns segundos antes de se deixar levar. Os quatro andaram em direção à saída da caverna, e Althea deixou escorregar por entre seus dedos o colar das Drageuns, que caiu no chão.

_____E. Samuel

nasceu em São Paulo. Seu gosto pela leitura começou por volta de oito anos de idade, e a partir daí, nunca mais parou. Com cerca de doze anos se enveredou em sua primeira aventura literária, escrevendo um conto que, no futuro, daria origem ao que é hoje o livro “Em Busca do Amuleto de Aloni”.

Cursou Engenharia Agrícola na UNICAMP, onde se formou em 1997. Em 2002 mudou-se para o Canadá, onde cursou, na Universidade de Waterloo, o Curso Avançado de Escrita de Ficção.

Em 2014, lançou no Canadá e no Brasil o livro ***Em Busca do Amuleto de Aloni***, o primeiro livro da série ***As Quatro Portas do Tesouro.***

Dentre suas obras, além de ***Em Busca do Amuleto de Aloni***, pode-se citar os títulos inéditos: ***O Resgate de Althea***, o segundo livro da série ***As Quatro Portas do Tesouro***; o romance para jovens e jovens adultos, ***Uma Janela na Praia***; e o romance ***Para Sempre Em Seu Olhar***.

Atualmente, E. Samuel mora com seu marido e filhos no estado de Nova Jersey nos EUA.

Para maiores informações, visite o site: www.asquatroportasdotesouro.com

Siga a autora:
www.facebook.com/asquatroportasdotesouro
www.twitter.com/ES4muel
www.instagram.com/e._samuel